TRABALHO DE EDIÇÃO

Ernande Valentin do Prado
Pedro José Santos Carneiro Cruz
Daniela Gomes de Brito Carneiro
Eymard Mourão Vasconcelos

ARTE DA CAPA
Helena Lima dos Santos

Adilson Marques cursou geografia na USP e mestrado em educação ambiental e doutorado em antropologia das organizações. Trabalhou no Sesc como animador cultural e ajudou na criação da ONG círculo de são Francisco, onde realiza trabalhos voluntários. É autor de 35 livros, abordando temas espiritualistas, envelhecimento e também infantis. Este livro é fruto de sua pesquisa de pós-doutorado na UFScar.

Ministério da **Saúde**

VEPOP-SUS

SUS

A PRÁTICA DA MEDITAÇÃO INTEGRATIVA NA TERCEIRA IDADE | ADILSON MARQUES

Servindo com desinteresse e devoção fraternal
Círculo de São Francisco
Instituto de Animagogia

A prática da Meditação Integrativa na Terceira Idade

UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E ESPIRITUALIDADE

ADILSON MARQUES

VEPOP-SUS

A reimpressão deste livro foi apoiada pelo Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS – Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no SUS, como parte da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS), promovido no âmbito da Universidade Federal da Paraíba por meio do Termo de Cooperação TC 383/2013. Visando apoiar iniciativas de sistematização e reflexões teóricas no campo da Extensão Universitária, Educação Popular e Formação em Saúde, o VEPOP-SUS publicou o Edital nº 08/2016, com o objetivo de oportunizar reimpressão e divulgação de livros já publicados na área. O livro *A PRÁTICA DA MEDITAÇÃO INTEGRATIVA NA TERCEIRA IDADE: Um estudo sobre Educação Popular em saúde e espiritualidade* foi uma das obras contempladas no referido edital.

É proibida a venda de exemplares deste livro, impresso por intermédio deste projeto.

Servindo com desinteresse e devoção fraternal

Círculo de São Francisco

Instituto de Animagogia

Em 2017 a ONG Círculo de São Francisco completará 14 anos de idade. Nesse período, vários voluntários abraçaram a causa do (re)envolvimento humano, ajudando a criar laços comunitários mais sólidos e sustentáveis e, sobretudo, despertando os atributos do espírito na vida cotidiana.

Em 2017 seja voluntário da ONG Círculo de São Francisco

ONG Círculo de São Francisco
Rua 9 de Julho, salas 15, 19 e 21 - Centro
São Carlos/SP - E-mail: ongcsf@hotmail.com

Agradecimentos

A realização desta pesquisa de pós-doutorado só foi possível graças ao apoio de várias pessoas e organizações. Sem o apoio de minha família, dos membros da ONG Círculo de São Francisco, onde nasceu a proposta da Meditação Integrativa aqui exposta, e da coordenação da Universidade Aberta da Terceira Idade, programa da Fundação Educacional São Carlos, que aceitou meu afastamento sem remuneração, não teria tido as condições mínimas para realizar esse trabalho.

Também sou grato à Professora Dra. Maria Waldenez de Oliveira, que supervisionou o estágio e que coordena o programa MAPEPS, na UFSCar, o qual conheci em 2013 e me encantei, renascendo a vontade de fazer um pós-doutoramento 12 anos após a defesa do meu doutorado na USP.

E não poderia deixar de agradecer aos professores da linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, ao chefe do Departamento de Metodologia de Ensino e às secretárias pelo amparo sempre que necessitei durante o período em que estive presente na Universidade Federal de São Carlos.

Venha estagiar no

Programa Homospiritualis

O Programa Homospiritualis foi criado em setembro de 1999 para estimular a Cultura de Paz na cidade de São Carlos. Atualmente é mantido pela ONG Círculo de São Francisco e organiza vários eventos: o Fórum Permanente de Educação, Cultura de Paz e Tolerância Religiosa (desde 2010), a Jornada de Saúde e Espiritualidade (desde 2007), a Jornada de Educação e Espiritualidade (desde 2010) e o Encontro Homospiritualis de Educação e Cultura para a Paz (desde 2001), além de fazer parte da coordenação do Observatório Social da Liberdade Religiosa em São Carlos (desde 2014).

Servindo com desinteresse e devoção fraternal

Círculo de São Francisco

Instituto de Animagogia

conheça nosso blog: www.homospiritualis.org

curta nossa página no facebook: h.spiritualis

Apresentação

A perspectiva compreensiva, dialógica, fenomenológica e participativa que a Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, no Departamento de Metodologia de Ensino, na UFSCar, oferece aos participantes, despertou meu interesse em estudar a Meditação Integrativa, uma técnica de meditação bio-psico-espiritual criada na cidade de São Carlos, entre os anos de 2001 e 2003, e que integra diferentes projetos de anima-ação cultural da ONG Círculo de São Francisco (ONGCSF), entre eles a Gerontagogia Holonômica, tendo como sujeitos um grupo de idosos que se singularizam por serem *médiuns* atuantes em centros espíritas, em terreiros de umbanda, de forma independente em suas casas ou, até mesmo, de forma laica e transreligiosa como ocorre na ONGCSF.

No ano de 2005 a ONGCSF idealizou a Gerontagogia Holonômica como uma proposta de anima-ação cultural com adultos e idosos. Uma das atividades que a integram é o curso "O poder da mente", que foi ofertado entre os anos de 2007 e 2015 aos alunos da Universidade Aberta da Terceira

Idade, na cidade de São Carlos/SP. Neste período cerca de 300 idosos se inscreveram no curso, nas três unidades da escola e, durante as rodas de conversa que aconteceram no curso, aproximadamente 10 % dos participantes afirmaram que eram *médiuns*. Ou seja, afirmavam que viam, ouviam e, em alguns casos, eram capazes de "dar passagem" para que supostos Espíritos se manifestassem através de seus corpos.

Estas revelações espontâneas costumavam acontecer após as vivências com a Meditação Integrativa, quando relatavam para o grupo como havia sido a experiência. Por ser uma forma de meditação que valoriza o sagrado ou o numinoso, devendo ser praticada, portanto, como uma hierofania e não como uma simples técnica para relaxamento mental, combater o estresse ou manter o foco em um objetivo material, o que não quer dizer que ela seja uma atividade, necessariamente, religiosa, os idosos que diziam ser *médiuns* ou que exerciam essa prática social (a mediunidade) em algum contexto religioso ou laico costumavam manifestar "narrativas visionárias"[1] que podem ser associadas e identificadas ao *imaginal* ou ao *mundus imaginalis* teorizado por Henry CORBIN (1969), um dos mais importantes estudiosos ocidentais da espiritualidade islâmica, e que contribuiu significativamente nas atividades do Círculo de Éranos, talvez, até hoje, o grupo de estudo sobre temas espiritualistas mais famoso e consistente, e que reuniu celebridades do mundo acadêmico como C.G. JUNG, Rudolf

[1] Expressão utilizada por Emmanuel KANT (2013) em seu estudo sobre a vidência e outros poderes ocultos de Emanuel Swedenborg, conhecido no século XVIII como "o vidente de espíritos".

OTTO, Gilbert DURAND, James HILLMAN, Mircea ELIADE, entre outros.

Em 2013, após conhecer o projeto MAPEPS, da UFSCar, vinculado à Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, que tem em Paulo FREIRE, Ernani Maria FIORI, Enrique DUSSEL, entre outros autores, suas principais referências teóricas, senti a vontade de submeter um projeto de pesquisa de pós-doutoramento à UFSCar com o objetivo de contribuir para a desestigmatização da prática social da mediunidade através da valorização do ponto de vista de seus atores sociais, procurando compreender a mediunidade, principalmente a umbandística, não como algo "patológico" ou "satânico", mas como um fenômeno humano importante para a vida cotidiana de várias pessoas que vivenciam esse potencial psíquico, sem necessariamente buscar comprovar se a mediunidade é, de fato, o contato entre o "mundo dos mortos" e o "mundo dos vivos", uma vez que reconhecemos e sabemos que há outras interpretações possíveis para esse fenômeno psíquico tão polêmico e conflitual presente na vida cotidiana de várias pessoas, independentemente da classe social, gênero, opção religiosa e idade.

Como já apontamos em outros trabalhos (MARQUES, 2009) há evidências de que a prática social da mediunidade favorece a diminuição de várias perturbações psíquicas ao invés de produzi-las, mas, em vários casos, e é isso que mais nos interessa, auxilia no processo de individuação (autorrealização) ou de "libertação" da pessoa que é considerada *médium*, ao contrário do que afirmava a Psiquiatria até meados do século XX, defendendo que ela gerava loucura e deveria ser, portanto, combatida e proibida socialmente.

No que se refere à Meditação Integrativa, a prática social que pretendemos estudar, ela foi criada na ONGCSF e é utilizada na Animagogia, o programa e também processo educativo que a organização realiza e cujo objetivo é ajudar no despertar do *Homo spiritualis*, em outras palavras, de um modo de ser, pensar e agir no mundo com "habilidade espiritual". E esse objetivo seria alcançado, segundo a proposta da Animagogia, integrando o ego (a consciência humanizada da personalidade, também chamada de *eu inferior* ou *eu exterior*) e o *Self* (a consciência humanizada da individualidade, também chamada de *eu superior* ou *eu interior*), despertando, nesse processo, os atributos do Espírito (amor, felicidade, equanimidade, paz interior, entre outros que veremos adiante).

A Animagogia, por sua vez, se fundamenta na Antropolítica do (re)envolvimento humano que é a dimensão ético-política que orienta o trabalho da ONGCSF e se fundamenta, entre outras, nas contribuições do físico David BOHM (2007, 2008 e 2011) que busca, a partir das teorias quânticas, mas sem ceder às tentações idealistas e solipsistas, estudar a "totalidade" e a "ordem implicada" da realidade em sua relação com o pensamento, compreendendo que a visão geral do mundo (cosmovisão) é crucial para que a mente possa se movimentar dentro do Todo, ou de forma coerente e harmoniosa ou criando separações e fronteiras, separando o mundo em partes desconectadas, separadas e independentes (BOHM, 2008, p. 12).

É possível identificar nestas duas formas de interação entre o pensamento e a "realidade", conforme apontou BOHM, imagens e ideias que remetem aos dois "regimes de imagens" estudados por Gilbert

DURAND (1997), o "diurno" e o "noturno", uma perspectiva de estudos antropológicos que rompe com a visão dominante que afirma ser o imaginário sinônimo de fantasioso. Na teoria durandiana, o imaginário é pensado como o elemento constituinte dos modos de ser, pensar e agir dos indivíduos, das coletividades socioculturais e da humanidade como um todo.

E nossa tentativa de estudar a prática da Meditação Integrativa em um grupo de idosos que se dizem *médiuns* pode favorecer o desabrochar de um novo campo de pesquisa voltado para a compreensão das manifestações naturais e saudáveis das criações imaginárias ou noéticas, tratando com respeito as vivências, opiniões e/ou crenças transmitidas pelos sujeitos participantes, sem rotulá-los ou estigmatizá-los, mas mantendo um compromisso ético de estudar e valorizar questões abandonadas ou negligenciadas pelos "paradigmas da ordem" – tanto no campo da pesquisa, do ensino e da vida como um todo, pois os processos educativos não se restringem ao ambiente escolar. E também, como afirmaria DUSSEL (1993), permitir que essas pessoas que, de certa forma, são vítimas de uma violência simbólica (quando não também de violência física em manicômios ou mesmo em seus lares e até na escola) na vida cotidiana, e muitas vezes *excluídas* e *oprimidas* por uma sociedade que as trata como esquizofrênicas ou delirantes, reconheçam sua "exterioridade" e possam celebrar a vida ou afirmar sua dignidade humana.

Assim, nesta modesta investigação, aberta ao conflito, à complexidade, ao probabilismo, à incerteza, à contestação e à dúvida, o objetivo central é revalorizar a subjetividade, o indivíduo e a história, talvez o cerne e a atitude diante da vida que

aproxima e complementa os diferentes autores (e suas respectivas propostas teóricas e metodológicas) citados acima, em nome do respeito e da afirmação da alteridade.

Adilson Marques com dona Valquiria, que iniciou seu trabalho com os Círculos de Cultura, em Natal/RN, há 40 anos, diretamente com Paulo Freire.

Sumário

Inserção na Prática Social 13

Introdução 51

PARTE I
A ONGCSF: da Antropolítica do (re)envolvimento humano à Meditação Integrativa . . 81

Capítulo 1 - A constituição da Antropolítica do (re)envolvimento humano enquanto um movimento ético-político e paradigmático 119

Capítulo 2 - A dimensão metafísica da Animagogia e sua práxis educativa através da Gerontagogia Holonômica 152

Capítulo 3 - A Meditação Integrativa como atividade de anima-ação cultural
e o (re)envolvimento humano 152

PARTE II
a mediunidade como prática social, estigmatização e perturbações psíquicas 173

Capítulo 4 - a mediunidade é uma prática social popular com diferentes significados . . 175

Capítulo 5 - está a escola preparada para acolher um aluno médium?. 191

Capítulo 6 - A prática da Meditação Integrativa com idosos médiuns 209

Considerações finais 231

Bibliografia consultada 257

Inserção na Prática Social

Nesta apresentação pretendo expor como ocorreu minha inserção na ONG Círculo de São Francisco (ONGCSF) que criou e difunde a Meditação Integrativa, prática social que iremos estudar tendo como grupo-sujeito idosos que afirmam serem *médiuns*.

Entre os anos de 2001 e 2003, ainda ignorando os pressupostos da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, participei de uma experiência mediúnica singular e laica que deu origem à ONGCSF, em 2003, na cidade de São Carlos. A única diferença é que eu não procurei o grupo que realizava essa prática social para estudá-la, mas fui procurado e convidado pelo grupo que fundou a ONGCSF para me integrar a ele, de uma forma nada convencional, como apresentarei a seguir.

Eu vim morar em São Carlos em 1998 para trabalhar como animador cultural no SESC São Carlos e, no ano seguinte, fiz diferentes cursos de Reiki, uma prática bioenergética de origem japonesa, mas que foi sistematizada nos EUA, de onde se expandiu para outros países, inclusive, para o Brasil, no final da década de 1980. A iniciativa

para fazer tais cursos foi tentar resolver um problema que estava vivenciando na cidade: mesmo sem intenção, eu acabava interferindo no mundo material, abrindo portas, acendendo ou apagando luzes, derrubando objetos etc. sem a necessidade do contato físico. Bastava me aproximar de certos locais para estes fenômenos acontecerem.

Foi uma estudante do curso de Psicologia, da UFSCar, que me disse para fazer os cursos, pois eu teria "energia para doar". Após fazer os níveis I, II e III do referido curso, junto com um professor de Tai Chi Chuan e uma professora de danças circulares e meditação, montamos um espaço cultural na cidade de São Carlos chamado Encantos da Lua - Centro de Estudos e Vivências Cooperativas e para a Paz, em setembro do ano 2000, para sediar o Programa Homospiritualis, criado um ano antes por mim para difundir, no município, os valores da Cultura de Paz, seguindo as orientações do manifesto da UNESCO para a década da cultura de paz e não-violência (2001-2010) e, ao mesmo tempo, oferecer as práticas que dominávamos, gratuitamente.

A Encantos da Lua teve uma existência curta, de 2000 a 2003, coincidindo com o período em que realizei o meu doutorado na Faculdade de Educação da USP, pois usava parte do recurso da bolsa que recebia da FAPESP para pagar o aluguel da casa, onde eu também morava, e manter o espaço aberto e funcionando com as atividades acima.

Porém, em 2001, eu estava na Encantos da Lua quando recebi a visita de dois rapazes querendo conhecer o trabalho que ali realizávamos. Os dois eram estudantes de Química, na USP, e tinham em torno de 23 anos de idade. Cerca de duas horas depois, ao se sentirem à vontade, um deles

falou que era *médium* e que um Espírito havia passado para ele o meu nome e o endereço da Encantos da Lua. O "ser incorpóreo" queria conversar comigo e por isso teria pedido ao *médium* para fazer o contato.

Até aquele momento eu não tinha participado de nenhuma experiência mediúnica e achava que o contato com os Espíritos não passava de charlatanismo e mistificação. Mas achei a ideia interessante e quis saber como era conversar com um suposto Espírito. Fomos até a sala onde as sessões de Reiki aconteciam e o *médium* deu "passagem" para o Espírito que começou a dialogar comigo. Este se apresentou como dr. Felipe, afirmando ser membro da equipe espiritual do dr. Bezerra de Menezes, e me passou várias informações, inclusive sobre supostas vidas passadas. Porém, a que mais me intrigou, naquele primeiro encontro, foi quando ele disse que eu não precisaria fazer o curso para me tornar mestre de Reiki, que custava, na época, R$ 5.000,00. Esta informação me desconcertou, pois ninguém sabia que eu pretendia fazer tal curso, muito menos o *médium* que eu acabara de conhecer.

As demais informações, apesar de interessantes, poderiam muito bem ter sido inventadas pelo *médium*, uma vez que eu não tinha elementos para comprovar. Por exemplo, que no século VIII eu havia vivido como um monge budista na China ou que eu havia encarnado como um indígena, da etnia Kaingang, no Brasil, antes da colonização do país. Porém, ao falar de um curso que eu pretendia fazer, sendo que ninguém sabia disso, realmente me fez aceitar a hipótese de que eu estava diante de alguém que conhecia minha vida e que se comunicava comigo através do corpo do *médium*.

Minha intenção em fazer a forma-

ção para ser mestre de Reiki foi o fato de ter intuído (ou canalizado, em linguagem esotérica) uma das técnicas que formam atualmente a Terapia Vibracional Integrativa (TVI). Em 2001, eu a chamava de "mandala reiki", pois seria uma forma coletiva de auto-aplicação da técnica. Ela foi realizada durante vários meses na Encantos da Lua e também, experimentalmente, com professores de uma escola infantil particular, com alunos de uma escola de pré-vestibular, com pessoas com deficiência física e mental, e até mesmo com policiais militares.

O sucesso em sua realização me deu vontade de ensiná-la para outros reikianos. Porém, o mestre que me "sintonizou" na técnica disse que apenas os que possuíam o título de mestre poderiam criar e ensinar novas formas de aplicação do reiki. Assim, para eu divulgar o "mandala reiki" eu precisaria ser um mestre e o valor do curso era, na época, de R$ 5.000,00.

Estávamos na véspera do curso quando o dr. Felipe, através daquele *médium*, disse que ele havia me intuído e se ofereceu para me ensinar tudo o que seria necessário para se "enviar energia" para as pessoas, livre de mistificação, charlatanismo e, o mais importante, de graça. Ao aceitar a proposta, ele me pediu para combinar com o *médium* reuniões semanais de aproximadamente 2 horas cada, assim que houvesse a "desincorporação". E estas reuniões aconteceram de 2001 a 2003 na Encantos da Lua e foi através delas que nasceu a Terapia Vibracional Integrativa (TVI), formada por técnicas de imposição das mãos, Meditações Integrativas e técnicas de Chi Kung, transmitidas por este Espírito e outros que se manifestavam através do mesmo *médium* e se identificavam com os seguintes nomes: Flor de Lótus (hindu), Fo-

lha Verde, Tupã e Pena Branca (indígenas), Pai Tomé (preto-velho) e Zezinho (criança ou erê, na linguagem da umbanda).

Segundo o dr. Felipe, supostamente eu já sabia tudo aquilo que ele me ensinava. Em tese, ele estaria apenas me ajudando a se lembrar. Segundo ele, como já salientei, eu teria vivido como um monge budista na China, no século VIII, chamado Lao C'han Sui e que já usava todas aquelas técnicas no mosteiro em que vivia.

É importante salientar que não foi somente eu que tinha aulas com os "espíritos". Minha companheira, na época, aprendia técnicas de massagem e acupuntura com eles e outros participantes da Encantos da Lua aprendiam DO-IN e outras técnicas.

Apesar de ter sido uma experiência singular que me fez aceitar a hipótese de existir a vida após a morte, pois, supostamente, eu dialogava com um ser incorpóreo que me conhecia de "outras encarnações" e que afirmava ter sido alemão em sua última vida na Terra, tendo "desencarnado" na segunda guerra mundial, enquanto trabalhava no socorro aos soldados feridos, de ambos os lados do conflito, eu ainda não aceitava como plausível a reencarnação, nem mesmo como uma hipótese a ser considerada.

Esta aceitação, porém, aconteceu por volta de 2009, com outra experiência insólita e singular. Eu havia sido convidado para ministrar um curso de TVI em um centro espiritualista na cidade de Natal/RN, chamado Auta de Luz, cuja mentora espiritual, em tese, é o Espírito que viveu como Auta de Souza, uma poeta potiguar, do século XIX, que se tornou conhecida no meio espiritista brasileiro através dos poemas supostamente escritos por ela e psicografados por Chico Xavier.

Lá, um Espírito que se manifestava na forma de preto-velho, incorporado a uma *médium*, começou a me chamar em público de "bispo". Eu não entendia o motivo e até achava engraçado o fato. Porém, em particular, ele contou-me que eu havia encarnado na França, por volta do século XVII, e vivenciado a experiência humanizada na forma de um bispo católico. Naquela suposta encarnação eu teria me comprometido "carmicamente" por ter engravidado várias freiras e as forçado a abortar.

Acaso ou não, vários meses depois, uma mulher, funcionária na USP de São Carlos, procurou-me querendo fazer uma regressão de memória devido a alguns sonhos que ela tinha frequentemente e que se intensificaram após a morte de seu filho. Apesar de ter feito um curso de hipnose e ter realizado algumas regressões, por volta de 2008, eu evitava fazer tais experiências pois a maioria das pessoas deseja fazer uma "regressão" de memória por curiosidade e não por necessidade.

Mas ela insistiu tanto que combinei o seguinte: eu faria a regressão caso ela me autorizasse a escrever sobre os fatos que aparecessem durante a prática, se fossem interessantes. Com seu consentimento, fizemos cinco sessões de duas horas cada, uma por semana. Logo na primeira, ela se viu como freira e começou a descrever situações muito semelhantes a que me foi passada pelo "preto-velho", na cidade de Natal/RN. E, na última regressão, ela disse meio sem jeito que o bispo que aparecia em suas lembranças teria sido eu.

Em nenhum momento eu falei qualquer coisa para ela que pudesse interferir em seu relato ou induzi-la. Mas, na última sessão, após ela falar que eu teria sido o bispo que aparecia em suas "recordações",

confessei que estava considerando seriamente a hipótese de ser realmente o bispo da história por ela narrada e contei o que havia se passado alguns meses antes na cidade de Natal/RN.

Curiosamente, de 2009 à 2015, recebi, nos mais diferentes centros espiritualistas onde fui ministrar algum curso, informações sobre o suposto bispo, como se fossem peças de um gigantesco "quebra-cabeça" ou uma investigação *a la Sherlock Holmes*. Com elas, cheguei ao bispo Jean Baptiste Louis Gaston de Noailles que viveu na França de 1669 a 1720. Em 2016, consegui ir duas vezes a França para levantar mais informações sobre a vida desse bispo, além das disponíveis na *internet*, comparando as informações que obtive através de *médiuns* com as referências históricas sobre ele.

Essa experiência, e outras que aconteceram posteriormente, convenceram-me, mesmo não provando, que a hipótese reencarnacionista deve ser levada em consideração, ou seja, pode ser que realmente sejamos Espíritos eternos vivenciando uma experiência humanizada, como afirmava CHARDIN, e que, talvez, não devemos nos referir à morte como sendo o oposto da vida. O oposto da morte pode ser o nascimento. Em outras palavras, pode ser que a vida seja una, ininterrupta, marcada, porém, por momentos de nascimentos e mortes, ou seja, por reencarnações.

Mas voltando às reuniões mediúnicas realizadas sob orientação do dr. Felipe, entre 2001 e 2003, elas foram de fundamental importância para se construir o corpo teórico da Animagogia, enquanto um programa educativo espiritualista e transreligioso, e as técnicas da TVI, entre elas as de Meditações Integrativas, utilizadas nos projetos de anima-ação cultural promovidos pela ONGCSF.

NÃO VIOLÊNCIA
RETIDÃO
AMOR
VERDADE
PAZ

Grupo Auta de Luz, de Natal/RN, um dos principais parceiros da ONG Círculo de São Francisco no território brasileiro. O grupo tem como "mentora" a poeta potiguar Auta de Souza, que ficou famosa no meio espiritista devido às mensagens psicografadas por Chico Xavier

Para não alongar demais, vou relatar e descrever algumas das reuniões mediúnicas das quais participei e como elas foram importantes para se consolidar a Animagogia e seus ensinamentos. É importante salientar que elas aconteceram na sede da Encantos da Lua, antes da criação da ONG-CSF, local que passou a aplicar tais ensinamentos na cidade de São Carlos.

Para que pudéssemos compreender que a consciência humanizada pode se manifestar de duas formas bem distintas, porém, complementares: o ego (a consciência humanizada da "personalidade") e o *Self* (a consciência humanizada da "individualidade"), foi realizada uma experiência mediúnica bem singular. O dr. Felipe pediu para algumas pessoas levarem seus filhos para a reunião que aconteceria na semana seguinte. Cinco crianças com idade entre 1 e 3 anos de vida foram levadas por seus pais. Ao entrarem na sala onde a reunião aconteceria, todas as crianças, simultaneamente, dormiram. Eu fiquei sem entender o motivo. Até ironizei o fato, afirmando que a experiência daquela noite não aconteceria, pois as crianças dormiam e nada indicava que acordariam para a realização da experiência.

Como dormiam profundamente, todas ficaram deitadas em um canto da sala, sobre colchonetes, enquanto a reunião mediúnica acontecia como de costume, sem nenhuma novidade. Ou seja, naquela noite, vários desenhos e mensagens foram psicografadas por alguns *médiuns* e não fazia sentido o porquê das crianças dormindo em um canto da sala. Porém, assim que a reunião terminou, as crianças acordaram praticamente ao mesmo tempo. Novamente, achei que tinha sido por mero acaso.

O dr. Felipe, porém, disse ao grupo que todas as mensagens e os desenhos da-

quela noite haviam sido feitos por elas, as crianças. Supostamente, foram despertadas em Espírito, enquanto o corpo dormia, e recuperaram a consciência da individualidade (*Self*) para se comunicarem através dos *médiuns*.

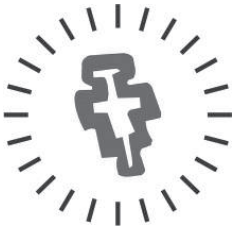
E de fato as mensagens transmitiam informações de cunho moral e orientações para alguns dos presentes que não poderiam ter saído da mente de uma criança em seu estado de vigília. Aliás, elas nem eram alfabetizadas ainda e poucas falavam. Ou seja, o cérebro das crianças não seria capaz de processar as informações ali transmitidas. Enfim, as mensagens e os desenhos realizados contrariavam todo e qualquer conhecimento psicológico de fundo materialista e só poderiam ser explicados, aceitando a hipótese que foram realmente os Espíritos das crianças adormecidas que as transmitiram, se, de fato, uma outra consciência, muito mais ampla e que traz em si suas experiências passadas, estava ali se manifestando através dos *médiuns*.

Obviamente que não temos como afirmar categoricamente que o trabalho foi realizado por Espíritos e não pelo subconsciente dos *médiuns*. Mas, partindo da hipótese que de fato foram as crianças em Espírito que transmitiram as mensagens psicografadas e fizeram os desenhos, estávamos verificando as duas faces da consciência humanizada. A primeira (ego), que se manifesta no estado de vigília, típica de crianças com idade entre 1 e 3 anos, atuando de acordo com as condições materiais do cérebro e sua capacidade de percepção e construção da realidade, e uma outra, que costuma ser chamada de *Self*, e que seria a consciência da individualidade, mas que, durante o estado de vigília, manifesta-se como o "inconsciente coletivo" de JUNG,

ou, como preferimos, na forma de "transconsciente", termo utilizado, por exemplo, por ELIADE. A primeira está vinculada diretamente a atual existência ou experiência encarnatória, e, por isso mesmo, é chamada de consciência da personalidade. Enquanto isso, a segunda, em tese, seria muito mais ampla e carregaria em si toda a experiência acumulada pela individualidade.

Entender o funcionamento do ego é mais compreensível, pois é a consciência encarnada, que funciona durante o estado de vigília e processa as informações provenientes do mundo exterior, captadas pelos cinco sentidos, e é responsável pelas atividades psíquicas ditas normais, como o pensamento racional e as emoções, mas também, na ótica da Animagogia, pelas experiências psíquicas como a telepatia, a psicometria e também a mediunidade, como veremos adiante. O ego é o responsável pela percepção, no sentido proposto por MERLEAU-PONTY (1999), ou seja, relacionada com a representação que originará diferentes formas de apreensão e construção do mundo, em um processo intersubjetivo, uma vez que o mundo seria único para todos, como afirma FIORI, em uma perspectiva fenomenológica, distinguindo esta da perspectiva proposta pelo solipsismo (idealismo) que afirma existir um mundo distinto para cada consciência e que, cada uma, projeta mentalmente a sua própria realidade:

> *A comunicação da consciência (a intersubjetividade) supõe um mundo comum. Se cada um constituísse seu mundo, esse não poderia ser a mediação para o encontro das consciências, e estas se comunicariam sem o mun-*



> *do - o que não é o caso, pois somos seres encarnados - ou não se comunicariam*. (2014, 59)

Por outro lado, além dessa consciência que chamamos de ego, há uma segunda, da qual a primeira deriva e que atua, predominantemente, durante o sono, e durante os estados "ampliados" de consciência. Esta é a responsável pela produção das atividades noéticas, na visão da Animagogia, e que são distintas das atividades psíquicas ordinárias, comuns no estado de vigília, e das paranormais que dependem também do ego para acontecer. No caso do *Self* , o responsável pelas atividades noéticas, ele parece ser capaz de se comunicar sem o mundo, como algumas experiências anômalas sugerem. Mas ele também se manifesta no estado de vigília na forma de intuições que nunca sabemos de onde vêm ou como se formaram. Não é fácil distinguir as atividades psíquicas paranormais das atividades noéticas, porém, mais adiante, após apresentarmos as dimensões existenciais de acordo com a cosmovisão da Animagogia, essa distinção será mais compreensível.

No momento, e para melhor distinguir a ação do ego e do *Self*, segundo a Animagogia, a partir da experiência mediúnica relatada acima, podemos dizer que, no estado de vigília parece que somos dependentes do cérebro para processar a linguagem e outros processos psíquicos normais, como a própria percepção e criação da nossa identidade. Porém, o *Self* parece não depender do cérebro para se manifestar. Em outras palavras, a comunicação que o Espírito pode transmitir quando se encontra consciente de ser uma individualidade, seja no estado de "desencarnado"

ou durante o sono, como no caso daquelas crianças, não se processa através do cérebro físico e pode manifestar uma consciência muito mais ampla e rica em informações (o transconsciente) pois não descarta as supostas experiências adquiridas, em tese, em outras existências, ou seja, em vidas passadas.

Porém, há também evidências que não basta morrer para nos tornarmos ou voltarmos a ser um Espírito plenamente consciente, ou seja, nos desligarmos completamente do ego para vivenciar nossa existência espiritual através do *Self*. Esse processo aconteceu com aquelas crianças, mas é comum verificar nos trabalhos de Animagogia com seres incorpóreos que acontecem através da Apometria, uma das técnicas utilizadas na ONGCSF, que muitos "desencarnados" parecem permanecer iludidos com a personalidade vivida, mesmo depois de "mortos", mantendo os mesmos hábitos e interesses, ou seja, permanecendo presos ao ego construído para vivenciar sua última encarnação. É o que se verifica também nos atendimentos espiritistas chamados de "desobsessão" ou de "doutrinação" apesar do espiritismo não utilizar essa distinção entre ego e Self e chamar todos os "desencarnados" de Espíritos[2].

[2] Na Animagogia, o termo Espírito é utilizado apenas para a essência, o Ser, a Mônada. Este, para adquirir experiência e sabedoria, vai humanizar-se primeiro se constituindo enquanto uma individualidade e, posteriormente como uma personalidade que encarna. Dentro dessa perspectiva, os "desencarnados" que são assistidos em trabalhos como o de Apometria são considerados como seres humanizados iludidos pelo ego ou presos à personalidade. A diferença entre eles e nós é o vínculo com um corpo físico. Eles seriam seres humanizados incorpóreos e nós seres humanizados encarnados, mas ambos ainda presos a uma personalidade criada para a última existência planejada por uma individualidade.

Nos casos em que o Espírito ou, melhor dizendo, o ser humanizado incorpóreo se encontra iludido, temos a impressão que, mesmo "desencarnado", a consciência da individualidade permanece adormecida nos seres que se manifestam mediunicamente em busca de socorro ou esclarecimento. Uma experiência mediúnica que vivenciei e que ajuda a pensar nesta questão, aconteceu da seguinte forma:

Em uma das primeiras reuniões que participei com o dr. Felipe, ele me informou que o *médium* que era utilizado como instrumento para sua manifestação realizava um trabalho de "doutrinação de Espíritos" e me convidou para assistir as reuniões que aconteciam na casa do *médium* e que passaram a ser realizadas na Encantos da Lua e também na ONGCSF, após sua criação. O dr. Felipe gostaria que eu escrevesse, se possível, um livro sobre a experiência. Estávamos ainda em 2001 e eu não tinha terminado o meu doutorado, mas aceitei a proposta e acumulei as duas pesquisas, a do doutorado e essa sob a supervisão do dr. Felipe.

Durante um ano e meio acompanhei as reuniões que o *médium* organizava com outras quatro pessoas e anotava cuidadosamente tudo o que acontecia nas reuniões que eram da seguinte maneira: o grupo se encontrava no dia e horário pré-estabelecido e após uma primeira oração e leitura de uma passagem do livro "O evangelho segundo o espiritismo", de Allan Kardec, acontecia a incorporação no *médium* do dr. Felipe. Este, então, falava sobre o trabalho que aconteceria naquela noite. Por exemplo, informava se os seres humanizados incorpóreos que seriam atendidos tinham cometido suicídio ou o que estava causando sofrimento a eles do "outro lado da

vida", na dimensão que na Animagogia é chamada de *Psicosfera*.

As reuniões eram sempre temáticas, ou seja, sempre com a presença de seres incorpóreos que enfrentavam o mesmo problema ou similares. Eventualmente, durante semanas, o tema era sempre o mesmo: apego material, suicídio, fanatismo religioso, entre outros.

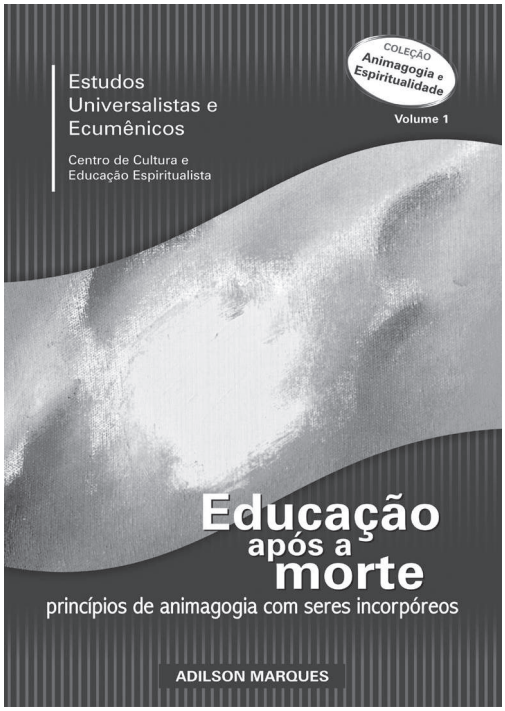
Além de informar qual era o problema que seria tratado naquela noite, o dr. Felipe, sempre incorporado no *médium*, fazia uma pequena palestra, de aproximadamente 20 minutos, abordando a dimensão espiritual daquele tema. Por exemplo, se a reunião iria tratar de seres humanizados incorpóreos que estavam sofrendo devido ao apego material e não aceitavam o fato de estarem "mortos", desejando permanecer na casa onde viviam, a palestra abordava a importância do desapego para a libertação deles.

E o trabalho, após a palestra, consistia, basicamente, em dialogar com alguns, que se manifestavam através de um *médium* de incorporação, ou deixá-los se expressar através do desenho ou da escrita, quando era este o encaminhamento. Toda a organização do trabalho era conduzido pelo Espírito que se identificava como dr. Felipe.

Duas *médiuns* faziam as psicografias e os desenhos enquanto o *médium* que dava "passagem" ao dr. Felipe também costumava "incorporar" os seres que deveriam ser "doutrinados" naquela noite para que uma outra pessoa, que ali era identificada como "doutrinador", conversasse com eles. Diferentemente das práticas sociais de exorcismo onde, em tese, o Espírito é "expulso" do corpo da pessoa, nos trabalhos de "doutrinação" eles são tratados como seres iludidos que precisam ser "esclarecidos" ou

"evangelizados". Eles não são tratados como "seres do mal", mas como "ignorantes das leis espirituais".

E quase dois anos depois, após eu considerar já ter reunido material suficiente para a produção do livro, conversei com o dr. Felipe se eu teria liberdade para escrever da minha maneira e ele disse que sim, afirmando que eu seria "filósofo" e não, necessariamente, "espírita". E foi assim escrevi meu primeiro livro que recebeu o seguinte nome: *Educação após a morte - princípios de animagogia com seres incorpóreos*, lançado no aniversário de um ano da ONGCSF e que teve três edições, em 2004, 2009 e 2011. Nele apresentei, pela primeira vez, o conceito de Animagogia, distinguindo essa educação espiritual da "doutrinação", o termo mais comumente utilizado nas práticas espiritistas.



Capa da 2ª Edição publicada em 2009

Na primeira reunião mediúnica que tivemos, após o lançamento do livro, na ONGCSF, o dr. Felipe brincou comigo dizendo que o material ali impresso seria um sucesso no "plano espiritual", mas que, na Terra, ninguém leria. Não entendi a brincadeira e perguntei o motivo. E ele respondeu: "não é um livro de educação após a morte? pois é, quem vai

querer lê-lo antes de morrer?"

Depois de rir da brincadeira, perguntei se ele tinha gostado do livro e sua resposta me desconcertou, mas ajudou muito em minha própria animagogia ou processo metanoico de autotransformação ou de sensibilidade. Ele disse: "vai ajudar quem ler, mas para você não teve nenhum valor. Você não adquiriu nenhum mérito ao escrever esse livro". Ao questionar o porquê, ouvi o seguinte: "Você escreveu o livro com orgulho e a intenção para o Espírito é mais importante que a ação". Esse ensinamento moral me ajudou a dar mais valor à intenção que está por trás de nossas ações. De todo ensinamento que apreendi nessa experiência mediúnica, este talvez foi o que mais me transformou interiormente. Desde então passei a dar a mesma atenção à ação, mas também com a intenção que a move.

Essa experiência, porém, do ponto de vista animagógico evidenciou que não basta desencarnar para, automaticamente, recuperar a consciência da individualidade, que seria o *Self* e que, durante a encarnação, se manifesta de forma "inconsciente", seja através de intuições e outros fenômenos noéticos. É o *Self* que teria condições de escolher seu gênero de existência e criar um novo personagem para vivenciar em sua próxima encarnação na Terra. Porém, no retorno à Psicosfera, em tese, muitos parecem iludidos pelo ego, a consciência da personalidade, e passam a habitar essa dimensão, onde estariam as "colônias espirituais", mas que ainda não seria o "verdadeiro" plano espiritual, presos à personalidade que acabaram de viver na Terra. Somente após a libertação plena do ego é que poderíamos avaliar e planejar novas encarnações, na perspectiva da Animagogia, daí o trabalho mediúnico realizado com

esses seres para despertar a consciência da individualidade e não para reforçar o ego.

Uma outra experiência mediúnica vivenciada sob a orientação do dr. Felipe que gostaria de relatar, aconteceu no final de 2003. Não me lembro ao certo, mas acredito que cerca de 10 pessoas participaram naquela noite de uma vivência de "materialização" de pétalas de rosas. Ela serviu para se pensar na possibilidade de interferir nas leis naturais ou na dinâmica material da vida, ou seja, a produção dos chamados "milagres" tão comuns nos relatos populares e que movimentam cidades como Aparecida do Norte, no Vale do Paraíba, com milhares de peregrinos que vão agradecer por uma cura ou outra conquista para a qual atribuem a presença de uma força sobre-humana ou espiritual. Em suma, para compreender como a Biosfera está imersa na Psicosfera e esta, por sua vez, na Noosfera, onde se encontram as "causas", a Animagogia afirma que na Biosfera acontecem os "efeitos". Assim, quando necessário, são possíveis e permitidas intervenções, o que não significa que a mente projeta a matéria, como afirma o pensamento solipsista, uma vez que não é necessariamente a nossa vontade que altera a matéria, mas o "merecimento".

Vou relatar a experiência para melhor compreensão do que pretendemos discutir. Naquela noite, o dr. Felipe nos disse que estávamos recebendo um visitante ilustre, o dr. Bezerra de Menezes. Falou também que havia sido autorizada uma experiência diferente das já realizadas pelo grupo: seria uma experiência de efeito físico. A sala onde estávamos ficou muito gelada, apesar de não estarmos no inverno, e todas as luzes tiveram que ser apagadas. Aquela experiência só seria possível no escuro para

não "queimar o ectoplasma" necessário para o experimento, disse o dr. Felipe.

Passado alguns minutos, algo começou a cair sobre as pessoas presentes. Quando foi autorizado acender as luzes, a sala estava tomada por pétalas de rosas. Mais de 200 pétalas estavam espalhadas pelo chão.

Segundo o dr. Felipe não se tratou de uma materialização propriamente dita, que seria também possível, mas que exigiria muito mais energia. O que ali tinha acontecido seria um "fenômeno de transporte", ou seja, rosas reais ou materiais teriam sido colhidas em algum local da cidade e tiveram suas moléculas alteradas por forças espirituais para ficarem invisíveis. Em seguida, foram trazidas até a sala e novamente tornadas visíveis, passando a sofrer o processo biológico natural, ou seja, começando um processo de degradação.

Algumas pessoas plastificaram suas pétalas; outros guardaram em geladeira... aquelas que ficaram ao sabor do tempo começaram a secar e se desintegraram naturalmente alguns dias depois.

Obviamente que as pessoas que não estavam presentes na experiência podem afirmar que houve fraude, que o *médium* levou as pétalas escondidas para jogar nas pessoas, entre outras conclusões. Porém, considerando essa hipótese nula, podemos afirmar que ela demonstra ou evidencia que, em alguns casos, seria possível uma intervenção espiritual sobre a matéria, o que resultaria em curas consideradas milagrosas. Segundo o dr. Felipe, uma intervenção como essa para acontecer necessita de três elementos:

1) a presença em certa quantidade de uma energia que apenas os seres encarnados possuem, pois ela seria produzida

pelo corpo físico, e que é chamada no meio espiritualista de "ectoplasma". Segundo ainda o dr. Felipe, os chamados "médiuns de efeito físico" são os que a produzem em grande quantidade, daí a necessidade deles para a materialização ou outros efeitos físicos acontecerem, como os que vivenciei no final do século XX. Em tese, eu seria, segundo o dr. Felipe, um "médium de efeito físico";

2) o auxilio de uma "consciência incorpórea" ou uma equipe com várias individualidades incorpóreas e com conhecimento para manipular essa energia, inclusive, realizando as curas espirituais e, finalmente;

3) a permissão divina ou dos chamados "espíritos superiores" que teriam acesso à Deus. Sem tal permissão, o efeito físico não aconteceria. Isso explicaria porque não bastaria pensar para um efeito físico qualquer acontecer. Mas se houver a permissão, pode ser que venha, de fato, a acontecer. No meu caso, nas primeiras experiências vivenciadas no final do século XX, eu não tinha a intenção de acender luz ou abrir portas, mas o ectoplasma que eu produzia era utilizado para fazê-los acontecer e despertar minha atenção e curiosidade.

Obviamente que não temos como afirmar se tal ensinamento é verdadeiro ou não, mas a faticidade da "materialização" de pétalas de rosas aconteceu na presença de várias pessoas. Apesar da ausência de luz "para não queimar o ectoplasma", não havia, como salientei, nenhum indício de fraude, ou seja, de que o *médium* teria ido para a reunião com centenas de pétalas escondidas para jogar sobre as pessoas.

Uma outra experiência que gostaria de relatar, entre as várias que tive a oportunidade de vivenciar, foi sobre a "leitura

do pensamento". Ficou evidente para mim que os seres incorpóreos são capazes de ler nossos pensamentos e também nossas emoções. Se na Biosfera eles não são facilmente acessados, eles parecem ser "páginas abertas" na Psicosfera. A experiência aconteceu da seguinte maneira. O *médium* que "dava passagem" para o dr. Felipe costumava semanalmente, no período noturno, distribuir um pão com manteiga e um copo de café com leite para moradores de rua. Ele percorria alguns pontos da cidade de São Carlos e ao encontrar um morador de rua, oferecia o lanche e convidava a pessoa para fazer uma oração e conversava alguns minutos com o mesmo. Particularmente, não tinha nada contra essa prática, mas achava que a mesma não era suficiente para mudar a situação daquelas pessoas destituídas de cidadania e excluídas socialmente. Mas eu nunca manifestei a minha opinião para ninguém. Era um segredo que eu guardava comigo. Porém, certa noite, antes dele sair para entregar o lanche, o dr. Felipe "incorporou" no *médium* e veio conversar comigo. Ele me disse que aquele não seria necessariamente um trabalho social, mas espiritual. O lanche era apenas um pretexto para o médium se aproximar daqueles moradores o que permitiria que os seres incorpóreos pudessem agir, seja realizando "cirurgias espirituais" naqueles moradores que não tinham acesso aos serviços de saúde e até mesmo recolhendo "desencarnados" que não tinham ainda consciência de já estarem mortos, mas que acompanhavam aqueles moradores de rua.

Dessa experiência, mesmo acreditando que essa informação seja verdadeira, não tenho elementos para comprovar sua veracidade. Mas, para mim, ficou evidente que eles são capazes de ler nossos pen-

samentos, sabendo o que nos angustia e tudo o que passa por nossa mente, pois, de alguma forma, na Psicosfera, onde, em tese, vibra nossos pensamentos e emoções, nada parece possível de esconder. Nossos segredos são totalmente desvelados.

Uma última reunião mediúnica que gostaria de relatar foi muito instigante. O dr. Felipe disse que a mediunidade poderia ser "aberta" ou "fechada" de acordo com a necessidade de cada um e me disse que a minha seria aberta por um período de 24 horas para uma experiência. Essa reunião aconteceu em um sábado à noite e eu estava curioso para saber o que iria acontecer comigo e fiquei, de certa forma, ansioso. Naquela noite, porém, nada aconteceu, o que me deixou decepcionado.

No dia seguinte, logo de manhã, eu me dirigia à ONGCSF andando pela rua José Bonifácio, onde, de um lado, há um muro enorme que separa a rua da estrada de ferro e, de outro, a parede da fábrica Fabber Castell. Ou seja, durante cerca de 200 metros ou mais não há porta, portão ou qualquer local onde alguém possa entrar. Eu nem me lembrava mais que a minha mediunidade seria "aberta" e andava pela rua tranquilamente. Na mesma calçada, mas no sentido oposto, vinha uma mulher com aparência de 30 anos de idade e ela trazia no colo um bebê. Tanto a mulher como o bebê olhavam fixamente para mim. Ela usava um vestido que cobria os pés. Achei o olhar deles estranho e a forma como a mulher se locomovia, pois não via o movimento das pernas. A rua estava deserta e continuei andando naturalmente. Porém, assim que passei por eles, resolvi olhar para trás e me deparei com algo estranho: a mulher e a criança tinham desaparecido.

Foi neste momento que me lembrei

da "mediunidade aberta" e fiquei na dúvida se tinha visto seres incorpóreos ou se era uma alucinação. Seres humanos encarnados não eram, pois não tinha nenhuma porta para eles entrar.

Naquele mesmo dia, por volta das 16 horas da tarde, eu estava em meu escritório, lendo um livro, quando, de repente, vejo uma mulher ao meu lado usando um vestido vermelho. Assim que olhei em sua direção, ela levou um cigarro à boca e desapareceu.

Porém, o fato mais interessante aconteceu à noite, deitado em minha cama. Eu já estava me preparando para dormir quando ouvi duas breves batidas na porta do guarda-roupa. Poucos segundos depois, o barulho se repetiu. Eu abri os olhos e vi uma mão que parecia ser de mulher, com a palma para cima e a uma distância de aproximadamente meio metro de mim. A mão flutuava no espaço, mas isso não me assustou.

Decidi tocá-la imaginando que a minha mão a atravessaria. Porém, quando a minha mão a tocou e não a atravessou, e eu senti a materialidade dela, levei um susto e ela desapareceu. Demorei para pegar no sono, pois meu coração disparou.

Na reunião seguinte, o dr. Felipe me perguntou o que tinha acontecido nas 24 horas em que minha mediunidade ficou "aberta" e eu contei a ele esses três fatos. Ele me disse que aconteceram outros além destes, mas que eu nem me dei conta, como aconteceria com a maioria das pessoas. Segundo ele, todo mundo já conversou alguma vez com um "desencarnado materializado" sem perceber, um fato muito comum de acontecer no cotidiano, sem nos darmos conta.

Enfim, essas experiências relatadas

acima e outras que vivenciei entre 2001 e 2003 foram fundamentais para o nascimento da Animagogia, enquanto um programa educativo espiritualista e transreligioso, e da própria ONGCSF onde a Animagogia começou a ser colocada em prática. Com a criação da ONGCSF, essas reuniões mediúnicas experimentais foram diminuindo e sendo substituídas por reuniões de Apometria, nome do trabalho ainda hoje realizado de Animagogia com seres incorpóreos.

De forma geral, a Animagogia, como já foi salientado, compreende e parte do ponto de vista fenomenológico sobre a relação mundo/consciência. Ou seja, tem como pressuposto que o mundo material existe, não se tratando de uma ilusão ou de uma projeção da mente (a consciência pura), como afirmaria o pensamento solipsista, para o qual bastaria pensar para acontecer tudo o que desejarmos. Mas também rompe com o empirismo materialista, para o qual a consciência não passaria de um epifenômeno da matéria orgânica, refletindo o mundo material, e que deixaria de existir com a morte física.

As duas perspectivas acima, o solipsismo e o empirismo, não parecem dar conta de explicar a faticidade das experiências medianímicas acima apresentadas. Obviamente que não é possível reproduzir em laboratório, na hora que quisermos, uma "materialização" como a descrita acima, uma vez que elas, em tese, só acontecem quando há a permissão do "outro lado", como afirmou o dr. Felipe.

Assim, para a Animagogia, apesar do mundo material existir e ser apreendido de forma distinta por cada Espírito humanizado encarnado, ele parece ser subordinado a uma dimensão espiritual ou invisível, que talvez seja o plano da "ordem implícita"

das teorias de David BOHM (2008). As leis naturais, para a Animagogia, servem a um propósito numinoso ou hierofânico e não são revogadas ao bel prazer do pensamento. Ou seja, não bastaria simplesmente pensar para acontecer o que desejamos em nossa vida cotidiana, como se a matéria não tivesse leis próprias regulando o seu funcionamento. Porém, em alguns casos, a Animagogia defende ser possível que através de orações, mentalizações ou outras práticas espiritualistas, a cura de uma enfermidade física, por exemplo, aconteça. Mas, para isso, parece haver a necessidade dos três elementos apontados acima na fala do dr. Felipe.

Essas experiências mediúnicas vivenciadas por mim e descritas acima não provam, obviamente, a sobrevivência da alma. Todas elas podem ser explicadas como alucinação, manifestação do subconsciente ou outra explicação que ignore a realidade e a sobrevivência do Espírito. Mas elas foram importantes para a formulação da Animagogia, o programa educativo que é colocado em prática através dos diferentes projetos de anima-ação cultural realizadas na ONGCSF, entre eles, a Gerontagogia Holonômica, que vamos abordar neste estudo, e que se trata de um projeto de anima-ação cultural com adultos e idosos.

De certa forma, ao participar dessa prática social mediúnica, mais intensa entre os anos de 2001 e 2003, acabei, mesmo não conhecendo, utilizando o método proposto pela Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, pois vivenciei o convite feito pelo dr. Felipe da forma sugerida por OLIVEIRA:

> *envolver-se pelo trabalho, a vontade de melhor conhecer, o saber e o sabor da convivência, nos remete a pensamentos e sentimentos, que do nosso ponto de vista não são antagônicos à rigorosidade científica, ao contrário, atribuem ao fazer ciência um especial rigor: amorosidade, acolhimento, indignação, esperança, simplicidade, colaboração. Um desejo de tornar-se mais humano, de humanizar-se no sentido de vida mais justa. Por essas razões, com essas posturas e por esses meios, buscamos conhecer e compreender processos educativos próprios a práticas sociais* (2014, p. 43).

E foi como pesquisador-participante dessa prática social mediúnica, que contribui, modestamente, na sistematização da Animagogia que passou, ao longo dos anos, por três momentos distintos, mas complementares. Inicialmente, ou de 2003 a 2005, a expressão Animagogia identificava apenas o trabalho de educação espiritual com seres incorpóreos, semelhante ao descrito acima, mas que, em 2004, passou a se servir também da Apometria, uma técnica de captação psíquica criada por um médico espiritista chamado dr. Lacerda.

Em 2005, além do trabalho com os seres incorpóreos, o termo Animagogia passou a identificar todo o programa educativo realizado na ONGCSF com os seres humanizados encarnados e cujo objetivo passou a ser o despertar dos atributos do Espírito, em suma, ajudar a desabrochar o *Homo spiritualis* na vida cotidiana. Esse processo animagógico passou a ser realizado através de projetos de anima-ação cultural, como já salientamos. O que motivou essa expansão do conceito foi pensar

que seria perda de tempo começar esse processo educativo espiritualista somente após a morte, com os seres humanizados incorpóreos. Na perspectiva adotada pela ONGCSF, se o ser humanizado encarnado fizesse seu processo animagógico ainda na Biosfera, despertando os atributos que já se encontram dentro dele, vivenciando sua experiência humanizada e encarnada como um *Homo spiritualis*, não precisaria da Animagogia após a morte. Essa nova conceituação ampliou o trabalho da ONGCSF a partir de então, surgindo novos projetos.

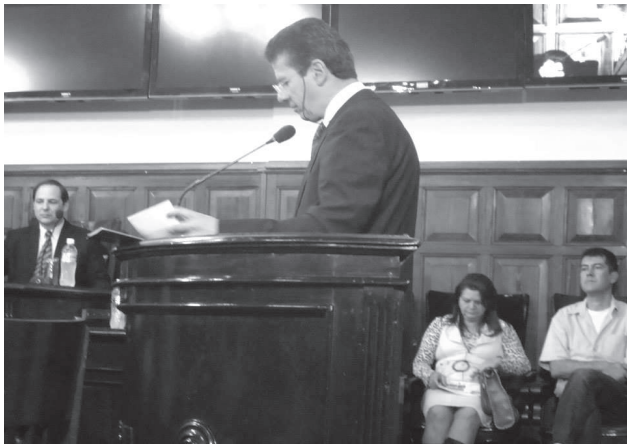
E uma terceira concepção de Animagogia, bem mais recente e ainda pouco utilizada, é na forma de método para pesquisa, seja no campo da ciências das religiões ou para o ensino religioso escolar, como foi sugerido em Maio de 2015, por um professor da UFPB, quando ela foi apresentada no I Congresso Lusófono de Ciências das Religiões. Neste evento apresentei uma comunicação sobre as bases metafísicas da Animagogia, expondo as quatro dimensões (Biosfera, Psicosfera, Noosfera e espiritual) e como elas são pensadas a partir do holomovimento sugerido por David BOHM, e a relação de cada uma das dimensões com o imaginário, a mentalidade e a representação.

Um professor da UFPB, presente no GT em que apresentei minha comunicação, disse que ali se encontrava um método de pesquisa, sugerindo que cada religião ou grupo espiritualista possui sua própria Animagogia, ou seja, uma forma peculiar de buscar despertar os atributos do Espírito. Dentro dessa perspectiva, ainda em 2015, apresentei na UFPB, no curso de Ciências da Religião, uma oficina sobre a Animagogia da Umbanda, aplicando o método acima descrito.

Atualmente, na ONGCSF, o termo Animagogia identifica e é utilizado para se referir ao trabalho animagógico com seres humanizados incorpóreos, com os seres humanizados encarnados, através de diferentes projetos de anima-ação cultural que visam despertar nestes os atributos do Espírito que são universais e, também, para estudar como as religiões e demais filosofias espiritualistas realizam seus processos educativos visando despertar os atributos do Espírito, de forma que mais pessoas vivenciem sua experiência humanizada com habilidade espiritual, ou seja, com mais paz interior, com mais equanimidade diante das vicissitudes da vida, com mais felicidade e com mais amor a si e ao próximo.

Neste trabalho estamos enfatizando o seu segundo significado, ou seja, os processos sócio-espirituais e educativos que a ONGCSF promove para atingir esse objetivo que nasceu e foi sendo sistematizado ao longo das reflexões realizadas nas reuniões mediúnicas que, como afirmei, foram mais intensas entre os anos de 2001 e 2003, mas também nos Encontros Homospiritualis de Educação e Cultura para a Paz, um evento que foi realizado entre os anos de 2001 e 2013, na cidade de São Carlos/SP e também nos Encontros de Animagogia que aconteceram em diferentes cidades brasileiras entre 2009 e 2016.

Por não ser uma doutrina religiosa, mas um processo educativo espiritualista, a Animagogia é transreligiosa e laica (ou seja, não nega ou entra em conflito com as religiões, ao contrário, ajuda a promovê-las, estimulando o diálogo inter-religioso e a tolerância religiosa). Seus pressupostos básicos e suas teorias são revistas em eventos organizados para este fim onde são apresentados, por exemplo, novos projetos



Alguns momentos marcantes dos Encontros Homospiritualis de Educação e Cultura para a Paz e também do Fórum Permanente de Educação, Cultura de Paz e Tolerância Religiosa.

de anima-ação cultural e novas discussões e hipóteses são levantadas. No momento, o tema que vem sendo discutido é que o cérebro e o coração seriam como antenas receptoras das energias irradiadas pelo Espírito, pelo Self e pelo ego. A hipótese proposta para o estudo é que o hemisfério direito do cérebro seria o instrumento capaz de captar as frequências emitidas pelo *Self*, enquanto o ego seria captado pelo hemisfério esquerda. Por sua vez, as vibrações espirituais seriam captadas pelo coração.

No caso dos Encontros Homospiritualis de Educação e Cultura para a Paz, diferentes religiosos, espiritualistas, filósofos, artistas, entre outros estudiosos foram convidados para apresentar suas contribuições, visando propiciar a compreensão ativa da visão religiosa e espiritualista do Outro, estimulando o respeito e a tolerância. Entre os temas abordados nos diferentes encontros, podemos citar como significativos os estudos sobre o Evangelho de Tomé, o Dharmapada, a Oração de São Francisco, a Umbanda, a Bhagavad Gita, além de diferentes cursos, oficinas e atividades culturais como apresentações de cantos devocionais, mostras de filmes etc., dentro do espírito proposto pelo manifesto da UNESCO de "ouvir para compreender".

Derivando-se deste encontro, o Programa Homospiritualis, a partir de 2010, passou a organizar um novo evento: o Fórum Permanente de Educação, Cultura de Paz e Tolerância Religiosa. Este nasceu da necessidade de estabelecer uma reflexão e um campo de atuação política em defesa da diversidade e da liberdade de expressão religiosa, visando, inclusive, garantir a laicidade do Estado. Em 2010, o fórum escreveu o "Manifesto pela Tolerância e pela Paz em São Carlos", revisto e ampliado

Entre os anos de 2005 e 2008, utilizando as técnicas da História Oral, pai Joaquim de Aruanda, manifestando-se através da mediunidade de Firmino José Leite, foi entrevistado, e o resultado foi a publicação do livro História Oral, Imaginário e Transcendentalismo: mitocrítica dos ensinamentos do espírito pai Joaquim de Aruanda, que teve duas edições, em 2011 e em 2016.

em janeiro de 2014. O fórum passou a ser realizado, anualmente, no dia 21 de janeiro, considerado pelo governo federal como Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. O Fórum também é responsável pelo Observatório Social da Liberdade e da Tolerância Religiosa em São Carlos, que reúne religiosos de diferentes credos.

Porém, entre os trabalhos mais singulares realizados pelo Programa Homospiritualis e que permitiram uma liberdade radical para a expressão de experiências espirituais e animagógicas se encontram os projetos de pesquisa denominados "Cultura de Paz e Mediunidade" e "História Oral e Transcendentalismo: imagens e imaginário do invisível".

O primeiro foi realizado através da entrevista com supostos Espíritos, através de vários médiuns residentes ou não na cidade de São Carlos/SP, sendo a maioria deles considerada "inconsciente", ou seja, em tese, são pessoas sensitivas que entram em transe para que um suposto Espírito se manifeste através de seu corpo, mas não se lembram de absolutamente nada do que foi dito ou realizado durante a experiência. Este recurso metodológico utilizado para as pesquisas foi chamado de Espiritologia, e consiste no uso dos recursos e técnicas da História Oral para se entrevistar os supostos Espíritos comunicantes. Entre os entrevistados, podemos destacar um que se identifica como preto-velho, utilizando o nome de Pai Joaquim de Aruanda. Ele foi entrevistado em 9 encontros, entre os anos de 2005 e 2008, totalizando cerca de 32 horas de gravação. As entrevistas foram registradas em vídeo e trechos podem ser acessados no *youtube*, como o momento do transe mediúnico ou partes de seu depoimento. Com o material coletado durante as entrevistas a ONGCSF lançou em 2008

um livreto denominado "Umbanda: manifestação cultural pós-moderna", durante o VIII Encontro Homospiritualis de Educação e Cultura para a Paz, que abordou o centenário da Umbanda, e relançado em 2016. Também editou, em 2009, uma versão e-book do livro "História Oral, Imaginário e Transcendentalismo: mitocrítica dos ensinamentos do espírito pai Joaquim de Aruanda", publicado na forma impressa em 2011, na coleção de livros chamada "Cultura de Paz e Mediunidade", e reimpresso em 2015 para ser lançado no I Encontro Umbanda, Cultura de Paz e Educação Popular, realizado na cidade de Lisboa, em Portugal.

Por sua vez, o segundo projeto foi realizado com diferentes *médiuns* em seu estado de vigília, também utilizando a História Oral. A ideia central foi buscar compreender a história de vida das pessoas que dizem ter a sensibilidade para ver, ouvir ou dar "passagem" para os Espíritos, "cedendo" seus corpos para que os mesmos possam se comunicar. Durante a coleta dos depoimentos, um tema chamou a nossa atenção: a afirmação por parte de alguns *médiuns* de que já tiveram experiências reencarnatórias como homem e como mulher. A partir destes depoimentos foi publicado o livro *Gênero e Espiritualidade: uma introdução ao estudo das imagens e do imaginário do invisível*, em 2011. E foi também através destes depoimentos com várias "narrativas visionárias" que nasceu o interesse em atuar social e politicamente para superar o preconceito e a estigmatização que vários *médiuns* ainda sofrem, sobretudo os que atuam na Umbanda, buscando compreender a mediunidade não mais como loucura ou esquizofrenia e nem como produtora dela.

A ONGCSF foi criada em março de 2003 e fui um dos seus sócios-fundadores. Entre os anos de 2005 e 2006 assumi o cargo de

coordenador geral, fato que se repetiu entre 2013 e 2014. Porém, até o momento, não deixei de ser um voluntário, atuando nos atendimentos com a Apometria e ministrando cursos de capacitação em Meditação Integrativa, entre outros projetos de anima-ação cultural promovidos por ela. E a vontade de realizar essa pesquisa de pós-doutorado surgiu em 2013 após descobrir a existência do projeto MAPEPS, na UFSCar, e a chamada da Educação Popular em Saúde (EPS), que é um dos campos para estudo na Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, também na UFSCar, no qual, conforme afirma uma das criadoras, a professora Doutora Petronilha Beatriz Gonçalves e SILVA (2014, p.20), o "compromisso social não é incompatível com produção científica".

Acreditando nesse pressuposto e percebendo a presença de vários laços e afinidade entre minha trajetória acadêmica e humana com os objetivos do grupo, resolvi apresentar um projeto de pesquisa de pós-doutoramento na Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, aprovado para ser realizado entre maio de 2015 e novembro de 2016.

O objetivo inicial desta Linha de Pesquisa, como afirmou SILVA (ibdem, p.20), foi estudar práticas sociais não escolares, pois há "processos educativos, maneiras de aprender distintas das valorizadas pelo sistema escolar e que se situam dentro das escolas e das salas de aula". E como a Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos foi criada com o objetivo de "conhecer, estudar, pesquisar condições e oportunidades de vida e, portanto, de aprendizagem que nossos alunos tinham e que eram exteriores à escola, embora ali encontrassem em expressões e raciocínios [visando] apreender e aprender expressões

e raciocínios usualmente não valorizados nas escolas" (SILVA, ibdem, p.20), considerei que a mesma seria adequada para estudar a experiência que venho construindo com a população idosa que apresenta um potencial psíquico que costuma ser associado preconceituosamente à doença mental ou ao "demonismo" e cuja prática da Meditação Integrativa vem demonstrando ser um importante recurso para a diminuição de "transtornos psíquicos" apontados por essa população, apesar do foco da Meditação Integrativa ser o autoconhecimento e não, necessariamente, o terapêutico.

No plano metodológico, a Linha de Pesquisa valoriza as peculiaridades e as históricas experiências vivenciadas nas diferentes práticas sociais latino-americanas e cabe aos pesquisadores interessados em participar da mesma "escolher uma prática social, buscar meios para dela fazer parte e se esforçar para identificar, compreender e descrever processos educativos que chegassem a observar." (SILVA, ibdem, p. 21)

Como salientarei, eu não escolhi, mas fui convidado de uma forma singular para fazer parte de uma prática social espiritualista, tornando-me, inclusive, membro efetivo do grupo que criou a ONGCSF e também a Meditação Integrativa, vivenciando, plenamente, a proposta metodológica dessa Linha de Pesquisa que pode ser sintetizada da seguinte maneira:

> *Entendemos que as pesquisas junto a pessoas e grupos, principalmente os socialmente "marginalizados", devem ser realizadas após cuidadosa e paciente inserção dos pesquisadores na comunidade, na instituição, no espaço social, num conviver, realizada em interação e confiança. Essa inserção deve se*

> *dar na tentativa de assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquela prática social. Isso só é possível quando somos acolhidos, nos dispomos a ser acolhidos e a acolher. Participar com a intenção de compreender, não para julgar. Esta inserção é insuficiente se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo.* (OLIVEIRA *et al*, 2014, p.39)

Em suma, acredito que a perspectiva compreensiva, dialógica, fenomenológica e participativa que a Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos estimula nos pesquisadores favorece a realização da pesquisa aqui proposta e que visa refletir sobre a constituição da ONGCSF, de sua fundamentação ético e política e como ocorre sua *práxis* educativa chamada de Animagogia para, por fim, compreender a ação da Meditação Integrativa em um grupo de idosos que se singularizam por serem *médiuns* atuantes em centros espíritas, em terreiros de umbanda, de forma independente em suas casas e, até mesmo, de forma laica e transreligiosa na própria ONGCSF.

Os depoimentos foram coletados entre os anos de 2008 e 2015, sendo que alguns estão disponíveis na *internet*, em um canal do *youtube* chamado *animagogiabrasil*, e outros foram já inseridos em trabalhos acadêmicos apresentados entre os anos de 2009 e 2013, e também no livro *Gênero e Espiritualidade: introdução ao estudo das imagens e do imaginário do invisível*, publicado em 2011, pela Editora RiMa, ao qual já fizemos referência.

Posso afirmar que meu processo me-

tanoico ou animagógico teve início em 1999, uma vez que, até a segunda metade da década de 1990, eu me considerava ateu e acreditava no suposto poder de "libertação" que a ciência positivista, materialista histórica e tecnicista manifestava. Naquele momento passei a vivenciar um processo de derrelição com o marxismo e outras perspectivas fortemente associadas ao ideal moderno iluminista e eurocêntrico, mas ainda acreditava que a religião alienava as pessoas. Porém, meu desencanto pleno com o marxismo oficial e uma mudança profunda de perspectiva aconteceu, em 1999, quando se completaram 40 anos da luta dos tibetanos para se libertarem do domínio da China comunista e foi lançado o programa da UNESCO para a cultura de paz.

Se até aquele momento eu ainda via o comunismo como o instrumento para libertar a humanidade, meu envolvimento ou empatia com o povo tibetano me fez reavaliar essa posição, sem, necessariamente, abandonar a crença nos valores da "esquerda", porém, de uma nova "esquerda" fundamentada na democracia, na ética, nos direitos humanos e no respeito ao meio ambiente e às leis naturais. A destruição das tradições culturais e religiosas dos tibetanos pelo comunismo chinês me fez compreender, de fato, que o valor da alteridade e do respeito ao Outro devem ser fundamentais em um projeto de socialismo democrático.

De forma geral, a ONGCSF através de seus vários projetos de anima-ação cultural tem como objetivo proporcionar ao participante uma mudança de sensibilidade ou metanoia, ou seja, contribuir para torná-lo mais feliz, resiliente, respeitar quem pensa e age de forma diferente, além de superar o medo da morte e vivenciar, com uma consciência espiritual, sua experiência humaniza-

da. Em outras palavras, superando o *Homo profanus,* o "modo de ser no mundo" preponderante na modernidade para dar vazão plena a sua essência, ao *Homo spiritualis*.

E esses objetivos da ONGCSF acabam por se misturar com minha trajetória acadêmica. Entre os anos de 1999 e 2003, na Faculdade de Educação da USP, realizei meu doutorado, a tese foi denominada *Nossas lembranças mais pessoais podem vir morar aqui: sociagogia do (re)envolvimento e anima-ação cultural*, na qual procurei refletir sobre a questão da memória sociocultural do idoso e sua dimensão imaginária, levantando os possíveis universos míticos presentes em um grupo de idosos frequentadores do SESC, na cidade de São José do Rio Preto, valorizando um processo criativo "neg-entrópico", ou seja, que fosse capaz de ir além da normatização burocrática e da rotinização alienante, favorecendo a abertura ao imponderável, ao indizível, ao caótico, ao paradoxal enquanto processos educativos para uma ação cultural vivenciada de forma aberta e inconclusa.

No doutorado, porém, não tive coragem de adentrar mais profundamente no tema espiritualidade, com o qual começava a me interessar e me envolver com mais entusiasmo, apesar de ter cunhado o termo "anima-ação cultural" para identificar programas de ação cultural que tivessem bases espiritualistas ou que oferecessem atividades espiritualistas como Yoga, Danças Circulares Sagradas, Meditação, entre outras. O hífen, neste caso, foi inserido de propósito para diferenciar tais propostas da animação cultural propriamente dita.

Fazendo o doutoramento e participando das reuniões mediúnicas descritas acima e que foram fundamentais para a criação da ONGCSF, não foi difícil integrar no processo

de gestação da Animagogia as ideias centrais de Paulo FREIRE, sobretudo, a sua crítica ao modelo social desumano e educacional narrativo/dissertativo, cuja relação mestre/educando é a referência opressiva do "sujeito ativo" e do "objeto passivo", denominada como "educação bancária", contra a qual propõe uma educação dialógico-problematizadora na qual "ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (1983, p.79).

Podemos compreender em seu pensamento o caráter existencial dos processos educativos que elegem a vida cotidiana como o palco em que se manifesta ou um projeto de dominação ou um projeto de libertação. Em se tratando da relação entre os membros de uma família, entre professor e aluno, entre classes sociais ou outra qualquer, faz-se *mister* superar toda relação de dominação verticalizante e opressora, construindo um diálogo entre sujeitos autônomos, igualmente livres, mesmos princípios que o Espírito dr. Felipe e também o preto-velho pai Joaquim de Aruanda sempre buscavam nos transmitir nas reuniões mediúnicas em que se manifestavam.

Lançamento do livro a arte de envelhecer, no SESC São Carlos

Introdução

O envelhecimento humano se tornou uma preocupação socioeconômica e cultural na sociedade contemporânea, inclusive no Brasil. O aumento da expectativa de vida é acompanhado por novos campos de trabalho, como é o caso da Gerontologia, e de vários serviços visando oferecer opções para o uso e ocupação do tempo livre da população idosa.

Dentro desse contexto, a ONGCSF, em 2005, começou a realizar cursos e oficinas com a população adulta e idosa de São Carlos através do que chamou de *Gerontagogia Holonômica*. De forma geral, esta proposta educativa visa auxiliar no processo de individuação (JUNG, 1991, 1994 e 1998) da pessoa idosa com o objetivo de integrar sua personalidade (ego) ao *Self*, sua essência anímica ou a "consciência da individualidade", estimulando e auxiliando na sua autorrealização, ou seja, atingindo os objetivos da Animagogia que seria o despertar dos atributos do Espírito, possibilitando o surgimento de um outro modo de ser, pensar e agir na vida cotidiana: o *Homo spiritualis*.

A Gerontagogia Holonômica, segundo a ONGCSF, seria a *práxis* educativa que tem como meta ajudar na promoção da Animagogia da pessoa adulta e idosa, compreendendo o ser humanizado como multidimensional, ou seja, que a vida humanizada ocorre em pelo menos quatro dimensões simultaneamente e dentro de um *continuum* ordenado, mas não "cartesiano" (com partes existentes separadamente e em interação, mas como uma totalidade indivisível e inseparável) e que a fragmentação ou a não compreensão da relação entre as partes acontece porque o elemento "observado" (objeto de estudo) não está separado do "instrumento de observação" (métodos, teorias, paradigmas...) o que resulta em crises ambientais, sociais, políticas, mas também mentais e espirituais (aqui podemos pensar nos indivíduos que transcendem a lógica fragmentária da vida humanizada e que costumam, frequentemente, serem classificados ou diagnosticados como esquizofrênicos, paranoicos, psicóticos entre outros rótulos, incluindo as pessoas que afirmam serem *médiuns*).

Estas quatro dimensões a que fizemos referência, são, didaticamente, identificadas pela ONGCSF com nomes já utilizados por outras abordagens, como é o caso da Logoterapia de Viktor FRANKL, porém, as relacionando com a ideia de holomovimento proposta por David BOHM:

Biosfera - corresponderia ao plano da vida material onde vibra nosso corpo físico e acontecem as relações com a natureza e com o mundo circundante, intermediado pela corporeidade. É o *locus* também da sociosfera e da tecnosfera, que interagem entre si e com a Biosfera, a transformando continuamente. A Biosfera seria o ambiente da vida encarna-

da, onde vive e age, entre outros, o Ser humanizado encarnado. Este "mundo" material ou "realidade", do ponto de vista da ONGCSF é similar ao proposto na fenomenologia, ou seja, de que há um único "mundo", mas que ele é apreendido e representado de forma diferente por cada indivíduo e por cada grupo sociocultural. Essa perspectiva, portanto, não se confunde com a empirista, na qual a consciência seria apenas um reflexo da realidade, ou seja, que se trataria de um epifenômeno da vida orgânica. Porém, também não se confunde com o idealismo solipsista que vai afirmar que o "mundo" seria uma projeção da mente ou da consciência, e que a matéria só passaria a existir quando olhamos para ela, concluindo que, cada pessoa, "cria" o seu próprio mundo.

A Biosfera, na ótica da ONGCSF, seria a "ordem explícita" que deriva de uma ordem "implícita": a Psicosfera que abordaremos a seguir.

Psicosfera - Seria o plano onde vibram as energias psíquicas e acontecem as trocas energéticas intersubjetivas de ordem emocional e mental. E, concordando com JUNG (1994), a ONGCSF afirma que as energias psíquicas não podem ser quantificadas, apenas sentidas em sua intensidade e qualificadas. A Psicosfera envolveria o corpo físico, mas também impregnaria as formas e objetos materiais e também a natureza. Além disso, na Psicosfera, se encontrariam, em tese, outras formas materiais que não sensibilizariam nossos sentidos, mas que nos afetariam de alguma forma e que poderiam, em alguns casos, serem descritos por videntes e sensitivos. E além de "objetos", nesta dimensão estariam presentes também os "corpos" dos Espíritos que se manifestam em trabalhos mediúnicos. Se a

Biosfera é o ambiente, a Psicosfera corresponde a ambiência que nos envolve com suas energias "positivas" ou "negativas". O ego, a "consciência humanizada da personalidade", segundo a ONGCSF, e que atua no estado de vigília, vibra nessa dimensão, incluindo também o que se costuma chamar de "inconsciente pessoal" e de "subconsciente". As percepções extrassensoriais também seriam atividades do ego, segundo as teorias difundidas pela ONGCSF, pois bastaria reduzir um pouco as ondas cerebrais para se entrar em contato com essa dimensão extrassensorial.

Fazendo um estudo comparativo, podemos identificar no que a ONGCSF chama de Psicosfera uma grande semelhança com os planos "astral" e "mental inferior" da Teosofia proposta por Helena BLAVATSKY e outros estudiosos dos fenômenos ocultistas.

Em suma, na perspectiva até aqui descrita, a relação entre a Biosfera e a Psicosfera seria intensa e sua separação apenas de grau. Assim, como salientado, bastaria diminuir um pouco as frequências de nossas ondas cerebrais para interagirmos com os seres e com as matérias desta dimensão. As "colônias espirituais" e outros locais descritos em romances espíritas, por exemplo, existiriam ou vibrariam nessa dimensão chamada de Psicosfera. Ela corresponderia também ao *mundus imaginalis* estudado por Henry CORBIN (1969), não sendo, portanto, uma fantasia mental, mas o "mundo" acessado através de alguns fenômenos psíquicos e o ato de "canalizar" informações presentes nesta dimensão, seja através da psicografia, da telepatia, da premunição, entre outras atividades extrassensoriais são chamadas pela ONGCSF de "captação psíquica". A mediunidade, assim como práticas terapêuticas como a Apometria, criada pelo médico

brasileiro dr. José Lacerda, e a Constelação Familiar, criada por Bert Hellinger, atividades que são realizadas na ONGCSF, através do Centro de Referência Comunitária em Tratamentos Naturais, Complementares, Integrativos e Populares seriam também formas de "captação psíquica".

Segundo as teorias propostas pela ONGCSF haveria uma Psicosfera "inferior" e uma "superior". A primeira é onde vibra a consciência dita normal ou no estado de vigília. A segunda envolve o "subconsciente" e o "inconsciente pessoal" (para JUNG seria a Sombra) e também os fenômenos ditos psíquicos ou paranormais, como a premonição, a telepatia, a mediunidade, entre outras. Em linguagem esotérica poderíamos dizer que a consciência normal vibra na "terceira" dimensão e o subconsciente na "quarta", mas ambas estariam contidas na Psicosfera e seriam atributos do ego, a "consciência humanizada da personalidade" que vamos aprofundar adiante.

Por sua vez, apesar de ser uma "ordem implícita" quando relacionada à Biosfera, ela também seria um *holos* que gozaria de certa relatividade, mas que derivaria de uma outra, mais profunda: a Noosfera.

Noosfera - Esta seria a dimensão onde vibram, em tese, as energias chamadas de noéticas e que comporiam as estruturas fundamentais do *mundus imaginalis* e onde residiriam as imagens arquetípicas, captadas, na maioria das vezes, de forma intuitiva ou em estados ampliados de consciência. Aqui vibraria o *Self*, ou a "consciência humanizada da individualidade". Poderíamos também chamar a Noosfera como a dimensão da alma humanizada. Aqui não haveria mais traços da personalidade, ou seja, não haveria distinção homem/mulher,

branco/negro, africano/europeu etc. Essa alma humanizada, para a ONGCSF, seria capaz de se lembrar de todas suas experiências encarnadas, pois seria nessa dimensão que ocorreriam as possíveis escolhas dos "gêneros de existência", ou seja, onde essa alma humanizada, já despertada de sua última personalidade, faria uma avaliação do que precisaria aprender e poderia, assim, planejar uma nova experiência na Biosfera. Nesse sentido, essa alma criaria uma espécie de avatar ou personagem, escolhendo se ele será homem ou mulher, o país onde iria encarnar, opção sexual etc. Enfim, todas as características que formariam uma personalidade não aconteceriam por acaso ou por determinação genética, mas seriam fruto das escolhas realizadas por essa alma humanizada.

Dentro dessa perspectiva, o que JUNG chamou de "inconsciente coletivo" seria uma "transconsciência" capaz de registrar todas as experiências já vivenciadas por essa alma humanizada. Em outras palavras, a alma seria como uma espécie de ator que, a cada novela, vivencia um novo personagem. Mas a somatória de toda a experiência não se perde, constituindo-se em um patrimônio inalienável e indelével.

Nesse sentido, uma pessoa que, em estado ampliado de consciência, acessa imagens de uma suposta vida passada, teria conseguido acessar parte de informações que se encontra nesse plano, pois aqui vibraria o "inconsciente coletivo" que seria, portanto, a consciência anímica ou o "eu superior". E seria nesta dimensão chamada de Noosfera onde ocorreria a primeira etapa da "humanização do Espírito", uma vez que, segundo a ONGCSF, o Espírito, enquanto essência divina, não seria humano, mas pode se humanizar.

Em linguagem esotérica, poderíamos dizer que o *Self* vibra na "quinta" dimensão e que nunca adoece. Na Abordagem proposta pela ONGCSF, o Espírito só seria capaz de planejar uma nova encarnação quando desperta plenamente o seu *Self*, o que só aconteceria nessa dimensão, e não na Psicosfera, onde ainda se encontraria iludido pelo personagem vivenciado em sua última experiência encarnatória. Por isso, os seres humanizados incorpóreos que se manifestariam em trabalhos mediúnicos, ainda agiriam motivados pelo ego de sua última encarnação, apesar de não mais terem corpos físicos. Antes de uma nova encarnação, estes seres precisariam passar pela "segunda morte", que seria o desligamento do ego e a recuperação da consciência humanizada plena, ou a "consciência da individualidade humanizada".

Fazendo uma comparação com a estrutura metafísica da Teosofia, a Noosfera corresponderia ao chamado plano do "mental superior" e ao "mundo causal". Aqui vibrariam as estruturas antropológicas do imaginário e que são universais, ou seja, estão presentes em todas as culturas, do passado e do presente. Aqui residiria a unidade que vai se manifestar na diversidade presente tanto na Psicosfera como na Biosfera, no mundo dos "seres humanizados incorpóreos" e dos "seres humanizados encarnados".

A Noosfera, portanto, é o *locus* onde vibraria o "inconsciente coletivo" junguiano. Seria nessa dimensão que se localizariam as imagens arquetípicas ou as estruturas antropológicas do imaginário, conforme estudou DURAND (1997) e que estariam na base de toda criação humana, seja no campo da ciência, da arte, da religião, da filosofia etc. E o ato de "canalizar"

informações supostamente presentes nesta dimensão é chamado de "captação noética", o que acontece através da intuição ou em estados ampliados de consciência que não se confundem com a percepção extra-sensorial, que, em tese, seria uma conexão com a Psicosfera.

E ainda sob inspiração da perspectiva bohmiana, a ONGCSF compreende que a Noosfera deriva de uma "ordem implicita" fundamental: a dimensão espiritual que é chamada de Logosfera, no sentido de "fundamento", "princípio com Deus" e não necessariamente como sinônimo de "razão", como faz a filosofia moderna.

Logosfera - Seria o plano "espiritual" propriamente dito, onde vibram as energias do amor, da felicidade/entusiasmo, da paz interior, entre outras, e que formariam os atributos do Espírito. Este plano é o que as religiões chamariam, por exemplo, de *nirvana* (budismo) ou *reino de Deus* (cristianismo).

Como foi salientado, a ONGCSF postula que o Espírito se humaniza, mas não é humano. Assim, seria nessa dimensão que a consciência espiritual ou o Ser vibraria plenamente. Porém, não teríamos elementos para nos referir a ela, já que toda nossa criação mental e imaginária seria baseada em uma perspectiva humanizada. Somente os Espíritos que suspostamente superaram a fase humanizada de evolução recuperariam essa consciência espiritual e poderiam começar uma nova etapa evolutiva, chamada de "angelical", onde não haveria mais a necessidade da encarnação, pelo menos não da forma conhecida na Terra.

Enquanto algumas abordagens espiritualistas associam o *Self* à consciência espiritual, a ONGCSF vai postular que existe a "consciência espiritual", a "essência divina",

Atman ou *Logos* que, no processo de humanização do Espírito, deriva ou se desdobra no *Self*, a "consciência humanizada da individualidade". Esta é que faria as escolhas das provações e que teria a capacidade de armazenar toda a experiência adquirida ao longo de inúmeras encarnações humanizadas e que estariam presentes no chamado "inconsciente coletivo". O *Self*, portanto, na ótica aqui estudada, não seria ainda a real consciência espiritual. A esta só teríamos acesso após vencer a etapa humanizada da evolução para nos preparar para o início da fase seguinte: a "angelical". E da mesma forma que esta seria a etapa seguinte no processo de evolução, pressupõe-se que outras etapas foram também vivenciadas pelo Espírito antes de sua humanização.

Seria neste plano espiritual propriamente dito que residiriam os arquétipos que, seguindo os pressupostos de JUNG, a ONGCSF afirma que não teríamos acesso. E este plano espiritual só poderia ser identificado porque algumas experiências subjetivas como as que os místicos chamam de *samadhi*, *zazen*, *nirvana* ou *reino de Deus* a presentificam. Este plano estaria além de todo entendimento ou compreensão humana e quando ele é "atingido", através de práticas meditativas ou orações fervorosas, por exemplo, é como um mundo sem pensamentos ou imagens. A única coisa que se pode sentir e que indica que ele "existe" é a sensação de bem-aventurança, de plenitude, de integração com todas as coisas, de felicidade incondicional, de amor por todos os seres etc. São esses "sintomas" que a Animagogia postula como sendo os atributos do Espírito e que indicam, em tese, a "existência" dessa dimensão que pode permanecer adormecida durante nossa vida humanizada e encarnada caso não seja

despertada através de práticas sociais e educativas espiritualistas, como se pretende com os projetos de anima-ação cultural promovidos pela ONGCSF.

A Logosfera que seria a "realidade última" não se confundiria com o "vácuo quântico", como postulam autores como F. CAPRA (1983) e outros. O "vácuo quântico" seria localizado na transição entre a Psicosfera e a Biosfera, similarmente ao prâna das psicosofias orientais, a energia que está presente em todas as formas materiais.

A ONGCSF deixa entrever que, provavelmente, haveria outras dimensões além destas quatro, mas que elas, na essência, formariam sempre apenas uma, sendo a distinção entre elas uma mera ilusão ou um desdobramento da fundamental e assim sucessivamente, uma vez que formam uma Totalidade. Ou seja, onde a parte contém o Todo. Porém, a compreensão de que a dimensão espiritual seria a "ordem implícita" da qual as demais apontadas acima derivam, já se permitiria compreender a dinâmica da vida na Terra e vencer o jogo da vida humanizada encarnada. E essas "dimensões" estariam, paradoxalmente, "dentro" e "fora" de nós. Por isso, tanto os Ocidentais que a buscam "fora" como os Orientais que a buscam "dentro" seriam capazes de encontrar o "reino de Deus" ou o "Nirvana". O objetivo da Animagogia, o programa educativo proposto pela ONGCSF é o despertar dos atributos do Espírito para que a vida humanizada encarnada seja vivenciada com habilidade espiritual, ou seja, despertando o *Homo spiritualis*, que seria o "terceiro excluído" na relação entre o *Homo religiosus* e o *Homo profanus*, os dois modos de ser, pensar e agir no mundo tão bem estudados por Mircea ELIADE (1996).

Dentro de sua cosmovisão, a ONGCSF afirma que a encarnação é como um jogo de *videogame*. O jogador, no caso a alma humanizada, cria um *avatar* (uma personalidade) e entra no cenário da provação: a Biosfera. Quanto mais experiência e sabedoria adquirida em vidas passadas, mais facilidade encontraria para vencer suas provas, escolhidas voluntariamente, e que consiste em despertar os atributos do Espírito durante a vida humanizada e encarnada. Se não consegue atingir o seu intento, como um jogador, reinicia a "partida".

Para a ONGCSF essas quatro dimensões podem ser vivenciadas experimentalmente através de diferentes práticas, sobretudo, as meditativas. Assim, os fenômenos psíquicos, noéticos e espirituais associados a cada uma das dimensões acima seriam reais e, nesse sentido, se explicaria o porquê do Ser humanizado encarnado, com frequência, buscar um estado de totalidade, ou seja, de inclusão destas "partes" de forma que se sinta "são", uma palavra que, além de ter saúde ou estar saudável, indica a condição daqueles que atingiram a santidade no catolicismo e, em sua raiz linguística, está associada a ideia de "inteiro", "totalidade" ou "completude". Em suma, ser são é ser inteiro e não mais fragmentado.

Dentro da perspectiva apresentada acima, haveria uma separação entre vida mental, vida anímica e vida espiritual. A vida mental é a que se processa na Psicosfera. Além do estado de consciência normal, vivenciado no estado de vigília, também é classificado como vida mental os fenômenos estudados pela parapsicologia. Assim, além dos conteúdos dos pensamentos e das emoções, a vida mental abarcaria os fenômenos extrassensoriais e também a mediunidade e atividades como a apo-

metria e a constelação familiar. Para a Animagogia, basta abaixar a frequência mental ou as ondas cerebrais para que a pessoa consiga fazer captações psíquicas. Assim, a diferença entre a consciência normal e a paranormal seria apenas de grau e não de natureza. A Animagogia faz uma analogia entre esse processo e o fenômeno da água que muda de estado, passando de líquido para gasoso, mas continuando a ser água, pois apenas as moléculas se distanciaram, acontecendo uma mudança física e não química.

Na vida mental, a relação é sempre no plano da personalidade e não da individualidade. Esta corresponderia, portanto, à vida anímica ou que se processa na Noosfera. Por ser a vida da individualidade, ou seja, do ser humanizado universal, ela não manifestaria elementos socioculturais, apenas aqueles que estão relacionados com toda a humanidade, independente de tempo e espaço. A vida anímica corresponderia ao campo das estruturas antropológicas do imaginário ou ao campo das imagens arquetípicas que estão na essência das criações psíquicas, normais ou paranormais.

Por sua vez, a vida espiritual seria aquela que se processa na Logosfera, também chamada de esfera búdica ou cristosfera. Ela se encontra para além de qualquer representação humanizada, sendo possível constatar pelo "estado de espírito" que se caracteriza por uma profunda "paz interior" ou um estado de graça conhecido como samadhi, zazen ou nirvana pelas filosofias orientais.

Essa divisão demonstra uma diferença entre a abordagem da Animagogia e a do Espiritismo, por exemplo. A mediunidade, para o Espiritismo seria uma atividade espiritual. Para a Animagogia seria uma ati-

vidade mental, mesmo que superior a que se vivencia no estado da consciência ordinária. A atividade espiritual seria somente aquela descrita acima, que se encontraria para além de toda e qualquer representação humanizada.

A divisão acima, apesar de se basear em experiências empíricas, obviamente que subjetivas, foram também relatadas de outras formas pelas tradições religiosas e por místicos. Algumas escolas espiritualistas, como é o caso da Teosofia, divide em sete dimensões, mas todas estão contempladas nas quatro acima. Outras, em apenas três ou duas, como é o caso respectivamente do Espiritismo e do Catolicismo.

Como salientamos, a cosmovisão aqui exposta se inspirou nas teorias do holomovimento de David BOHM (2008), ou seja, que entende o Universo como uma totalidade indivisível, de forma que a parte sempre contem o Todo e que a visão fragmentada é muito mais o fruto ilusório de um "instrumento de observação" equivocado, uma vez que não é possível separar o que se observa do "instrumento de observação" e que a "ordem explicita" deriva sempre de uma "ordem implícita".

E, para fins didáticos, a ONGCSF classifica e individualiza os fluxos energéticos em cada dimensão para facilitar a identificação de suas finalidades e produções espirituais, noéticas e psíquicas, sobretudo, as imagéticas e simbólicas. Assim, a energia irradiada pela matéria física, que já se sabe que é irradiada de forma descontinua e na forma de pacotes de energia, o *quantum* conforme classificação de Max PLANCK, em 1900, recebe esse mesmo nome: *quantum*. Ou seja, seria o *quantum* que formaria a matéria presente na "ordem explícita" e que é chamada de Biosfera.

Por sua vez, a energia psíquica que JUNG afirmou não poder ser quantificada ou medida, pelo menos não se tinha quando ele produziu sua vasta obra e ainda não se tem equipamentos capazes de fazer essa medição, apesar de alguns videntes e sensitivos afirmarem que são capazes de ver essa energia que, em tese, tem cor e forma, é identificada como sendo o *qualitum*, uma vez que, para a maioria das pessoas, ela só poderia ser sentida em sua intensidade e qualificada. Essa energia psíquica impregnaria a matéria, os objetos, os ambientes o que explicaria, segundo a ONGCSF, fenômenos espiritualistas como a psicometria, ou seja, a arte de fazer uma captação psíquica tocando na roupa ou em um objeto de uma pessoa encarnada ou não.

Por sua vez, a energia que estaria por trás das representações arquetípicas e das estruturas imaginárias que, conforme as teorias junguianas e durandianas, seriam universais e, portanto, atemporais, estando presente na base de todas as representações simbólicas e culturais de todos os povos, em todas as civilizações e em todas as épocas, sendo as imagens-força presentes em todas as criações científicas, filosóficas, religiosas ou artísticas da humanidade são identificadas, na proposta aqui discutida, com o nome de *conceitum* para melhor compreensão de como essa força imaginal ou imagem-força age na criação do mundo humanizado incorpóreo (Psicosfera) e encarnado (Biosfera). Segundo a ONGCSF seria essa energia que estaria por trás das formas existentes na Psicosfera, onde aconteceria a personalização da individualidade para sua posterior encarnação na Biosfera.

Por fim, as energias que nos vem dos recônditos mais profundos do Ser e que resultam em estados de espírito classificados

pelos orientais como *nirvana*, *samadhi*, *zazem, satori* entre outras denominações, ou como afirmam os cristãos místicos, o *sentir o reino de Deus dentro de si*, a ONGCSF identifica como sendo o *divinum*.

A classificação acima tem, sobretudo, como salientado, uma finalidade didática para auxiliar na identificação de alguns processos físicos, emocionais, mentais, noéticos e espirituais experimentados em práticas meditativas ou em outras que favorecem a vivência de um estado ampliado de consciência para facilitar sua compreensão e análise. Mas é importante salientar que, até o momento, a única que pode ser efetivamente comprovada e medida é o *quantum*, os pacotes de energia fartamente estudados pela física e cuja irradiação pode ser medida pela constante de Planck.

Compreendendo os quatro planos existenciais e seu *continuum* podemos abordar o porquê da ONGCSF chamar a *pr*áxis educativa que visa ajudar no processo animagógico de adultos e idosos de Gerontagogia holonômica. Em primeiro lugar, por pensar a pessoa idosa como uma totalidade e não de forma fragmentada. Assim, cada pessoa, e neste caso, a pessoa idosa, é um *hólon*, ou seja, um todo/parte que, ao mesmo tempo, é uma totalidade e parte de outras totalidades, gozando, portanto, de uma relativa autonomia, vivenciando sua experiência encarnatória nas quatro dimensões existenciais, simultaneamente: o corpo físico na Biosfera, a mente e as emoções na Psicosfera, sua dimensão anímica na Noosfera e, sua essência espiritual, na Logosfera. Em suma, a pessoa idosa também é um Espírito eterno vivenciando uma experiência humanizada.

E por valorizar a imaginação simbólica, as lógicas integrativas (não-dicotômi-

cas) e também a dimensão existencial ou subjetiva da vivência do tempo e do espaço, de forma que estes não se tornam meras abstrações racionais, mas cotidianamente vivenciados, experienciados e sentidos, envolvendo, portanto, a integração entre a dimensão corporal, afetual e também espiritual nessa relação que, do ponto de vista educativo e organizacional, a Gerontagogia Holonômica aceita e pressupõe o cotidiano como sendo a esfera privilegiada de sua atuação.

Assim, a perspectiva holonômica adotada pela ONGCSF seria aquela que compreende a vivência cotidiana como sendo composta por uma pluralidade de formas sócio-sêmicas, muitas vezes paradoxais e conflituosas, mas que devem ser respeitadas e, sobretudo, que acolhe a álea, o risco e a desordem como elementos também estruturantes da vivência cotidiana. E esses princípios ao serem aplicados no processo educativo da população idosa, fundamenta a Gerontagogia Holonômica.

O termo holonômico, como já salientamos, vem de *holos* (totalidade) e *nomia* (lei), e foi utilizado na física de David BOHM (2008) para se referir ao holomovimento que é, por sua natureza, indefinível e incomensurável, o que leva cada teoria a abstrair um certo aspecto relevante e, dentro de um certo contexto, expor parte da ordem implícita ou implicada do holomovimento do universo.

E ao trazer essa reflexão para o nível dos sistemas vivos, a ONGCSF concorda com MORIN (s/d) em *O paradigma perdido: a natureza humana*, onde afirma que o erro e o ruído não são necessariamente degenerativos, podendo, inclusive, ser regenerativos, suscitar uma ordem nova e resultar em inovações, e onde os sonhos e

as fantasias são capazes de produzir novas combinações, estranhas e surpreendentes, a partir de uma prodigiosa mistura do sociocultural, do intelectual, do ambiencial, do ocorrencial, dos desejos insatisfeitos, entre tantos outros fatores bio-psico-sócio -espirituais.

Dentro dessa perspectiva, a Animagogia ou a mudança de sensibilidade podem ser estimulados através de projetos de anima-ação cultural, sendo o realizado com adultos e idosos chamado, pela ONGCSF, de Gerontagogia Holonômica, e no qual cada participante é pensado e respeitado como uma totalidade indivisível e acolhido integralmente em sua dimensão biológica, psicológica, noética e espiritual.

Nesta pesquisa vamos concentrar nossos esforços no estudo da Gerontagogia Holonômica, particularmente, através do curso ministrado entre os anos de 2007 e 2015 chamado de "O poder da mente", um curso de 15 horas de duração que foi realizado nas unidades da FESC, na cidade de São Carlos, e cuja metodologia se inspira nas propostas de Educação Popular de Paulo FREIRE. Mas é importante salientar que o mesmo princípio é utilizado na Pedagogia (como a ONGCSF identifica a educação de crianças e jovens) e na Andragogia (a educação de jovens e adultos), identificando como holonômicas as *práxis* educativas que se orientem pela perspectiva apresentada acima.

E a Meditação Integrativa, uma atividade presente em quase todos os projetos de anima-ação cultural realizados pela ONGCSF, foi criada entre os anos de 2001 e 2003 a partir de uma experiência mediúnica singular que descrevemos na apresentação. E o fato de optar em estudar sua ação em um grupo humano tão específico,

não significa que a Meditação Integrativa não possa ser utilizada em atividades de anima-ação cultural em outros contextos socioculturais. Aliás, ela já foi colocada em prática com jovens que frequentam a APAE, com policiais militares, com pré-vestibulandos, com pessoas com HIV e câncer e tem sido de grande valia também na redução da síndrome de *burnout* em profissionais da educação e da saúde, apesar de não ser o uso terapêutico sua principal finalidade, mas o animagógico, que é espiritualista e transreligioso, apesar de suas induções serem propostas sempre a partir do referencial simbólico do grupo que participa da atividade. Em outras palavras, a partir dos valores e crenças próprias do grupo se busca despertar os atributos do Espírito que são, dentro da estrutura metafísica aqui exposta, universais.

As induções realizadas na Meditação Integrativa visam, como o nome diz, integrar. Mas integrar o quê? Justamente as quatro dimensões apresentadas acima e também o enfoque Ocidental e o Oriental sobre a consciência. Ou seja, enquanto no Ocidente predomina uma visão unidimensional do ser humanizado, centrado na Biologia e afirmando que a consciência é um epifenômeno do cérebro ou da vida orgânica, valorizando muito mais o "mundo exterior", no Oriente vai predominar uma visão também unidimensional que afirma ser o mundo material ou orgânico *maya*, ilusão ou apenas um reflexo da mente, dentro de uma perspectiva solipsista, valorizando, assim, muito mais o "mundo interior". Porém, mais do que independentes ou dicotômicas, estas duas visões são complementares, na perspectiva adotada pela ONGCSF. Assim, apesar de compreender que o ser humanizado é um ser multidimensional e que

cada dimensão é um *hólon* dentro de um *hólon* maior, sendo a dimensão espiritual a "ordem implícita", a Biosfera onde se processa a vida humanizada e encarnada do Espírito possuiria uma relativa autonomia e existência, com uma finalidade providencial. Assim, as duas visões acima, a Ocidental e a Oriental, são pensadas como complementares e que devem ser integradas.

Enquanto o Ocidente valoriza o ego e o Oriente valoriza o *Self*, a prática da Meditação Integrativa é integrar essas duas dimensões da consciência humanizada. Porém, baseando-se nos depoimentos e relatos de diferentes pessoas que a praticaram na ONGCSF ou em outro local, fica evidente que ela também pode vir a ser pensada como uma possível Prática Integrativa e Complementar (PIC) na saúde pública e ser ofertada no SUS para um maior número de pessoas e não apenas em projetos de anima-ação cultural, daí a Meditação Integrativa ter sido inserida como uma das técnicas que formam a Terapia Vibracional Integrativa (TVI), praticada na ONGCSF e ensinada para cerca de cinco mil pessoas, no Brasil e em Portugal, desde 2003.

E como já salientamos, as pessoas que dizem ser *médiuns* ou que exercem essa prática social em algum contexto religioso ou laico costumam acessar ou manifestar em suas narrativas elementos que podem ser associados ao *imaginal* ou ao *mundus imaginalis*. Suas "narrativas visionárias" apresentam, com frequência, conteúdos psíquicos e noéticos extremamente ricos e, sobretudo, metanoicos, ou seja, que facilitam o processo de individuação ou de autorrealização do participante, completando, assim, sua animagogia, ou seja, ajudando no despertar dos atributos do Espírito de forma que possam vivenciar sua existência

humanizada com habilidade espiritual, em outras palavras, como um *Homo spiritualis*.

Não descartamos, também, que dentro de uma perspectiva materialista, racionalista ou iconoclasta, essas "narrativas visionárias" poderiam ser interpretadas como algo destituído de qualquer valor pragmático ou até mesmo como algo patológico, como foi o caso de Emmanuel KANT (2013) ao estudar as de SWEDENBORG, conhecido no século XVIII como "vidente de espíritos". Tais narrativas costumam ser rotuladas de ilusórias ou irreais, e tratadas como fantasias ou ignoradas por serem apenas o fruto de uma imaginação fértil. Nessa mesma linha de raciocínio, um analista adleriano, por exemplo, tenderia a interpretá-las como compensações do inconsciente para superar o chamado "complexo de inferioridade".

Porém, dentro de uma ótica que valoriza a produção simbólica ou as manifestações arquetípicas do "inconsciente coletivo", como a que estamos aqui propondo, tais manifestações *mitopoiéticas* podem, inclusive, ser curativas. E a teoria que fundamenta a Meditação Integrativa é que o estado meditativo ou hipnagógico (intermediário entre o estado de vigília e o sono), permitiria suspender as barreiras do ego (estado de consciência normal que vibra na dimensão que chamamos acima de *Psicosfera*) de forma que este se integre com o *Self* (a consciência da individualidade que vibra em um plano mais profundo, identificado como *Noosfera*), o que permitiria que as criações arquetípicas oriundas desta e as energias espirituais provenientes da *Logosfera* "desçam" para o consciente, o que possibilitaria serem sentidas ou qualificadas, despertando na vida humanizada o que a Animagogia chama de atributos do Espírito, ou seja, a felicidade, o amor, a equanimidade, a paz in-

terior e outras relatadas por quem vivencia os estados chamados de *samadhi*, *nirvana*, *reino de Deus*, por exemplo.

A *Noosfera* e a *Logosfera* seriam, nesse sentido, planos transcendentais e, portanto, atemporais e independentes do espaço, pelo menos no sentido euclidiano, mas fariam parte do holomovimento do Universo, podendo ser encontradas tanto por quem as procura "dentro" como por quem as procura "fora" de si.

A integração do ego ao *Self* explicaria, por exemplo, o acesso de algumas pessoas às experiências de "vidas passadas" (uma forma de captação noética) ou, até mesmo, ter premonições sobre algo que vai acontecer no futuro ou manifestar a clarividência em relação a algo que está acontecendo em outro local, fora do alcance dos sentidos (uma captação psíquica), como a famosa descrição que SWEDENBORG fez de um incêndio em Estocolmo, em 1759, estando ele a 300 milhas de distância, fato posteriormente comprovado e relatado por Emmanuel KANT em uma carta publicada no livro A vida simbólica, de C. G. JUNG, e que reproduzimos abaixo:

> *Esta ocorrência parece ser a prova cabal dos poderes paranormais de Swedenborg. Às 4 horas da tarde de um sábado de setembro, do ano de 1759, Swedenborg chegou a Gotemburgo, vindo da Inglaterra e foi convidado à casa do sr. Wiliam Castel, junto com mais quinze pessoas. Por volta das 18 horas, Swedenborg deu uma saída e, momentos depois, retornou à sala, pálido e visivelmente alarmado. E, em voz alta, disse a todos que, naquele exato momento, um grande incêndio irrompera em Estocolmo,*

no bairro de Sodermalm e que o fogo se alastrava com muita rapidez. Swendenborg estava agitado e entrava e saía da sala. Disse que a casa de um de seus amigos, cujo nome declinou, estava em cinzas e que sua própria casa estava ameaçada pelo fogo. Às 20 horas, voltou à sala e exclamou exultante: "Graças a Deus! O fogo foi extinto a três portas da minha casa". O incidente causou forte impressão nas pessoas que o presenciaram e teve ampla repercussão na cidade. E chegou ao conhecimento do Governador naquela mesma noite. Na manhã do dia seguinte, domingo, o governador convocou Swedenborg ao palácio e quis saber todos os pormenores do sinistro. Swedenborg descreveu-lhe, minuciosamente, todo o incidente; como o incêndio tinha começado; quando tempo tinha durado e como tinha se extinto. Naquele mesmo dia o episódio se espalhou pela cidade e, com o endosso do governador, a notícia causou grande consternação. Todos lamentavam a sorte de amigos e parentes que poderiam ter sido atingidos pelo incêndio. Segunda-feira à noite chegou a Gotemburgo um mensageiro enviado pela Câmera de Comércio de Gotemburgo e que havia deixado a cidade durante o incêndio. As cartas trazidas por ele descreviam o sinistro tal qual Swedenborg o descrevera. Na manhã de terça-feira, chegou ao palácio do governador um mensageiro real trazendo o trágico relato do incêndio. Tudo coincidia, exatamente, com a descrição de Swedenborg; o fogo tinha sido, efetivamente, debelado às vinte horas do domingo. (JUNG, 1998, p. 314)

As tradições místicas orientais e também as ocidentais, utilizando outras nomenclaturas, abordam a existência destas possíveis dimensões transcendentais e também costumam afirmar que nelas não existe a possibilidade de existir qualquer enfermidade. As patologias, sejam físicas, mentais ou emocionais, só existiriam nas duas primeiras dimensões onde vibram o ego (ou seja, a *Biosfera* e a *Psicosfera*). Dentro dessa perspectiva, através do relaxamento e da indução animagógica, a Meditação Integrativa ajudaria o participante a acessar, em estado hipnagógico, as dimensões conscienciais mais "profundas" (a *Noosfera*, ou campo da imaginação simbólica e arquetípica onde vibram as estruturas do imaginário, e a *Logosfera*, que a ONGCSF considera como sendo a dimensão espiritual propriamente dita) e, através dessa integração do ego com o *Self*, possibilitaria renovar a energia (*quantum*) de seu campo físico ou biológico e também as energias psíquicas (*qualitum*) do campo mental e emocional, o que favoreceria a cura de várias enfermidades, apesar de não ser este, necessariamente, o foco da Meditação Integrativa, mas sim o despertar dos atributos do Espírito de forma que a pessoa possa se autorrealizar e vivenciar sua vida humanizada com habilidade espiritual, em suma, sem sofrimento e com paz interior diante de qualquer vicissitude.

De uma forma figurada, é como se existisse uma grande barragem isolando o ego do *Self* e as energias mais profundas ficariam represadas aguardando o momento em que as "comportas" seriam abertas para que tal energia pudesse banhar as dimensões abaixo, renovando-as. Essa mesma imagem pode ser usada para explicar porque é necessário integrar o ego ao *Self* e não, como

defendem algumas escolas espiritualistas, "matar o ego". Se isso acontecesse seria uma tragédia, afirma a ONGCSF, pois a pessoa perderia toda e qualquer referência humanizada ou egóica, semelhante a uma catástrofe ambiental quando uma barragem arrebenta e destrói tudo que encontra pela frente.

A Meditação Integrativa é realizada através de induções espiritualistas, mas não necessariamente religiosas. Daí serem chamadas de induções animagógicas. Ela também é uma forma de meditação bioenergética pois favorece a movimentação energética pelo corpo físico, levando o participante a salivar, bocejar, sentir arrepios, entre outros sintomas próprios das práticas de manipulação bioenergética.

Entre os anos de 2003 e 2016, a técnica foi ensinada por voluntários da ONG Círculo de São Francisco para cerca de 5 mil pessoas, em todo o território nacional e também em Portugal, gratuitamente, tanto em eventos acadêmicos como em espiritualistas. Junto com outras técnicas que formam o que vem sendo chamado desde 2005 de Terapia Vibracional Integrativa (TVI), a Meditação Integrativa vem sendo utilizada em vivências do projeto MAPEPS, da UFSCar, em vários eventos, como na tenda Paulo Freire, realizada durante o XIV Congresso Paulista de Saúde Pública, realizado na UFSCar, em 2015, e em diversos "espaço de cuidado", projeto de difusão do MAPEPS realizado em UBS, em USF, na Santa Casa, e em outros locais, na cidade de São Carlos e em outros municípios.

Em 2014, em um curso ministrado na cidade de Belo Horizonte/MG, um músico residente na capital mineira, Luciano Augusto, gravou as induções que foram realizadas e as editou em um conjunto de CDs, facilitando a difusão de seis medita-

ções. A gravação ou o registro delas tem seus aspectos positivos e negativos. As induções, quando feitas ao vivo, possuem sempre variações nas expressões utilizadas, no tom da voz e são direcionadas para o grupo presente, pois elas são realizadas respeitando os valores, as crenças e a religiosidade do grupo participante. O universo simbólico do grupo é utilizado como referência para elaborar as induções, mesmo que o objetivo seja o mesmo, por exemplo, facilitar o perdão das ofensas.

Porém, como o CD foi gravado durante um curso cujos participantes eram majoritariamente espiritistas, por um lado ele mantém viva a energia do momento em que as induções foram feitas, porém, pode passar uma falsa impressão de que se trata de uma proposta voltada apenas para membros deste agrupamento religioso, como acontece na meditação chamada "limpeza do passado" em que o participante é induzido a acessar o momento em que faz a escolha do "gênero de provas" que vai vivenciar durante sua futura encarnação. Esse é um ensinamento próprio da doutrina espírita que afirma que, antes de encarnar, o Espírito faz determinadas escolhas, criando após a encarnação um certo destino. Tal meditação, por exemplo, não fará sentido para um grupo que não acredite nesse ensinamento. Por isso, em um grupo apenas de católicos ou evangélicos costumamos conduzir essa indução até o momento da fecundação do óvulo pelo espermatozoide.

Por isso, é importante salientar que a Meditação Integrativa, dentro de uma perspectiva de Educação Popular em Saúde, procura respeitar o universo simbólico do grupo participante e, por isso, suas induções devem ser adaptadas ao perfil do grupo que participa da atividade, trabalhando os temas

espiritualistas de cunho universal (perdão, amor, paz interior, equanimidade, entre outros) utilizando como referência o universo simbólico próprio do grupo que participa da vivência. Sua prática visa auxiliar também no processo de (re)envolvimento do praticamente com sua comunidade e entorno ambiental. E também com seu corpo físico e com sua alma/espírito. As induções devem partir de valores ou significados simbólicos compartilhados pelo grupo.

O que singulariza a Meditação Integrativa é a sua função animagógica, ou seja, que suas induções possam favorecer o processo de metanoia, em outras palavras, a "mudança interior" ou a hierofania, independentemente de utilizar elementos de uma ou outra experiência religiosa ou espiritualista. Obviamente que este fato faz com que o condutor da prática necessite ter conhecimento de diferentes expressões simbólicas e religiosas para saber utilizá-las. Por exemplo, para um grupo de budistas, uma indução pode ser feita pedindo aos participantes que mentalizem um determinado bodhissatva, de acordo com a crença daquele agrupamento religioso e, com um grupo de umbandistas, sugerindo que mentalizem um orixá cuja manifestação arquetípica seja similar. Dessa forma, respeita-se a idiossincrasia do grupo e seus os valores espiritualistas e religiosos.

A Meditação Integrativa se diferencia de outras propostas por ser eminentemente espiritualista. Ela não é voltada para combater o estresse ou fazer com que o participante consiga manter o foco em seu objetivo, seja o de ganhar uma medalha em uma competição ou ser o melhor vendedor da loja onde trabalha. A prática da Meditação Integrativa pode até ajudar nesse sentido, mas não é o seu objetivo principal. Este

é, como já salientado, o autoconhecimento, que na perspectiva da ONGCSF é a compreensão de ser um Espírito eterno vivenciando uma experiência humanizada e que, dentro de cada um, já se encontra a paz, o amor, a felicidade e outros sentimentos que a maioria dos espíritos humanizados e encarnados busca fora de si, no outro ou no mundo material. E, por fim, que a morte não passa de um desligar de uma das múltiplas dimensões existenciais em que se processa a vida e não o fim da vida.

E uma primeira reflexão sobre mediunidade e terceira idade apresentei na comunicação "História Oral e transcendentalismo: imagens e imaginário do invisível", em dois eventos: Em abril de 2009, no III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Hibridações, na cidade de Campo Grande/MS, no GT "Nova perspectiva para o século XXI: o diálogo entre ciência, religião e espiritualidade", que teve a apresentação de 24 trabalhos, e também no Simpósio Internacional Educação, Imaginário e Utopia, na UFF. Neste primeiro trabalho sobre o tema, concluímos que a mediunidade é um fenômeno natural e sua prática social não pode ser apontada como causa de doenças mentais, fato também apontado pelo DSM-IV, ou seja, o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - Fourth Edition* (publicado pela Associação Psiquiátrica Americana - APA), que criou uma nova categoria para estudos (Problemas espirituais e religiosos) com o objetivo de melhor compreender alguns fenômenos, entre eles a própria mediunidade.

E aqui se faz *mister* uma distinção entre religião e espiritualidade para melhor compreensão do fenômeno mediunidade, uma vez que se trata de uma prática social espiritualista registrada em todas as tradi-

ções culturais, sem relação necessária com uma ou outra religião. Existem, obviamente, aquelas que tratam a mediunidade como algo negativo, afirmando que ela deve ser combatida, pois seria um instrumento do "demônio". Porém, há aquelas que se apoiam na mediunidade, construindo diferentes processos educativos espiritualistas.

E é importante salientar que ela pode ser pensada e praticada também de forma laica, sem um viés religioso, como acontece, por exemplo, na ONGCSF, na cidade de São Carlos, onde a Meditação Integrativa nasceu através de um profícuo intercâmbio mediúnico realizado entre os anos de 2001 e 2003.

E é dentro dessa perspectiva de distinção entre religião e espiritualidade que a ONGCSF promove o seu programa educativo chamado de Animagogia e que vem ao encontro da busca por uma espiritualidade laica e transreligiosa, neste limiar de século XXI. É importante diferenciar o significado de laico de laicismo. Na perspectiva da ONGCSF há o respeito por todas as religiões e formas de religiosidade. Não se combate, portanto, a religião, como acontece com o laicismo.

E com base nesta mudança social e considerando que desde 1998 a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a saúde como um completo bem-estar biológico, psicológico e espiritual e, além disso, com o CID 10 – código internacional de doenças - definindo que há o estado normal de transe ou de "possessão", como são os que acontecem durante uma manifestação mediúnica, por exemplo, e o patológico, causado por alguma doença, acreditamos ser fundamental no ambiente escolar, em todos os níveis de ensino, ter uma melhor compreensão do que venha a ser a mediunidade para que crianças, jovens e mesmo idosos não precisem passar

por experiências como as que serão apresentadas nesta pesquisa.

A partir dos depoimentos que serão apresentados neste estudo podemos tomar consciência que problemas religiosos e espirituais acontecem também dentro da escola e que os mesmos deveriam ser compreendidos pelos profissionais da saúde e da educação que convivem diretamente com a realidade escolar. Enfim, podemos dizer que está na hora de pensar a mediunidade como uma questão também de direitos humanos e de qualidade de vida para que o *médium*, criança ou não, possa receber a orientação e o acompanhamento adequados e não virar apenas mais um número nas estatísticas dos hospitais psiquiátricos e dos sanatórios públicos ou particulares.

Em suma, a mediunidade parece ser um fenômeno humano que pode eclodir na vida de uma pessoa em qualquer faixa etária, independentemente de sua classe social, gênero, grau de escolaridade ou religião. Normalmente, a pessoa que utiliza esse potencial psíquico em práticas sociais espiritualistas organizadas consegue manter uma vida sociocultural saudável. Porém, nem sempre as primeiras experiências são fáceis. Muitas são dolorosas e trazem muito sofrimento, sobretudo, quando o *médium* não encontra apoio na família, nos educadores ou nos profissionais da saúde.

E acreditamos que a linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, na UFSCar, pode vir a ser um campo privilegiado para pesquisas similares que possam ajudar a diminuir os problemas espirituais e religiosos na educação escolar ou não, para que crianças, jovens, adultos ou idosos que manifestam uma mediunidade ostensiva ou outras formas de "emergência espiritual",

possam ser amparados de forma saudável e respeitosa, recebendo o auxilio adequado, para que sofrimento e incompreensão, como nos exemplos que vamos apresentar, não mais necessitem acontecer dentro da escola. E é nesta direção que a prática da Meditação Integrativa se transforma também em um instrumento de ajuda fundamental, como pretendemos demonstrar nesta pesquisa.

Curso de Meditação Integrativa para cuidadores de idosos, em sala localizada na catedral de São Carlos

Parte 1

A ONG Círculo de São Francisco: da Antropolítica do (re)envolvimento humano à Meditação Integrativa

> A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teorético é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei.
> Paul FEYERABEND (contra o método)

Nesta primeira parte da pesquisa vamos apresentar a cosmovisão ou a dimensão ética e política do trabalho sócio-educativo realizado pela ONGCSF, chamada de Antropolítica do (re)envolvimento humano, compreendendo também a Animagogia como a "didática" para a realização dessa proposta e os diferentes projetos de anima -ação cultural, os "métodos e procedimentos" para despertar os atributos do Espírito na vida cotidiana, entre eles, a Gerontagogia Holonômica que visa ajudar a pessoa adulta e idosa a despertar o *Homo spiritualis*, ou seja, o modo de ser, pensar e agir no mundo com habilidade espiritual e que utilizam a Meditação Integrativa como uma das atividades privilegiadas.

Autores que fundamentam a proposta ético-política da ONG Círculo de São Francisco denominada Antropolítica do (re)envolvimento humano: Teilhard de Chardin, Emmanual Lévinas, Allan Kardec, Paulo Freire, Mircea Eliade e Carl Gustav Jung

Capítulo 1 - A constituição da Antropolítica do (re)envolvimento humano enquanto um movimento ético-político e paradigmático

Em meados da década de 1960, Edgar MORIN (1969) propôs o termo *antropolítica*, golpeando sistematicamente o ideal eurocêntrico presente no marxismo e no freudismo e revalorizando o Outro, sobretudo o "oriente" e o "terceiro mundo", em suas análises que propõem uma política pluridimensional do homem (e da mulher, obviamente). Em sua abordagem, a expressão *antropolítica* não estaria contaminada pelo ideal modernista, porém, MORIN não abandona o termo *desenvolvimento*, apenas o reformula, purificando-o da "ganga economicista" e dando a ele um sentido humano e multidimensional em sua "antropolítica do desenvolvimento".

Porém, tal purificação ou adjetivar o termo como sustentável (*desenvolvimento sustentável*) não o redime de um domínio ideológico e mitanalítico específico, associado diretamente à ruptura com os vínculos. A expressão desenvolvimento, pelo menos em língua portuguesa, é composta pelo prefixo «des», que indica negação, e a expressão "envolvimento", que está relacionada diretamente com a

ideia de abarcar, abraçar, compreender, relacionar, unir, compromisso, empenho, entre outras.

Atualmente, esta expressão se constitui em um dos principais ideologemas da modernidade heroica e prometeica e entra em conflito com a proposta original da Antropolítica que é a da metamorfose societal pautada na solidariedade, em formas cooperativas, libertárias, de respeito ao Outro, entre outros valores que pretende salientar.

E foi a partir dessa perspectiva que a ONGCSF passou a identificar com o nome de Antropolítica do (re)envolvimento humano a cosmovisão que fundamenta a Animagogia e, portanto, todos os projetos de anima-ação cultural, entre elas, a Gerontagogia Holonômica, procurando, assim, propor uma outra perspectiva mais inclusiva, solidária, ambientalmente responsável e espiritualista. Essa bacia semântica é mais adequada aos valores que a ONGCSF busca difundir e propagar no meio sociocultural em que atua cotidianamente, valorizando uma diferente percepção/representação da realidade que, do ponto de vista mitanalítico, seria mais hermesiana, em outras palavras, mas fratriarcal e horizontalizante, rompendo com os mitemas e ideologemas da modernidade (exclusão, desenvolvimento, verticalização das relações, entre outros).

Obviamente que as questões como desigualdade, hierarquia, autoridade etc. permanecem como centrais, porém, a partir de outras perspectivas "pós-modernas" e/ou "transmodernas", ou seja, capaz de inserir também a "libertação" ambiental, ou da Terra, e a espiritual.

A ONGCSF procura abandonar toda a heroicidade prometeica e o messianismo despersonalizante presentes na moderni-

dade e, dialogando como autores como Edgar MORIN e Paulo FREIRE que, apesar de criticarem o autoritarismo presente no marxismo, não abandonaram a ideia de "revolução".

Paulo FREIRE, por exemplo, apesar do discurso carismático que possuía e de ser frequentemente venerado por muitos educadores, também foi alvo de severas críticas, sendo acusado tanto de "elitista" como de "populista". Marxistas criticam sua obra por não afirmar necessariamente que a "luta de classes é o motor da história". Por outro lado, o movimento anti-marxista o critica por fazer "doutrinação comunista", imputando a FREIRE a culpa pela falência da educação brasileira, afirmando que o seu método de alfabetização de jovens e adultos seria o responsável pelo alto índice de analfabetismo funcional no país e também de plágio, pois teria se apropriado do método Laubach, sem citar as necessárias fontes. Estas e outras críticas podem ser facilmente encontradas na *internet*, em *sites* e *blogs* que procuram criticar Paulo FREIRE, sua obra e seu pensamento.

A Antropolítica do (re)envolvimento humano proposta pela ONGCSF tem em Paulo FREIRE uma das suas referências teóricas. E como, nos últimos anos, ele passou a ser alvo de uma crítica inconsistente, mas contundente, vamos expor resumidade um pouco de seu pensamento que vem ao encontro da cosmovisão ou paradigma presente na Antropolítica do (re)envolvimento humano.

Um dos livros mais comentados, e não necessariamente lidos, é *Pedagogia do Oprimido*, cuja primeira edição ocorreu em 1970, registrando as experiências de Paulo FREIRE no Brasil, no Chile e na Europa, além de apresentar as primeiras sistematizações

de sua teoria sobre educação popular. Em 1992, porém, publicou a primeira edição de *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, livro no qual expõe uma reflexão autobiográfica e memorialista, ao mesmo tempo crítica e compreensiva, revisitando seus conceitos, pontos de vista e experiências políticas e educativas vivenciadas a partir da década de 1940 e que foram fundamentais para a escrita do livro *Pedagogia do Oprimido*. Esta revisão tem por base as experiências durante o período de redemocratização do país, com fatos marcantes como o *impeachment* do presidente Collor e sua passagem como secretário de educação em São Paulo (1989-1991).

Como um ser *neótono neg-entrópico*, ou seja, aberto para o mundo, lúdico-explorador e permanentemente incompleto e inacabado, Paulo FREIRE faz uma autocrítica, expondo como superou a linguagem machista do livro anterior, e respondendo a várias das críticas normalmente endereçadas ao seu trabalho.

As críticas recentes à ele (a partir de 2012 quando se tornou o "patrono da educação brasileira"), expostas na *internet* através de *sites* e *blogs* estão associadas diretamente à guinada "conservadora" verificada no Brasil, que tem o partido dos trabalhadores (PT) e todas as pessoas relacionadas a ele, como o bode expiatório do momento, os culpados pela crise política, econômica, social e moral brasileira. E Paulo FREIRE, apesar de sempre se posicionar contra qualquer forma de autoritarismo ou doutrinação, de "esquerda" ou de "direita", acabou sendo envolvido por tais críticas, quase todas superficiais e facilmente refutadas, como se pode compreender pela leitura do livro *Pedagogia da esperança: um*

reencontro com a pedagogia do oprimido.

Não de forma saudosista, o livro transita pelo contexto em que o livro *Pedagogia do oprimido* foi escrito, apresentando constantes reavaliações de pontos de vista através de um diálogo entre dois momentos históricos separados por quase 30 anos. Mais do que um estudo comparativo desses dois momentos, o livro expõe o amadurecimento pessoal, político e também como educador de Paulo FREIRE, mas mantendo um ponto central inabalável: o devotamento à tolerância, a marca profunda de sua vida e pensamento.

A corrupção, presente na ditadura militar, na década de 1990 e, ainda hoje, continua a manchar e a caracterizar a vida pública no Brasil, nos governos de "direita" ou de "esquerda". Os extremismos políticos voltam a ganhar força diante de mais uma crise econômica e moral, na qual políticos investigados por corrupção cassaram uma presidente que supostamente cometeu um crime de responsabilidade fiscal que, até recentemente, era prática administrativa reconhecida pelo Tribunal de Contas da União (TCU), sendo utilizada por presidentes que a antecederam.

Com a crescente intolerância por quem pensa diferente, seja na religião, na política e até mesmo no futebol, nossa frágil democracia parece não ser capaz de se sustentar, deixando pouca margem de atuação para quem se propõe a refletir sobre sonho e utopia, as "armas" que Paulo FREIRE nos apresenta, envolto em esperança e crença na possibilidade das mudanças pelas quais ele sempre defendeu: a amorosidade nas relações e o diálogo fratriarcal entre todos, respeitando as diferenças. Mas, se está difícil ser otimista, nos resta a esperança que Paulo FREIRE pensava e a vivenciava como

um imperativo existencial e histórico.

E nesse reencontro existencial com a Pedagogia do Oprimido, Paulo FREIRE relata duas experiências fundamentais para o nascimento de sua teoria e método: a primeira foi a fala de um operário, na década de 1960 (que não iremos aqui reproduzir, mas que se encontra presente no texto supracitado), após fazer uma palestra para pais de alunos do SESI, onde trabalhava, abordando o tema da autoridade e da liberdade, enfatizando a questão dos castigos e prêmios na educação. Essa fala foi de fundamental importância para que ele passasse a respeitar a vida concreta das pessoas. Paulo FREIRE afirma ter jamais esquecido tal fala e que foi sua esposa Elza que o fez compreender a necessidade de entender as pessoas e não apenas ser entendido por elas. Sobre essa questão, ele nos narra:

> *Nas idas e vindas da fala, na sintaxe operária, na prosódia, nos movimentos do corpo, nas mãos do orador, nas metáforas tão comuns ao discurso popular, ele chamava a atenção do educador ali em frente, sentado, calado, se afundando em sua cadeira, para a necessidade de que, ao fazer o seu discurso ao povo, o educador esteja a par da compreensão do mundo que o povo esteja tendo. Compreensão do mundo que, condicionada pela realidade concreta que em parte a explica, pode começar a mudar através da mudança do concreto. Mais ainda, compreensão do mundo que pode começar a mudar no momento mesmo em que o desvelamento da realidade concreta vai deixando expostas as razões de ser da própria compreensão tida até então.*

A mudança da compreensão, de importância fundamental, não significa, porém, ainda, a mudança do concreto.
O fato de jamais haver esquecido a trama em que se deu aquele discurso é significativo. O discurso daquela noite longínqua se vem pondo diante de mim como se fosse um texto escrito, um ensaio que eu devesse constantemente revisitar. Na verdade, ele foi o ponto culminante no aprendizado há muito iniciado – o de que o educador ou a educadora progressista, ainda quando, às vezes, tenha de falar ao povo, deve ir transformando o ao em com o povo. E isso implica o respeito ao "saber de experiência feito" de que sempre falo, somente a partir do qual é possível superá-la. (Op.cit., p. 14)

Essa abertura compreensiva ao outro, respeitando seus pontos de vista, saberes e experiências foi de tal forma interiorizado que passou a ser a essência do trabalho andragógico proposto por Paulo Freire, que, ao invés de doutrinar ou passar conteúdos, visa valorizar a amorosidade e a dialogia no processo educativo.

E essa fala tão paradigmática desse operário se juntou ao sofrimento vivenciado entre os 22 e 29 anos de idade. A superação desse sofrimento existencial se deu quando conseguiu se "distanciar" do problema e meditar sobre o mesmo, fazendo uma "arqueologia" da dor que sentia, voltando ao passado, a Jaboatão, onde nasceu, e revivendo sua infância e a morte do pai. Posteriormente, essa superação do sofrimento foi importante também para compreender o problema vivido por muitos exilados que conheceu.

E essa relação entre o Eu e o Outro, tão cara ao discurso fenomenológico e

existencial, marca profundamente também o discurso político e pedagógico de Paulo FREIRE, afastando-o de todo fatalismo, seja o conservador ("Deus quer que seja assim e não se pode fazer nada") ou o de esquerda ("o socialismo é inexorável e vai acontecer, não precisamos fazer nada"). A violência verificada em Pernambuco, tanto em Recife, como no Agreste e também na suposta "liberdade" vivida pelos caiçaras, levou Paulo FREIRE a compreender que a educação é subjugada pela sociedade global e, a partir dessa perspectiva, propõe uma educação que não se vincula nem ao voluntarismo de setores da esquerda e nem fica refém do objetivismo mecanicista das pedagogias conservadoras. Enquanto a primeira é uma espécie de "idealismo brigão" e a segunda uma "negação da subjetividade", a proposta de Paulo FREIRE procura nem atribuir à educação um poder que ela não tem e nem negar qualquer poder a ela. Podemos notar que, a todo momento, ele procura fugir de todo e qualquer reducionismo dicotomizador. A mesma lógica aparece quando discute as relações autoridade-liberdade. Para Paulo FREIRE, ao negar à liberdade o direito de afirmar-se, exacerbamos a autoridade, mas, atrofiando esta, hipertrofia-se aquela. Em suma, os dois extremos podem levar à tirania da liberdade ou à tirania da autoridade, ambas nocivas à incipiente e constantemente ameaçada democracia brasileira.

E, ao contrário do que muitos de seus críticos afirmam, a proposta de educação popular proposta por Paulo FREIRE não foi abraçada por comunistas ou outros grupos de esquerda mais propensos à doutrinação do que à educação. Em 1982, afirmava sobre a experiência que o levou a propor a pedagogia do oprimido:

> *Hoje, passados quase trinta anos, se percebe facilmente o que só alguns percebiam e já defendiam na época e eram às vezes considerados sonhadores, utópicos, idealistas, quando não "vendidos aos gringos". Que só uma política radical, jamais, porém, sectária, buscando a unidade na diversidade das forças progressistas, poderia lutar por uma democracia capaz de fazer frente ao poder e à virulência da direita. Vivia-se, porém, a intolerância, a negação das diferenças. A tolerância não era o que deve ser: a virtude revolucionária que consiste na convivência com os diferentes para que se possa melhor lutar contra os antagônicos.* (OP. cit., p. 20)

E, a partir de sua experiência com a educação popular no Chile, através dos "círculos de cultura", Paulo FREIRE expõe sua divergência com a "pedagogia doutrinante", que alguns de seus críticos tentam imputar à sua obra, apontando o que chama de "equívocos" cometidos por intelectuais de esquerda que ignoram o papel da linguagem e que não escapam da "incontenção verbal":

> *uma das tarefas da educação democrática e popular, da Pedagogia da esperança – a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blablablá autoritário e sectário dos "educadores", de sua linguagem, que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfile as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular – a da linguagem como caminho de invenção da cidadania.* (Op. cit., p. 20)

Sua proposta em transformar o educando em um "sujeito cognoscente" e não como a "incidência do discurso do educador" é o que transforma o ato de ensinar em uma ação política emancipativa ou libertária que transcende o sectarismo e o fatalismo de esquerda, que tanto incomodava FREIRE, como nessa passagem elucidativa:

> *Na verdade, o clima preponderante entre as esquerdas era o do sectarismo que, ao mesmo tempo em que nega a história como possibilidade, gera e proclama uma espécie de "fatalismo libertador". O socialismo chega necessariamente... por isso é que, se levarmos às últimas consequências a compreensão da história enquanto "fatalismo libertador", prescindiremos da luta, do empenho para a criação do socialismo democrático, enquanto empreitada histórica. Somem, assim, a ética da luta e a boniteza da briga. Creio, mais do que creio estou convencido, de que nunca necessitamos tanto de posições radicais, no sentido em que entendo radicalidade na Pedagogia do oprimido, quanto hoje. Para superarmos, de um lado, os sectarismos fundados nas verdades universais e únicas; do outro, as acomodações "pragmáticas" aos fatos, como se eles tivessem virado imutáveis, tão ao gosto de posições modernas, os primeiros, e modernistas, as segundas, temos de ser pós-modernamente radicais e utópicos.* (Op. cit., p. 27)

A partir da página 34 Paulo Freire começa a revisão do livro Pedagogia do oprimido, apontando, entre outros problemas, a linguagem machista que o mesmo trazia, reconhecendo esse "erro" e buscando superá-lo. Mas também questiona a suposta

difícil leitura do livro. Sua fala revela que ele não era adepto do estudo sem compromisso, como alguns de seus críticos afirmam. Na passagem abaixo, pode se notar sua enfática defesa do ato de estudar como algo que exige compromisso e dedicação:

> *Ler um texto é algo mais sério, mais demandante. Ler um texto não é "passear" licenciosamente, pachorrentamente, sobre as palavras. É apreender como se dão às relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde, determinado. Ler, enquanto estudo, é um processo difícil, até penoso, às vezes, mas sempre prazeroso também. Implica que o(a) leitor(a) se adentre na intimidade do texto para apreender sua mais profunda significação. Quanto mais fazemos este exercício disciplinadamente, vencendo todo desejo de fuga da leitura, tanto mais nos preparamos para tornar futuras leituras menos difíceis.*
>
> *Ler um texto, sobretudo, exige de quem o faz, estar convencido de que as ideologias não morreram. Por isso mesmo, a de que o texto se acha empapado ou, às vezes nele se acha escondida, não é necessariamente, a de quem vai lê-lo. Daí a necessidade que tem o leitor ou a leitora de uma postura aberta e crítica, radical e não sectária, sem a qual se fecha ao texto e se proíbe de com ele aprender algo porque o texto talvez defenda posições antagônicas às do(a) leitor(a). Às vezes, o que é irônico, as posições são apenas diferentes.*
>
> *Em muitos casos nem sequer temos lido a autora ou o autor. Temos lido sobre ela ou ele e, sem a ela ou a ele ir, aceitamos as críticas que lhe são feitas. Assumimo-las como nossas.* (Op.cit., p. 40)

Para encerrar esta reflexão sobre a atualidade da proposta de Paulo FREIRE e do equívoco da crítica que tenta impor a ele a culpa por uma educação doutrinante ou alienante, podemos citar duas frases exemplares que demonstram que ele, apesar de sonhador e progressista, não aceitava o mundo iconoclástico e pasteurizado proposto pelos autoritários de "direita" ou de "esquerda":

> *Criticar a arrogância, o autoritarismo de intelectuais de esquerda ou de direita, no fundo, da mesma forma reacionários, que se julgam proprietários, os primeiros, do saber revolucionário, os segundos, do saber conservador; criticar o comportamento de universitários que pretendem conscientizar trabalhadores rurais e urbanos sem com eles se conscientizar também; criticar um indisfarçável ar de messianismo, no fundo ingênuo, de intelectuais que, em nome da libertação das classes trabalhadoras, impõem ou buscam impor a "superioridade" de seu saber acadêmico às "incultas massas", isto sempre fiz. E disto falei quase exaustivamente na Pedagogia do oprimido. E disto falo agora, com a mesma força, na Pedagogia da esperança.* (Op. cit., p. 41)

> *O que se exige eticamente de educadoras e educadores progressistas é que, coerentes com seu sonho democrático, respeitem os educandos e jamais, por isso mesmo, os manipulem.* (Op. cit., p. 42)

Acredito ter sido necessária essa longa exposição do pensamento de Paulo

FREIRE para ajudar a desfazer a crítica infundada a ele, como se sua obra fosse de "doutrinação marxista". Mas outros autores são fundamentais também para a proposta da Antropologia do (re)envolvimento, mas preferi me ater às contribuições de Paulo FREIRE por esse motivo conjuntural. Adiante, continuarei o citando e relacionando seu pensamento à perspectiva aqui exposta.

A proposta da antropolítica, um neologismo com quase 50 anos de idade, criado por Edgar MORIN, pressupõe uma perspectiva libertária e democrática de pensar a política. E este desejo por mudanças efetivas vinculadas à necessidade de mudanças também afetivas junto ao desejo de viver em uma sociedade crítica acompanhado pela vontade de vivenciar uma sociedade também criativa (MARQUES, 2003), proporciona, do ponto de vista mitanalítico, um processo criativo, organizacional e produtivo muito mais hermesiano do que prometeico, e que permita espaço para o Outro, para a vivência da alteridade, para a liberdade. E os ideais de Paulo FREIRE vem ao encontro desse ideal:

> *a radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega ao outro o direito de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendem impor silêncio.* (1984, p. 49)

E outro autor fundamental para se construir a Antropolítica do (re)envolvimento humano, como proposta pela ONGCSF, é LÉVINAS (1988) e sua crítica à ontologia. Ao propor uma Antropolítica do (re) envolvimento humano capaz de sustentar uma prática social libertária e processos educativos democráticos e sustentáveis, a ONGCSF afirma que se faz necessário a coexistência de uma base crítica, porém, também compreensiva e fenomenológica, o que torna fundamental estabelecer um diálogo criativo e respeitoso com as tradições religiosas, com a ciência não-dogmática e com as reflexões filosóficas e epistemológicas pós-modernas, na linha sugerida por Jean-François LYOTARD, Boaventura de Souza SANTOS, Gilbert DURAND, Michel MAFFESOLI, entre outros, e/ou transmodernas, na perspectiva de Enrique DUSSEL, e não dos autores que utilizam esse termo (transmodernidade) para se referir à cibernética ou à cultura do neoliberalismo e à globalização.

Para DUSSEL (2005), a modernidade é justificativa de uma *práxis* irracional de violência e descreve o "mito" da modernidade em sete principais atributos (2005, p. 30):

> *1. A civilização moderna autodescreve-se como mais desenvolvida e superior (o que significa sustentar inconscientemente uma posição eurocêntrica).*
> *2. A superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral.*
> *3. O caminho de tal processo educativo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa (é, de fato, um desenvolvimento unilinear e à européia o que determina, novamente de modo inconsciente, a "falácia desenvolvi-*

mentista").

4. Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização (a guerra justa colonial).

5. Esta dominação produz vítimas (de muitas e variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase-ritual de sacrifício; o herói civilizador reveste a suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica, etcetera).

6. Para o moderno, o bárbaro tem uma "culpa"(por opor-se ao processo civilizador) que permite à "Modernidade" apresentar-se não apenas como inocente mas como "emancipadora" dessa "culpa" de suas próprias vítimas.

7. Por último, e pelo caráter "civilizatório" da "Modernidade", interpretam-se como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da "modernização" dos outros povos "atrasados" (imaturos), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser frágil, etcetera.

A perspectiva da Antropolítica do (re) envolvimento vem ao encontro dessa crítica, porém, na perspectiva aqui apresentada, os sete pontos acima não seriam "mitos", mas *ideologemas* que remetem a um mito, no caso, o de Prometeu, estudado exaustivamente na motocrítica durandiana e de outros autores.

Feita essa ressalva, podemos compreender que é contra a razão eurocêntrica que DUSSEL vai se levantar e não contra

a razão em si. A razão eurocêntrica, como afirma, é "violenta, desenvolvimentista, hegemônica" (2005, p.31). E como um projeto mundial de libertação propõe a "Trans-Modernidade" que se distingue do projeto pré-moderno (afirmação folclórica do passado), do projeto antimoderno (de grupos conservadores, de direita, de grupos nazistas ou fascistas ou populistas) e do projeto pós-moderno (como negação da Modernidade como crítica de toda razão para cair num irracionalismo niilista).

Porém, a concepção de pós-moderno que DUSSEL apresenta acima não cobre toda a contraditória experiência classificada como "pós-moderna". Seu interlocutor ao discutir a pós-modernidade parece ser Richard RORTY. O que ele critica parece ser uma vertente "irracionalista" do tipo *panfílica* e/ou *dionisíaca* que se parece muito mais com o pensamento "contra-moderno" do que, realmente, "pós-moderno", se compreendermos aqui as reflexões de autores como Edgar MORIN, Jean-François LYOTARD, Gilbert DURAND, Basarab NICOLESCU, Stéphane LUPASCO, Boaventura de Souza SANTOS entre tantos outros que também não negam a razão, mas sim o racionalismo que opõe razão e imaginação, desmerecendo o valor desta última, tratando-a como algo menor (a louca da casa) ou mesmo sem valor algum.

Porém, paradoxalmente, o que aproxima todos esses pensadores é o objetivo comum de se contrapor aos valores supostamente universais propostos pela modernidade eurocêntrica. Em suma, eles apresentam muito mais pontos em comum do que divergentes, complementando-se, inclusive. Utilizando a lógica recursiva de MORIN (2012), poderíamos dizer que entre o pensamento "pós-moderno" e o "trans-

moderno" há uma relação ora antagônica, ora concorrencial e ora complementar, mas lembrando que outros autores também usam o termo transmoderno, mas com um sentido bem diferente do utilizado por DUSSEL.

Em suma, temos a impressão que a diferença acaba sendo muito mais de nomenclatura do que de objetivo. Por exemplo, tanto DUSSEL (transmoderno e latino) como LYOTARD (pós-moderno e europeu) fundamentam suas reflexões a partir, principalmente, de LÉVINAS, que gostava de se apresentar como filósofo e judeu e não como um "filósofo judeu", como frequentemente foi conhecido.

E como classificar esse filósofo que introduziu o pensamento de HUSSERL e de HEIDEGGER na França e depois rompeu com este último, considerando que a ontologia não seria a primeira filosofia e, sim, a ética? LÉVINAS que fez da alteridade e do respeito ao Outro o seu campo de reflexão, pode ser classificado como "pós-moderno", "transmoderno", "não-moderno" ou "contra-moderno"?

Essa é uma questão de menor importância ou, até mesmo, impossível de se responder, pois dependerá de como conceituarmos cada expressão acima. Porém, e sem, necessariamente, realizar uma exaustiva mitocrítica da vida e obra de Emmanuel LÉVINAS, podemos, modestamente, afirmar que ele viveu um sonho hermesiano em uma realidade prometéica.

Ele foi o primeiro a traduzir a obra de HUSSERL e de HEIDEGGER para o francês. Porém, com o advento do nazismo e após ser preso em um campo de trabalho forçado na Alemanha, elaborou sua crítica à ontologia de HEIDEGGER e passou a se dedicar à ética, que chamou de "filosofia primeira",

elaborando seu pensamento em defesa do respeito ao Outro e do valor fundamental da alteridade e da transcendência.

O livro *Totalidade e infinito* é considerado como sua principal obra, na qual deixa evidente sua crítica à busca por um saber absoluto e totalizante na filosofia ocidental (dos gregos aos alemães) e apresenta sua reflexão sobre o infinito, aprofundando, inclusive, sua reflexão sobre espiritualidade e postulando que a alma pode existir antes da encarnação e continuar existindo após a morte.

No prefácio do livro afirma:

> *Este livro se apresenta como uma defesa da subjetividade, mas ele não a captará no nível de seu protesto puramente egoísta contra a totalidade, nem em sua angústia diante da morte, mas como fundada na ideia do infinito. Avançará distinguindo entre a ideia de totalidade e a ideia de infinito e afirmando o primado da ideia do infinito. Vai descrever como o infinito se produz na relação do Mesmo com o Outro e como, inultrapassável como é, o particular e o pessoal magnetizam de algum modo o próprio campo em que se verifica a produção do infinito.* (1988, p. 13)

Para LÉVINAS, o pensamento do ser, ou seja, a ontologia, conforme HEIDEGGER a considerou, além de ser um pensamento excludente, seria perigoso por defender o privilégio da razão e se mostrar pretensamente neutro, quando estaria a serviço da identidade do "Mesmo" e da negação ou destruição do "Outro". Para ele, a razão, desvinculada da ética e da justiça, seria um dos motivos, por exemplo, para a ascensão

de Hitler ao poder.

Podemos compreender que o ambiente em que viveu boa parte de sua vida foi prometeico. O culto à razão, ao progresso, às doutrinas totalitárias formavam o cerne do pensamento europeu nas primeiras décadas do século XX, antes da segunda grande guerra. E, paradoxalmente, por questionar o mito prometeico da razão, ele é condenado como Prometeu. E é em sua experiência em um campo de trabalho forçado, perdendo toda sua identidade e humanidade, que consegue enxergar que seus heróis (HUSSERL e HEIDEGGER) também reforçavam o "Mesmo", estando também inseridos em um pensamento absoluto e globalizador. Lembremos, por exemplo, as cinco "épocas" definidas por HEIDEGGER e como elas são extremamente eurocêntricas, ou relacionadas com a experiência europeia, não sendo, portanto, universais: mítica, pré-socrática, filosófico-metafísica, estética e científico-técnica.

E, de alguma forma, o próprio LÉVINAS desperta ou rompe com o seu lado heroico marcado pela tentativa de levar uma outra tonalidade de *Luz* para a França racionalista, introduzindo o pensamento fenomenológico nascido na Alemanha.

E mesmo não sendo possível classificá-lo como um pensador "pós-moderno" ou "trans-moderno", sua proposta filosófica apresenta uma ruptura com o ideal moderno e prometeico que fundam o iluminismo e sua sombra, as sociedades totalitárias de esquerda e de direita. Para LÉVINAS, a razão foi utilizada para neutralizar o Outro, englobando-o e o reduzindo ao Mesmo. E a ontologia heideggeriana não visaria a paz com o Outro, mas a supressão ou posse do Outro. A ontologia, em sua opinião, desemboca na tirania do Estado, daí afirmar que

a ontologia, sem a ética, seria a filosofia do poder ou a filosofia da injustiça.

E a segunda fase do trabalho de LÉVINAS, após sua experiência no campo de trabalho forçado, passa a ser a crítica à legitimação do domínio do Outro, tanto na filosofia grega como na alemã. A ontologia passa a ser considerada a "filosofia segunda" uma vez que, a "filosofia primeira" passa a ser a ética, ou a construção da alteridade e de uma relação de justiça com o Outro que, ao mesmo tempo, é transcendental.

Aqui podemos encontrar uma das principais contribuições ou talvez a principal contribuição de LÉVINAS para a formulação da Antropolítica do (re)envolvimento humano: a busca da transcendência que nos leva, inexoravelmente, ao Outro. Ou seja, ao contrário do pensamento solipsista e de outros idealistas, para LÉVINAS a transcendência não é negatividade ou negação do mundo, como se esse fosse uma mera ilusão, mas uma abertura para o mundo e, sobretudo, ao Outro com o qual devemos aprender a conviver com respeito, construindo, numa linguagem mais atualizada, uma cultura de paz e cooperação.

E essa relação alquímica ou hermesiana com o Outro que é o objetivo central da sua ética, abrindo o nosso horizonte para uma perspectiva de não-violência e de justiça, no qual o ideal moderno iluminista (prometeico) que justifica a violência contra o diferente é substituída por um ideal transcendente e metafísico (hermesiano) de abertura e respeito ao Outro motiva toda a *práxis* que se fundamenta na Antropolítica do (re)envolvimento humano, conforme teorizado na ONGCSF. Além disso, para LÉVINAS, a separação do Mesmo só é produzida sob a forma de uma vida interior. O psiquismo, afirma, não reflete o

ser, mas é uma maneira de ser que resiste à totalidade, uma vez que, a interioridade instaura uma ordem diferente do tempo histórico em que a totalidade se constitui. A interioridade é justamente a recusa a transformar-se num puro passivo, que figura nunca contabilidade alheia. E é o psiquismo e não a matéria que traz um princípio de individualização, daí a relação direta entre a ética e a metafísica em seu pensamento tipicamente hermesiano.

Porém, o fato de LÉVINAS ser europeu, mais precisamente um lituano que vivenciou a revolução comunista de 1917, estabeleceu-se na França, em 1923, e foi preso pelos alemães, com a chegada dos nazistas ao poder, fez com que sua obra se tornasse duramente crítica com a modernidade e toda sua gana prometeica. Porém, na América latina temos um questão importante, levantada pelo pensador argentino que é normalmente classificado como "pós-moderno", Néstor Garcia CANCLINE: "na América Latina, onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar, não estamos convictos de que modernizar-nos deva ser o principal objetivo, como apregoam políticos, economistas e a publicidade de novas tecnologias." (1998, p. 17)

E apesar dessa posição defensiva contra a modernidade, CANCLINE reconhece a presença de ranços pré-modernos como a corrupção e o "caudilhismo" populista que necessitam ser superados na América Latina, de forma geral. E será que daria para superar essas questões sem ser pela modernidade?

Enfim, essa é uma questão difícil de ser respondida e não é o objetivo desse estudo. O foco, nesse momento, é apresentar minimamente a proposta da Antropolítica

do (re)envolvimento humano, na perspectiva proposta pela ONGCSF, e que visa construir uma relação de respeito e alteridade, base para todo e qualquer programa educativo crítico e compreensivo voltado para a "libertação", conforme proposto na "pedagogia" de DUSSEL (1986), que se concretiza nos níveis da erótica (casa), da pedagógica (escola) e da política (social), mas incluindo também a libertação da Terra da opressão humana e a libertação espiritual.

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar a necessidade da defesa de ideias radicais, mas não sectárias, valorizando um "otimismo crítico" diante da realidade sociocultural em que nos encontramos. O sectarismo, segundo FREIRE (1984), independentemente de ser direitista ou esquerdista apresenta uma matriz preponderantemente emocional e acrítica. Ele é arrogante, antidialogal e anticomunicativa. O sectário não respeita outras opções e pretende impor a sua, o que o caracterizaria essa prática social como fanatismo.

O otimismo crítico seria, para Paulo FREIRE, o instrumento para se vencer o sectarismo e se constrói através de uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política. Ele seria uma maneira de renunciar, simultaneamente, ao otimismo ingênuo, ao idealismo utópico, ao pessimismo e à desesperança (FREIRE, 1984). Ele implica no retorno à matriz verdadeira da democracia e favorece a integração com a realidade nacional, que passa a ser valorizada e que exige um máximo de razão e consciência, diálogo e participação.

E no plano metafísico, é importante salientar também algumas convergências e divergências entre a proposta de "libertação" proposta por FIORI e a que está pre-

sente na Antropolítica do (re)envolvimento conforme vem sendo colocada em prática nas atividades de anima-ação cultural da ONGCSF.

Em ambas as propostas, a transcendência é um fenômeno valorizado que se alcança através do mergulho na vida, na imanência. E tanto o humanismo católico progressista de FIORI como a Antropolítica do (re)envolvimento humano vão se fundamentar em autores como Martin BUBER, Teilhard de CHARDIN e o carismático e emblemático educador brasileiro, Paulo FREIRE, apresentado acima.

Com base em algumas passagens do livro Educação e Política (textos escolhidos volume 2), apesar de seu livro História e Metafísica ser mais profundo a esse respeito, é possível ter acesso as bases de seu pensamento ou de sua cosmovisão que é identificada pelos organizadores do livro, Otília Beatriz Fiori Arantes e Paulo Eduardo Arantes, como sendo um «humanismo católico progressista», daí adotarmos essa nomenclatura para identificar seu pensamento.

Na apresentação do livro, uma citação dos organizadores ao apresentar a questão da ideologia, já evidencia que ele não foi marxista:

> "por que muitos de nós, na recente 'guerra de legalidade', chegamos atrasados em relação aos marxistas, aos militantes, que imediatamente tomaram posição? qual foi a superioridade tática e técnica deles em relação à nós, que também pretendíamos defender a legalidade, mas numa outra perspectiva, em nome de outros valores?» (FIORI, 1991, p. 11).

Na página 142, essa frase aparecerá contextualizada na discussão sobre a ideologia, na qual expõe um outro ponto de vista, diferente do marxismo, definindo a ideologia como ideia-força, como veremos adiante.

E no texto intitulado aspectos da reforma universitária, que apresenta a transcrição de uma palestra realizada em 1962, antes de abordar seu conceito de cultura e de universidade, Fiori vai expor com mais detalhe sua cosmovisão. É uma passagem curta, mas que deixa patente o seu referencial . Ele afirma que não é "essencialista" e nem é "existencialista". Em suas palavras, afirma: "em se tratando de homem, não sou nem essencialista, pois não ponho, de maneira absoluta, a essência antes da existência, nem existencialista, ao modo de Sartre, por não admitir que a existência preceda a essência." (Op. cit., p. 19)

Porém, mesmo admitindo que não é essencialista, pois teria que aceitar que haveria um princípio que permaneceria sempre igual a si mesmo, como acontece, em tese, com os adeptos do hinduísmo, o que não é o caso de FIORI, podemos compreender que sua cosmovisão sofre influência de dois pensadores espiritualistas evolucionistas: Teilhard de CHARDIN e Henry BERGSON. A partir desse esclarecimento, fica mais fácil compreender os fundamentos do humanismo católico progressista de FIORI, que admite a presença de uma essência que se "conquista" através da existência, através da criação da história e da cultura. E, no campo político, deixa evidente na transcrição de sua palestra, a sua opção por um socialismo democrático afirmando que "a socialização deve ser integração personalizante e não despersonalizante, não a socialização que sufoca, abafa e faz morrer a personalidade na pessoa humana, mas, ao contrário, que, pelo adensamento da

comunhão humana, propicia as verdadeiras condições de livre afirmação do espírito." (Op. cit., p. 34)

E a questão do Espírito é fundamental em sua cosmovisão, tanto que a "libertação" que é um ideologema fundamental no pensamento de FIORI acontece em 3 dimensões que podem ser alienantes: a libertação econômica, a social e a religiosa.

Apesar de não fazer referências a LÉVINAS, mas a um outro pensador judeu, Martin BUBER, podemos encontrar semelhança entre a noção de transcendentalismo proposta por ele e a de LÉVINAS, conforme exposta em Totalidade e Infinito. Ou seja, ambos não negam a imanência. FIORI afirma:

> *O Transcendente, embora essencialmente distinto do imanente está presente na imanência das coisas e da História. E o religioso autêntico não é o que se aliena num transcendente que desconhece o mundo e a História, mas o que, na história do mundo, faz encarnação concreta dos grandes valores que luzem além das fronteiras de sua finitude.* (Op. cit., p. 34)

Essa concepção de transcendentalismo que, como salientamos, se aproxima da realizada por LÉVINAS, para quem a transcendência se processa quando nos abrimos para o mundo, para o Outro, faz com que a proposta educativa de FIORI seja eminentemente voltada para a "libertação" através da *práxis* histórica, porém, não em uma perspectiva marxista, uma vez que propõe uma outra maneira de se pensar a constituição da consciência humana.

Retomando CHARDIN, ele tomara emprestado o conceito de Noosfera, ou

seja, a "superfície espiritual" que envolve a Biosfera e, de forma otimista, aponta que ela possui "amor na origem e na destinação da história" (Op. Cit., p. 104). Porém, o homem (encarnado) nunca chegará a realizar-se plenamente afirma, pelo menos no que se refere à temporalidade, ou seja, à história. Outra coisa é a realização espiritual, que na ótica cristã de FIORI, o levará a pensar a política como *práxis* submissa aos valores morais e espirituais. O contrário disso seria o «politicismo» (Op. cit., p. 139).

O fazer político proposto por FIORI estaria para além das questões pensadas por MAQUIAVEL e por KANT, pois, a moral do cristão seria o "bem" e não, necessariamente, o "dever". Este seria uma decorrência do primeiro. E, assim, a integração do cristão na sociedade ou seu compromisso com a história é, também, um "compromisso moral" (Op. cit., 142).

Como salientamos, a ideologia assume na perspectiva de FIORI um papel importante e se distingue daquela discutida por MARX. Enquanto para este a ideologia é uma forma alienada de existência e que deve ser superada, para FIORI trata-se de uma ideia-força que interfere no processo histórico para interpretá-lo e transformá-lo. Em outras palavras, a interferência na *práxis* histórica é feita através da ideologia (Op. cit., p. 166) e não, necessariamente, da filosofia. Esta seria a responsável por um mergulho interior no próprio mistério do ser (Op. cit., p. 166) ou seja, da "energia criadora", daquilo que "dá consistência aos seres", do "espírito".

E a partir dessa distinção entre a ideologia e a filosofia, podemos compreender também sua noção de trabalho: a "expressão de uma consciência espiritual transformadora do mundo" (Op. cit., p. 170).

Após essa apresentação sintética de seu pensamento, apoiado pela leitura da transcrição de suas aulas e palestras, vamos apresentar 3 questões para compreendermos a relação ora complementar e ora concorrencial entre seu pensamento e a cosmovisão presente na Antropolítica do (re)envolvimento humano, adotada pela ONGCSF.

A primeira é em relação à essência. De um ponto de vista mais restrito que pensa o essencialismo como a doutrina que defende que a essência permanece inalterada ou que não se transforma apesar dos "acidentes" da existência, o pensamento de FIORI e a Antropolítica do (re)envolvimento humano não seriam essencialistas. Mas, de um ponto de vista mais amplo, entendendo por essencialismo a doutrina que defende que há uma essência que antecede a existência e que pode, inclusive, reencarnar, então a proposta da ONGCSF é essencialista e se distingue nesse ponto metafísico da proposta de FIORI. Essa questão, porém, não entra em conflito com a questão da transcendência, da *práxis* e da libertação, sobretudo, a religiosa (que a ONGCSF trata como espiritual), pois como salientamos, tanto em seu pensamento como nos pressupostos da Antropolítica do (re)envolvimento humano a transcendência não se alcança fugindo ou se isolando do mundo, mas, ao contrário, na vivência profunda do mundo, na abertura ao Outro, na alteridade.

A segunda será em relação à noção de Noosfera. Como FIORI, a proposta da ONGCSF também a aceita como uma dimensão espiritual e, como afirma, "amorosa na origem e na destinação da história". Mas, entre a Noosfera e a Biosfera a ONGCSF identifica, como já apresentado,

uma outra dimensão intermediária que é chamada de Psicosfera, ou formada pelas energias psíquicas como são as emoções e os pensamentos. Na Psicosfera nascem as criações científicas, religiosas, filosóficas, artísticas, entre outras, tendo como fundamento uma base arquetípica "localizada" em uma dimensão «acima», que foi chamada de Noosfera, onde residiria o imaginário, no sentido mais profundo, e que seria a base das ideologias e das criações mentais humanas que se materializam, através do trabalho e da *práxis*, na Biosfera. E essa posição leva a uma diferente concepção de imaginário. Enquanto para FIORI este é sinônimo de fantasioso (Op. cit., p. 110), a ONGCSF vai partir, como já apresentado, da perspectiva de Gilbert DURAND, próxima da proposta por JUNG.

E por fim, a terceira questão que colocamos está na libertação. Além das três pensadas por Fiori (econômica, social e religiosa), a Antropolítica do (re)envolvimento humano insere uma quarta: a libertação ambiental, ou seja, a necessidade de libertar a natureza e a Terra, de forma geral, da opressão humana, de forma que os animais, as plantas e os elementos naturais deixem de serem pensados como recursos, e passem a ter seus direitos à vida garantidos.

Apesar das diferenças expostas acima, nada impede um diálogo fratriarcal e também uma união entre seus adeptos na busca por uma sociedade mais justa, participativa e que vivencie, de fato, uma cultura de paz.

A Antropolítica do (re)envolvimento começou a ser colocada em prática através do trabalho do Programa Homospiritualis, criado em 1999, para difundir, sobretudo, a cultura de paz e a valorização da diver-

sidade religiosa, no município de São Carlos. O Programa nasceu, portanto, antes da ONGCSF (que passou a mantê-lo a partir de 2003) e foi inspirado no manifesto da UNESCO que definiu o período de 2001 a 2010 como sendo a década da Cultura de Paz, enfatizando o quarto valor que propõe "ouvir para compreender", no sentido de defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre o diálogo sem ceder ao fanatismo, à difamação e à rejeição.

Lembremos que Mircea ELIADE (1996), um dos mais importantes historiadores das religiões, identificou duas formas de ser no mundo, o *Homo religiosus* e o *Homo profanus*. Porém, na ótica da Antropolítica do (re)envolvimento humano, há evidências que no atual cenário "pós-moderno" ou "trans-moderno" de uma busca por renovação espiritual que não se coaduna com o perfil do homem religioso estudado por ELIADE, predominante nas sociedades tradicionais. Essa busca por espiritualização que marca o cenário "pós" ou "trans" moderno parece exigir uma nova expressão de Ser no mundo, capaz de distinguir religião e espiritualidade, constituindo-se, na perspectiva da ONGCSF, no *Homo Spiritualis*.

Talvez não seja por acaso que Gilbert DURAND (1997) identifica também três estruturas de imaginário, que convivem simultaneamente, mas com predomínio de uma sobre a outra, conforme o momento sociocultural (o "místico", o "heroico" e o "dramático"). E podemos perceber também a existência de três formas de relação com o meio ambiente e com a comunidade, que vou chamar de envolvimento, (des)envolvimento e (re)envolvimento. De forma didática, podemos apontar a existência de homologia entre todas essas relações:

Homo religiosus	*Homo profanus*	*Homo spiritualis*
Imaginário místico	Imaginário heroico	Imaginário dramático
envolvimento	(des)envolvimento	(re)envolvimento

O que realmente importa é compreender que o (re)envolvimento humano não pressupõe o retorno puro e simples ao passado, a um estilo de vida arcaico ou a um modo de ser, pensar e agir não-moderno. A Antropolítica do (re)envolvimento humano parte do pressuposto que o mundo moderno se insurgiu, necessariamente, contra o envolvimento predominante na relação sociedade/natureza, destruindo a religiosidade própria das sociedades primitivas, quebrando os vínculos e instituindo o que ELIADE (1996) chamou de *Homo profanus*.

Porém, esta fase da história humana teve também elementos positivos. Porém, essa ânsia por desenvolvimento, própria do estilo de vida instituído pela modernidade, pode ser apontada como uma das causas dos diversos problemas econômicos, sociais, psicológicos, ambientais e culturais da atualidade e, antes que haja uma falência total do planeta e da vida como um todo, a Antropolitica do (re)envolvimento humano busca ser uma forma de rever este sistema desenvolvimentista, propondo processos educativos que valorizem um estilo de vida mais natural, capaz de respeitar os ciclos da natureza e revitalizar os laços comunitários, além de tratar o corpo com mais atenção e respeito, seja através de alimentos saudáveis e de partos humanizados, além de redesco-

brir, sem dogmatismo ou fanatismo, nossa dimensão espiritual ou transcendental.

A Antropolítica do (re)envolvimento humano, dessa forma, deve ser pensada como um paradigma e também como um movimento ético-político, ecológico, sociocultural, educativo e espiritualista que tem como meta possibilitar um (re)envolvimento com a natureza, com a comunidade, com o corpo físico e com a alma, rompendo, assim, com o estilo de viver sem envolvimento e mecanicista próprio da modernidade (MARQUES, 2003).

E este (re)envolvimento traz ao cenário da vida humanizada, como já salientamos, o *Homo spiritualis*, que não se confunde com o *Homo religiosus* de ELIADE, como já discutido em outros artigos (MARQUES, 2004, 2008 e 2013). No âmbito das teorias antropológicas do imaginário, podemos inferir que as sociedades tradicionais ou não-modernas se identificavam, com mais frequência, com o imaginário místico; por outro lado, as sociedades modernas, com sua visão economicista, mecanicista e desenvolvimentista, tendem a difundir e a se organizar pautadas por um imaginário heroico. Nesta relação, temos um "terceiro excluido" que sempre existiu, mas que começa a se manifestar neste momento histórico com mais expressão, através de um imaginário que DURAND classificou como dramático, ou seja, capaz de religar e transitar entre os dois polos anteriores.

Ainda no plano paradigmático, e partindo da concepção que existe uma distinção entre o "paradigma clássico" e o "holonômico", com o primeiro instituindo as "hermenêuticas redutivas" e o segundo as "hermenêuticas instaurativas", é possível compreender como esta polarização está presente nas organizações, sobretudo, as

educativas, levando-as a pautar sua *práxis* através de um ou outro modelo, o que não significa afirmar que um seja errado e o outro seja certo. Há circunstâncias que podem exigir um ou outro, mas não necessariamente ambos. Concordando com PAULA CARVALHO (1990), podemos identificar, do lado do "paradigma clássico", aquelas que se pautam pela razão técnica / paradigma clássico / racionalidade técnica / modelo entrópico de organização / imaginário sistematizado / enfoque macro-estrutural / paradigma da consciência coletiva / paradigma do indivíduo-Estado / cotidianidade banalizada e, do lado do "paradigma holonômico", as que se pautam pela razão aberta / paradigma holonômico / razão cultural / modelo neg-entrópico de organização / imaginário instituinte / enfoque micro-estrutural / paradigma do ator-agente / paradigma da pessoa-comunidade / cotidianidade oximorônica.

A Antropolítica do (re)envolvimento humano, enquanto movimento ético-político, nos parece associado ao paradigma "holonômico", aceitando que a função simbólica ou o imaginário é o elemento estruturante de toda e qualquer *práxis;* que a questão da diversidade cultural e o acolhimento do pluralismo dos "mapas de realidade" ou das mentalidades não pode ser menosprezada; e que a "pedagogia da escuta", que a partir de uma abordagem fenomenológica-comprensiva elabora a questão da alteridade, é seu método privilegiado de inter(in)venção social.

Dentro dessa perspectiva "holonômica", toda prática social é também uma prática simbólica, refletindo, portanto, um ou mais mitos diretores, tanto em sua dimensão organizacional como educativa.

Ao se compreender que a função simbólica institui as dinâmicas educativas

e a *práxis dos* grupos sociais, ou seja, que a ação dos grupos sociais é sempre mediada por diversas práticas simbólicas que garantem a inteligibilidade e o sentido do "mundo", as ações educativas e/ou culturais sempre vão se nortear por uma ou outra tipicalidade (paradigma) que, podem ser, em um caso, como reprodução / linguagem sistemática / razão técnica / burocratização da vida social / modelo entrópico de organização / heterogestão etc. ou, em outro, como transformação / linguagem do símbolo / razão cultural / pluralismo social e de valores / modelo neg-entrópico de organização / autogestão etc.

A Antropolítica do (re)envolvimento humano enquanto campo de atuação ético-político, busca se vincular ao segundo paradigma que se reflete na proposta sócio-educativa da ONGCSF chamada de Animagogia, processada através de diferentes projetos de anima-ação cultural, entre elas, a Gerontagogia Holonômica, iniciada em 2005. Também postulamos que é o imaginário dramático que está na essência da Antropolítica do (re)envolvimento humano. Em outras palavras, ao se valorizar as imagens noturnas do tipo dramático (DURAND, 1992), religando os dois polos arquetípicos anteriores, esta perspectiva imaginária é que tende a valorizar a ação nos quatro vetores do (re)envolvimento humano: o (re) envolvimento com a natureza, com a comunidade, com o corpo e com a alma.

A Animagogia, a proposta de educação espiritual que visa integrar o ego ao Self e despertar os atributos do Espírito, favorecendo o desabrochar do *Homo spiritualis*, como já salientamos, é realizado através de diferentes projetos de anima-ação cultural pensados para se atingir o objetivo animagógico que é vivenciar com habilidade

espiritual a vida humanizada. Quando esse trabalho educativo é realizado com crianças e jovens recebe, na ONGCSF, o nome de Pedagogia Holonômica. Caso seja realizado com jovens e adultos é identificado com Andragogia Holonômica e, por fim, se praticado com adultos e idosos de Gerontagogia Holonômica.

Em resumo, para melhor compreensão, o trabalho da ONGCSF parte da Antropolítica do (re)envolvimento humano, a cosmovisão ou o paradigma que movimenta o trabalho sócio-educativo por ela realizada, e que se divide em quatro vetores: o (re)envolvimento com a comunidade, com a natureza, com o corpo e com a alma. O quadro na próxima página apresenta de forma sintética o que foi exposto acima:
Abordaremos no capítulo seguinte a dimensão metafísica da Animagogia, o programa sócio-educativo da ONGCSF que tem como meta auxiliar no processo de (re)envolvimento humano, despertando o *Homo spiritualis* de forma que o Ser humanizado possa vivenciar a experiência encarnada com habilidade espiritual.

Antropolítica do (re)envolvimento Humano

(política no sentido mais profundo, que visa a construção de alteridade)

(re)envolvimento com a natureza	(re)envolvimento com a comunidade	(re)envolvimento com a corpo físico	(re)envolvimento com a alma

ANIMAGOGIA

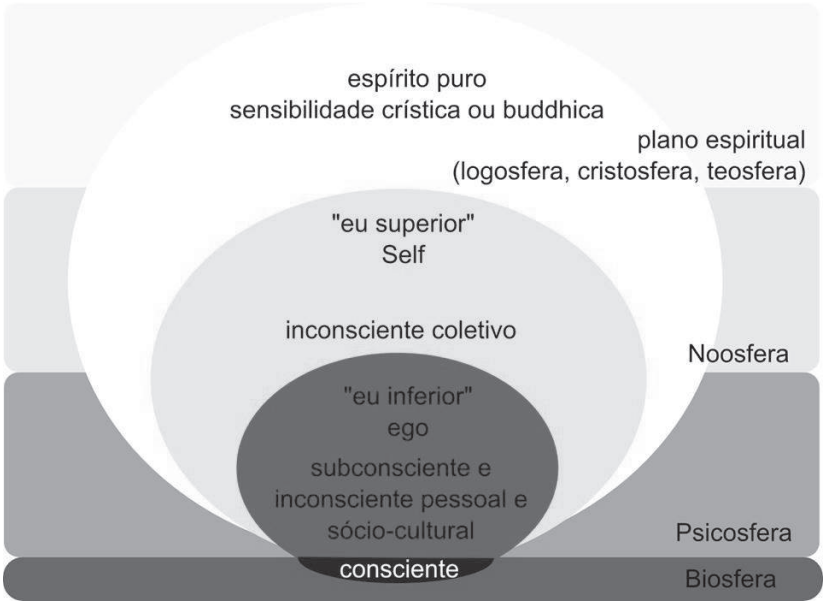
visa integrar o ego e o Self, despertando os atributos do espírito para que a vida cotidiana seja vivenciada com "habilidade espiritual"
E estes objetivos são trabalhados através de diferentes programas de

anima-ação cultural,

ou seja, de atividades e vivências diversas, realizadas com crianças, jovens, adultos e idosos, sempre integrando temas como sustentabilidade, ética, saúde integral e espiritualidade, considerando as questões de gênero e valorização do feminino, do arquétipo Yin ou das imagens noturnas.
O trabalho pode ser intergeracional ou voltado para uma faixa etária específica:

crianças	jovens	adultos	idosos
pedagogia holonômica	andragogia holonômica	gerantogogia holonômica	

(holonômico: valorização do vivido, do cotidiano, do afetual, do espiritual, do singular etc.)



Estrutura metafísica da animagogia influenciada pelo pensamento do físico David Bohm. As quatro dimensões se integram de forma holonômica, não sendo, portanto, isoladas e autônomas.

Capítulo 2 - A dimensão metafísica da Animagogia e sua *práxis* através da Gerantogogia Holonômica

A Animagogia enquanto um processo sócio-educativo para se realizar os objetivos da Antropolítica do (re)envolvimento humano, na ONGCSF, parte do pressuposto de que "somos espíritos eternos vivenciando uma experiência humana", como afirmou também Pierre Teilhard de CHARDIN, em seu famoso livro *O fenômeno humano*, e que não deixa de ser um dogma comum a várias doutrinas religiosas. E o objetivo da existência ou da humanização do Espírito, segundo a Animagogia, é conseguir vivenciar essa experiência humanizada com "habilidade espiritual". Esse pressuposto básico aceita, como hipótese, que a consciência existe de forma independente da matéria, como também defende os teóricos da Psicologia Transpessoal, como Stanislav GROF (1987, 1989 e 1994) e outros.

E esse pressuposto, que costuma ser chamado de "metafísico" ou de "não-científico", está em pé de igualdade com a visão dominante no meio acadêmico que afirma ser a consciência fruto da vida orgânica que, por sua vez, surgiu da matéria (MONOD, 1970). Porém, "não-científico" é

considerar uma das duas hipóteses como científica e excluir a outra. Afirmar que a consciência é um epifenômeno da matéria é apenas uma teoria, uma heurística, e não, necessariamente, uma verdade científica, afirmou Carl Gustav JUNG no livro *Psicologia e religião oriental* (s/d). Em suma, como bem alertou o criador da Psicologia Analítica, as duas interpretações são "metafísicas", tanto a que afirma ser a consciência um epifenômeno da matéria (criação do cérebro) ou a que afirma sua existência independentemente da matéria, inclusive a antecedendo.

No caso da Animagogia, a consciência não é tratada como um produto das reações bioquímicas que ocorrem no cérebro, mas um atributo do Espírito e, no contexto do (re)envolvimento humano, cujo objetivo é ajudar a despertar os atributos do Espírito, valorizando-os na vida cotidiana, esse processo se dá, sobretudo, quando se integra o ego e o *Self*. E para não nos perdermos neste jogo de expressões e neologismos, é importante esclarecer, com mais profundidade, o que é o ego na perspectiva da Animagogia.

O ego seria a consciência humanizada da personalidade, que também pode ser chamada de mente e que vibra na dimensão chamada Psicosfera. O ego é o responsável pelas racionalizações humanas, pela linguagem e demais atividades mentais ditas normais (percepções, representações mentais, emoções), mas também pelos fenômenos psíquicos como a clarividência e também a mediunidade. Adiante vamos abordar um pouco mais sobre como é criado o ego, na perspectiva da Animagogia, demonstrando a importância da vida orgânica para que ele possa existir e diferencia-lo do *Self*, que, em tese, traz em si o regis-

tro de todas as experiências humanizadas do Espírito, e da qual o ego deriva.

No momento, é importante compreender que, na ótica da Animagogia, o ego representa uma "redução da consciência", desligada dos atributos do Espírito que, segundo a Animagogia, são inerentes ao Ser e que seriam os seguintes:

01 - A consciência de ser um espírito passando por experiências humanizadas;
02 - A vontade de se autorrealizar espiritualmente;
03 - O amor universal;
04 - A fé plena;
05 - A felicidade incondicional;
06 - O agir de forma desinteressada no palco da vida humanizada;
07 - A humildade;
08 - A paciência;
09 - O agir de forma equânime (equa-nimidade);
10 - O livre-arbítrio;
11 - A criatividade;
12 - A paz interior.

Estes atributos, durante a humanização e encarnação do Espírito, em tese, são adormecidos, um processo necessário para acontecer as "provações" espirituais. E o objetivo central dos projetos de anima-ação cultural com crianças, jovens, adultos ou idosos, realizados pela ONGCSF, como é o caso do trabalho de Gerontagogia Holonômica, é auxiliar aqueles que desejam viver com habilidade espiritual a vida humanizada, ou seja, integrando o ego ao *Self* para que os atributos do Espírito se manifestem plenamente para a pessoa ser capaz de vivenciar sua vida cotidiana com habilidade espiritual.

Assim, as atividades de anima-ação cultural serão os instrumentos para favorecer o processo metanoico proposto pela Animagogia. Pensando no âmbito arquetipológico ou mitocrítico, identificamos Orfeu como mito diretor da Animagogia, que encantava animais ferozes e não lutava, mas acompanhava os argonautas (heróis) em suas batalhas. E o final trágico de Orfeu e de sua amada Eurídice, mostra-nos os riscos das tentativas racionalizantes e as artimanhas do ego para não alcançarmos estes objetivos. A proposta da Animagogia, portanto, é despertar os atributos que já se encontram, em tese, dentro de cada Espírito humanizado. Porém, o apego ao ego nos impediria de vivenciar estes atributos no cotidiano. O ego, caso não seja integrado ao *Self*, mantém esses atributos apenas na esfera mental, como intenções racionais, mas não vivenciados.

Para a Animagogia, os atributos podem se encontrar apenas no campo do conhecimento, mas não no da sabedoria. Porém, não adiantaria saber quais seriam os atributos. O importante, no processo animagógico, é vivenciá-los plenamente no cotidiano.

Segundo a Animagogia, com a integração do ego ao *Self*, os atributos acima vão, gradativamente, despertando e fazendo parte da vida humanizada do Espírito. Assim, viver estes atributos cotidianamente é o que a Animagogia chama de viver com "habilidade espiritual" uma experiência humanizada. E várias atividades ou vivências podem ser utilizadas para se alcançar este fim. As atividades que visam esse objetivo são utilizadas em projetos de anima-ação cultural. Ou seja, elas são meios e não a finalidade da Animagogia.

Podemos apreender que a Anima-

gogia não possui uma visão materialista do mundo, mas também não se confunde com o "misticismo quântico", movimento Nova Era que se expande rapidamente no Brasil e em Portugal, legitimando-se como "científico", por utilizar as teorias da Física Quântica fora de seu contexto (os sistemas quânticos) para legitimar suas crenças esotéricas, espiritualistas e místicas como a de que basta pensar para mudar a realidade material, atraindo a prosperidade ou qualquer outra coisa que se deseja, revalorizando o pensamento solipsista, ou afirmando que a matéria só passa a existir quando olhamos para ela e que cada um cria o seu próprio mundo.

A Animagogia reconhece o valor da Física Quântica enquanto uma disciplina acadêmica fundamental para descrever a dinâmica do átomo e que os sistemas quânticos são aqueles cuja irradiação acontecem de forma descontinua e na forma de pequenos pacotes de energia chamados de *quantum*. No mundo que se processa na escala humana, a física clássica ou newtoniana ainda tem seu valor e explica com precisão os fenômenos físicos que possuem leis, não criadas pelo acaso, mas por uma finalidade providencial. E a Física Quântica, como apontou BACHELARD (1988) em "O novo espírito científico", foi fundamental para o surgimento do "materialismo racionalista" que substituiu o "materialismo realista ou empírico".

Para a Animagogia, com base nos conhecimentos atuais da ciência acadêmica, a matéria resulta da energia, mas o Espírito não é energia, como parece defender o "misticismo quântico". Dizer que o Espírito é energia é considerá-lo também matéria, é quantificá-lo, desconsiderando o principio básico que orienta quase todos os movi-

mentos espiritualistas, ou seja, que o "menor" é que deriva do "maior". No caso, por ser uma educação espiritualista, o maior aqui seria o Espírito e não a matéria.

O Espírito, para a Animagogia, como já salientado, possui vários atributos, entre eles, a consciência, a vontade, a capacidade de amar e de ser feliz. Assim, o Espírito, em tese, irradia e manipula energia; mas esta não é inteligente. O Espírito sim. Em outras palavras, a energia noética e psíquica produzida e irradiada pelo Espírito não é "quântica", pois o termo quântico se refere à forma de medir a energia que forma a matéria, que quantifica experimentalmente a "vida" que acontece no núcleo e na órbita do átomo. A energia que forma o átomo pode ser quantificada, mas a energia psíquica não, ou pelo menos não ainda.

Segundo a Animagogia, o ego, apesar de derivar da consciência, nos afasta das energias primordiais ou divinas. Mas este processo tem uma finalidade providencial: ajudar o Espírito a adquirir experiência e sabedoria (que vai além do conhecimento). Assim, o Espírito precisa desse contato com o mundo material, que deriva da energia quântica que, por sua vez, deriva da espiritual.

Em outras palavras, a matéria inorgânica (os minerais, por exemplo) traz em seu interior (no núcleo de seus átomos) energias derivadas do chamado "vácuo quântico", mas este ainda não seria a realidade última. O "vácuo quântico", que autores como Fritjof CAPRA identificam com o TAO, com Brahman ou com a realidade última, deriva do plano espiritual, segundo a Animagogia.

O "vácuo quântico" talvez possa ser associado ao prâna das filosofias orientais, como também costuma salientar Ken WILBER em seus diferentes estudos sobre a consciência e as energias sutis, particular-

mente, no excelente texto denominado *rumo a uma teoria completa de energias sutis*[3], cuja tradução para o português existe na *internet*.

Assim, a vida orgânica ou material não seria uma mera projeção mental, no estilo solipsista de pensar. Na Animagogia, ela é importante para que o Espírito possa experimentar um mundo de sensações, de emoções e de representações mentais (ego) para que possa, através da intuição ou do despertar dos atributos do Espírito, reconectar-se ao plano espiritual ou à sua essência eterna, sendo capaz de vivenciar as vicissitudes da experiência humanizada com habilidade espiritual, ou seja, colocando em prática os atributos do Espírito, adormecidos a cada nova encarnação.

A vida humanizada e encarnada do Espírito eterno faria parte de um "jogo". E vence a partida, na ótica da Animagogia, aquele que consegue "somar mais pontos", no caso, despertar o máximo possível de seus atributos espirituais diante das situações ou "provações" que se apresentam em sua frente, na relação com a natureza, com o Outro e consigo próprio.

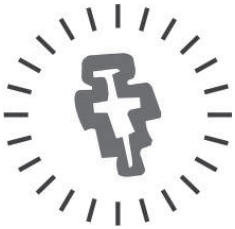
---

3 No texto citado acima, e que pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: http://www.integralworld.net/pt/subtleenergy-02-pt.html encontramos as seguintes passagens que demonstram como o pensamento de Ken WILBER se assemelha com a proposta da Animagogia: "Vários fatos intrigantes sobre a realidade quântica como este levaram uma longa lista de cientistas - de LeShan a Capra, a Zukav, a Wolf (e dezenas que não serão nomeados) - a comparar o vácuo quântico com algo parecido com espírito, supermente, o Tao, Brahman, o Vazio do Budismo, e assim por diante. O resultado, em minha opinião pessoal, foi calamitoso.""... o potencial quântico não é, de fato, um domínio radicalmente informe ou não-dual, não pode assemelhar-se a uma realidade espiritual genuína; pelo contrário, é simplesmente um aspecto de um reino manifesto que tem qualidades e quantidades, e, portanto, não é o radicalmente Inqualificável." "Em outras palavras, o potencial quântico não é espírito e sim prana."

A Animagogia não procura explicar como o Espírito eterno vivenciaria os demais reinos orgânicos antes de se humanizar, quando começaria, então, a agir através do ego (razão/vida intelectual), podendo alterar os padrões energéticos superficiais, causando, inclusive, doenças em animais, plantas e no próprio planeta. Para a Animagogia o ego está mais afastado das energias divinas, apesar de derivar delas, pois para cada "etapa evolutiva" é necessária uma espécie de redução de energias, como acontece com a energia elétrica que chega aos nossos lares. E, iludido pelo ego, o ser humanizado cria sistemas políticos, econômicos, culturais, religiosos etc. que, na maioria das vezes, o impede de viver com habilidade espiritual sua vida humanizada e, ao ser "derrotado" no "jogo da vida", precisará de uma nova partida, ou seja, de uma nova encarnação, para tentar novamente ser mais forte que a matéria.

A Animagogia também não discute se o que acontece em nossas vidas é fruto do acaso, do livre-arbítrio do ser humanizado ou se é a ação de Deus. Essas especulações seriam criações do ego para atrasar sua jornada e não ajuda a despertar os atributos do Espírito diante de qualquer vicissitude ou "provação". No caso de vivenciar uma vicissitude negativa, não adianta ficar discutindo o que gerou tal vicissitude, mas viver com habilidade espiritual aquela vicissitude, seja perdoando, seja agindo com equanimidade, sendo resiliente etc.

O único ponto de contato entre a Animagogia e o "misticismo quântico" é o reconhecimento de que a destruição ou a criação do mundo material é sempre "ilusória", uma vez que a energia proveniente do "vácuo quântico" não poderia ser destruída. Para a Animagogia, apenas a forma ou o



"que se manifesta" é possível de ser transformado. Assim, por exemplo, a poluição existe na forma, mas não existe na essência. Enquanto humanizados, sentiremos o seu efeito, mas, de volta ao plano espiritual, tomaríamos consciência que tudo não passou de uma espécie de sonho, já que a poluição não afetaria o Espírito, afirma a Animagogia.

Como é a mesma energia que cria a poluição e cria também um ambiente saudável, este processo talvez explique um aforismo taoista que afirma o seguinte: "por mais coisas que fizermos no mundo, não somos capazes de alterar o mundo". Porém, a diferença fundamental entre a Animagogia e o misticismo quântico que afirma ser possível mudar a matéria com a força do pensamento, pois ela seria apenas uma projeção mental, é que para a Animagogia existe uma finalidade providencial neste processo e as mudanças devem ser processadas no campo da política, do social, da relação com o meio ambiente, daí ela ser parte fundamental de um processo mais amplo que é a Antropolítica do (re)envolvimento humano.

Em resumo, viver com habilidade espiritual a vida humanizada é a proposta fundamental da Animagogia, o que só seria possível quando se valoriza uma espiritualidade dinâmica na qual os atributos do Espírito se sobressaem durante a experiência de vida, auxiliando no processo metanoico capaz de superar as frustrações e sofrimentos. Na Animagogia, toda e qualquer mudança deve começar de dentro para fora. Em suma, durante o processo educativo, o participante é estimulado a refletir sobre suas atitudes, compreender o que causa infelicidade e o faz sofrer. Em seguida, se faz necessária a autoaceitação dos seus sentimentos e pensamentos para, numa etapa posterior, assumir a responsa-

bilidade por seus atos e por suas escolhas, valorizando sua integridade física, mental, emocional e espiritual, além da responsabilidade social e com o meio ambiente.

No âmbito simbólico e arquetípico, interpretamos que a relação envolvimento/(des)envolvimento humano, de acordo com a perspectiva da Animagogia, nos remete ao mito de Orfeu, como foi salientado. O processo de (re)envolvimento humano, que compreende uma forma diferente de vivenciar a natureza, a comunidade, o corpo e, sobretudo, a alma, de uma forma sensível e compreensível, nos faz lembrar de Orfeu, que costumava ser apresentado como filho de Calíope, uma das nove musas, com Apolo (em outras narrativas, com o rei Eagro). Com sua sensibilidade artística fazia com que os animais ferozes o seguissem, as copas das árvores se inclinassem para ouvi-lo e os homens mais coléricos sentiam-se penetrados de ternura e bondade (BRANDÂO, 1989).

Capa da 1ª Edição do Caderno de Animagogia

Como Orfeu, é através de atividades culturais que a Animagogia procura sensibilizar e despertar os atributos do Espírito, sobretudo, através de programas de anima-ação cultural realiza-

dos com crianças, jovens, adultos e idosos.

Mas o risco da Animagogia é cometer o mesmo erro de Orfeu, ser seduzido pelas artimanhas do ego e ver sua "Eurídice" se esvair para sempre nas sombras. Apesar do ego (razão) ser o instrumento que mais nos afasta do divino, ele é também, paradoxalmente, o instrumento necessário para a reconexão, para o despertar dos atributos do Espírito, pois é através dele que acontece o processo de "ascensão" ou de (re)envolvimento com nossa alma quando ele é integrado ao *Self*. Para a Animagogia, como também afirma Krishna na Baghavad Gita, "o ego é um mau patrão, mas um ótimo servidor."

Segundo a Animagogia, quanto mais despertamos os atributos do Espírito, mais aumenta nosso "padrão vibratório" e mais energia do Espírito puro, de nossa essência, "desce" até nós, seres humanizados, irrigando cada célula do corpo físico e favorecendo uma mudança de sensibilidade, ou seja, o processo metanoico que JUNG chamou de individuação.

Quanto à reencarnação, a Animagogia pensa o Espírito como um ser criado sem experiência ou sabedoria de vida e precisa das encarnações no mundo material para vivenciar suas "provas e expiações" escolhidas voluntariamente. Assim, a matéria surge, de fato, da energia dinâmica do universo, também chamada de "vácuo quântico", mas, para a Animagogia, esta não é a "realidade última", como afirma o pensamento materialista e também adeptos do misticismo quântico.

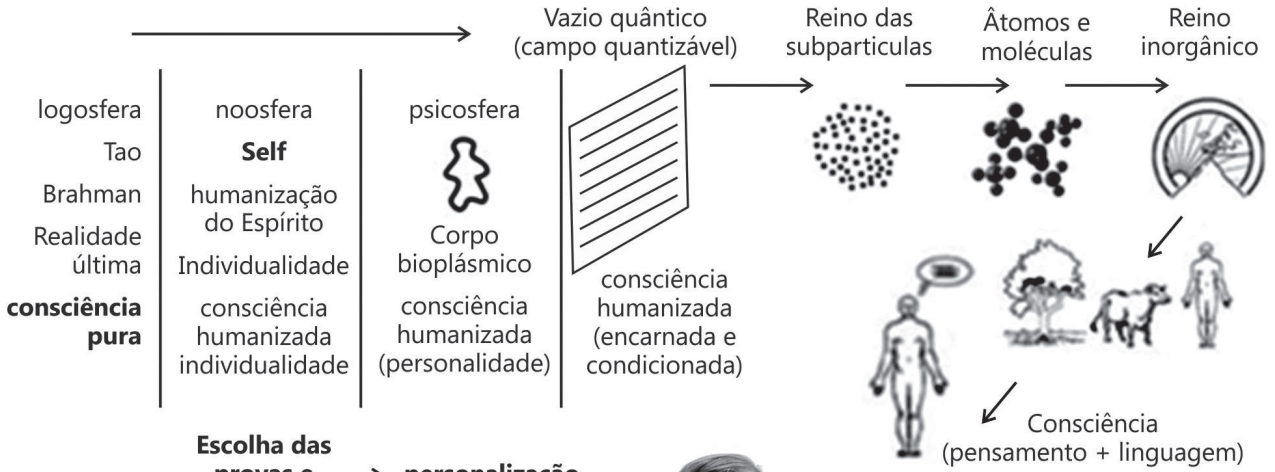
Nesse contexto, a física quântica, ramo importante da ciência contemporânea, explica como do "vácuo quântico" se cria as diferentes formas materiais, mas não tem como explicar como o Espírito cria e manipula sua energia psíquica, por exemplo. Assim, uma

bomba atômica, algo possível de se fazer com os conhecimentos da física quântica, é capaz de acabar com o nosso corpo material, mas não afetaria em nada o mundo espiritual. Para a Animagogia, este pré-existe e sobrevive ao mundo material, como também afirmaram os supostos espíritos para KARDEC, através dos intercâmbios mediúnicos que originaram a doutrina espírita.

As energias irradiadas pelo Espírito, sejam as psíquicas (pensamento e emoção) ou as noéticas (imaginação, intuição etc.) não são quânticas segundo a Animagogia. O dinamismo quântico no interior de um átomo não afetaria a vida espiritual. Em sua proposta educativa, a Animagogia reconhece uma sequência natural e ascensional (matéria - energia - espírito - Deus) e os fenômenos energéticos só podem percorrer um caminho, do maior para o menor. Não há como o menor afetar o maior, qualquer tratamento terapêutico que utilize a força da consciência e do sentimento amoroso é tratado como tratamento espiritual na Animagogia e não como "tratamento quântico". Este último termo seria adequado para se explicar o funcionamento do átomo e até mesmo para se construir bomba atômica, mas nunca para explicar práticas espirituais.

Em suma, a Animagogia não se fundamenta nem no neurocientismo e nem no misticismo quântico. O primeiro é um neologismo que criamos para identificar o movimento filosófico que costuma afirmar que a neurociência comprova que a alma, a realidade espiritual ou qualquer coisa que transcenda o mundo da matéria não existe, pensando fenômenos associados à espiritualidade como paz interior, sensação de plenitude, nirvana, entre outros, como sendo funções biológicas do cérebro, como sempre pensou e defendeu o empirismo. Por sua vez, o segundo é

Quadro esquemático da proposta metafísica da Animagogia



Os atributos do Espírito

01 - A consciência de ser um Espírito eterno
02 - A vontade de ser autorrealizar espiritualmente
03 - Amor universal
04 - A felicidade incondicional
05 - A fé plena na realidade espiritual
06 - O agir de forma desinteressada
07 - A humildade
08 - A paciência
09 - A equanimidade
10 - O livre-arbítrio (escolha das provas)
11 - A criatividade
12 - A paz interior

encarnação

O cérebro, como uma espécie de redutor de realidade, é o instrumento necessário para a manifestação da consciência na biosfera, captando ondas espiritualis, noéticas ou psiquicas conforme o interesse ou a atividade realizada na vida cotidiana.

Objetivo da Animagogia: Despertar os atributos do Espírito na vida humanizada e encarnada a fim de viver com habilidade espiritual a vida cotidiana, ou seja como um Homospiritualis.

o nome como o professor da USP, filósofo e físico, Osvaldo PESSOA JR. se refere ao movimento esotérico que afirma ser a matéria uma mera projeção mental e que bastaria pensar para mudá-la, pensamento difundido em filmes como "o segredo" e similares.

No esquema anterior, retirado do blog da ONGCSF, temos uma representação de como a Animagogia pensa a relação entre as dimensões. A Biosfera seria a "ordem explicita" que deriva da "ordem implícita". Assim o *big bang* não manifestaria a criação do Universo, mas o desdobramento de um universo que já existia.

E a Animagogia se processa através de projetos de anima-ação cultural, termo que surgiu, pela primeira vez, em minha tese de doutoramento, defendida em 2003. Sobre este neologismo é interessante salientar que ele foi criado em um momento singular da minha vida, após trabalhar três anos como animador cultural do Serviço Social do Comércio (SESC), em várias unidades do estado de São Paulo. Interessado em inserir propostas de cunho espiritualista na programação cultural (Yoga, Reiki etc.) e encontrando muita dificuldade, pois se dizia que tais práticas não estavam de acordo com a política do SESC por não serem "científicas", deparei-me, certo dia, com uma reflexão instigante de Teixeira COELHO (1989) em seu livro "O que é ação cultural?" Neste livro ele expõe sua opção pelo termo ação cultural e o porquê de abominar o termo animação cultural. Segundo afirma, este último remete à "alma de outro mundo".

E foi justamente essa declaração irônica que me chamou a atenção e resolvi inserir um hífen destacando o termo anima, criando, assim, o termo anima-ação cultural, refletindo sobre o mesmo em minha

Tese de doutorado (MARQUES, 2003). E esse jogo de palavras nos remete também ao objetivo da Animagogia, que deixa de ser o negócio (negar o ócio) para valorizar o sacerdócio (no caso, um ócio sagrado pautado pela valorização da espiritualidade no cotidiano). Essa perspectiva que podemos chamar de neg-entrópica de pensar a ação cultural nasceu da minha necessidade de propor um olhar mais "noturno" (DURAND, 1992) sobre a questão, abandonando o imaginário "diurno" e prometéico predominante no campo da ação cultural, conforme analisamos na Tese de doutorado citada acima (MARQUES, 2003).

A anima-ação cultural foi pensada como uma forma de ação cultural que não se pauta pela vontade de querer conhecer, conquistar ou controlar. Suas atividades visam apenas uma abertura à faticidade do imponderável, do incompreensível, do inefável, do sensível. Em suma, valoriza o predomínio da razão simbólica sobre a razão instrumental; ou, em outras palavras, uma autogestão do tempo vivido sem se prender a uma lógica de utilidade (MARQUES, 2003).

Entre os percalços dessa jornada se encontra, como já salientado, uma tentativa frustrada de inserir a anima-ação cultural em organizações apolíneas que, frequentemente, não valorizam o indeterminado, o inconstante, o anômalo, o contemplativo etc. E projetos de anima-ação cultural podem ser propostos para crianças, jovens, adultos e idosos dentro ou fora do ambiente escolar, preferencialmente na educação não-formal ou na ação cultural (seja na Pedagogia Holonômica, na Andragogia Holonômica ou na Gerontagogia Holonômica), rompendo com as abordagens funcionalistas e intervencionistas e indo além de

suas "metáforas obsessivas": ordem, ação, desempenho, desenvolvimento, criticidade, atividade e transformação para acolher também as imagens "crepusculares" que nos remetem para uma viagem interior e sensível, religando a luz e a sombra, a vigília e o repouso, valorizando a contemplação e a dimensão subjetiva da vivência temporal (kairós), em suma, favorecendo o processo animagógico dentro da perspectiva de um (re)envolvimento humano com nossa alma, nosso corpo, nossa comunidade e com o meio ambiente.

Podemos dizer que as atividades de um projeto de anima-ação cultural estão relacionadas com a revalorização do feminino, do sombrio e do ctônico no universo da ação cultural. Esses elementos que a imaginação "diurna" procura combater são importantes para fazer brilhar dentro de nós a vida e a luz que não emana de nós, mas que, definitivamente, estão dentro de nós (JUNG, 1986). Dentro dos objetivos da Animagogia, as atividades que farão parte de um projeto de anima-ação cultural visam ajudar no despertar dos atributos do Espírito. Em outras palavras, podemos dizer que uma mesma atividade, por exemplo, uma aula de hatha-yoga ou uma sessão de Reiki, pode ajudar a viver o cotidiano com mais habilidade espiritual ou fortalecer o ego, aumentando a vaidade ou o orgulho. No primeiro caso, há uma intenção animagógica; no segundo, não.

Assim, as mesmas atividades podem fazer parte de um programa de anima-ação cultural ou não, dependendo sempre da intenção. Nesta perspectiva, o importante para que um trabalho educativo possa ser chamado de Animagogia é verificar sempre a intenção e não a atividade em si. A princípio, qualquer atividade pode fazer parte de

um programa de anima-ação cultural, desde que estimule e valorize o despertar dos atributos do Espírito, ajude no desabrochar do *Homo spiritualis*.

Ao buscar fundamentar a Animagogia, o pano de fundo para a prática da anima-ação cultural, a ONGCSF organizou vários eventos através do Programa Homospiritualis, a maioria relacionados com as psicosofias de Buda, Krishna, Lao-Tsé, Jesus, entre outros mestres espirituais da humanidade. E como o orfismo, que sofre influências dionisíacas, apolíneas e outras, mas que, ao mesmo tempo, mantém uma posição de distanciamento em relação às doutrinas que o influencia, a Animagogia também se constituiu em um movimento complexo, que mantém uma relação ora complementar e ora antagônica com as psicosofias acima citadas.

E é importante esclarecer o porquê de chamar os ensinamentos destes mestres de psicosofia e não de religião, filosofia ou de psicologia, como fazem vários autores. Em primeiro lugar porque estes ensinamentos espirituais não são teóricos, mas são praticados tanto pelo que ensina como pelos seus discípulos. Assim, ao contrário da filosofia ou da psicologia que são apenas ramos do conhecimento, não se constituindo, necessariamente, em uma sabedoria, entendemos com o neologismo psicosofia um ensinamento que tem valor por meio de sua realização. Esse fato também nos aproxima, do ponto de vista mitocrítico, de Orfeu, um "educador da humanidade", e que, segundo BRANDÃO (1989), ensinava e vivenciava os mistérios órficos com seus discípulos.

Em segundo lugar, a psicosofia não se confunde com a religião, que tem um corpo doutrinário e um sistema de ritos es-

tabelecidos e nem com a religiosidade, um comportamento condicionado socialmente e realizado em horas pré-determinadas, sem que haja, necessariamente, qualquer transformação interior. Com exceções, podemos dizer que a religiosidade é uma atividade social e não um trabalho metanoico de transformação espiritual ou interior.

É preciso salientar que estamos compreendo o termo anima-ação cultural como uma forma específica de ação cultural. E nesse sentido, partimos do sentido proposto por TEIXEIRA COELHO:

> ... [a ação cultural] *Tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção simbólica de um grupo. E entre as formas do imaginário que a constituem, as da arte – ao lado de praticas culturais leigas, mítico-religiosas, etc. – são privilegiadas, por mais que se diga o contrário. O trabalho com uma modalidade artística em particular pode até não ser do interesse de uma ação cultural específica. Mas, o que é vital à ação cultural é a operação com os princípios da prática em arte, fundados no pensamento divergente (identificado por Gaston Bachelard como o 'princípio do diagrama poético', que consiste em aproveitar, para o processo, tudo o que interessar, venha de onde vier, na hora em que for necessário, sem o recurso a justificativas claras e precisas) e no pensamento organizado, e movido pela possibilidade, pelo vir-a-ser. É esse tipo de pensamento e essa modalidade de prática, em*

parte privilegiada também pela ciência mais criativa, que permite o 'movimento' de mentes e corpos tão privilegiado pela ação cultural. É esse na verdade o tipo de pensamento que altera os estados, transforma o estado em processo, questiona o que existe e o coloca em movimento na direção do não conhecido. A proposta, portanto, é usar o modo operativo da arte – livre, libertário, questionador, que carrega em si o espirito da utopia – para revitalizar laços comunitários corroídos e interiores individuais dilacerados por um cotidiano fragmentante. (1989, p.33)

E a Gerontagogia Holonômica enquanto um projeto de anima-ação cultural com adultos e idosos normalmente é colocada em prática através de várias atividades, como as descritas no livro *A arte de envelhecer com saúde integral e paz interior: introdução à gerontagogia holonômica*, publicado em 2011, Porém, nesta pesquisa, vamos nos concentrar em um curso realizado entre os anos de 2007 e 2015, chamado de "o poder da mente", oferecido na Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), na cidade de São Carlos/SP, com duração de 15 horas.

Cerca de 300 idosos se inscreveram no curso durante o período acima e durante as rodas de conversa que abordavam a diversidade religiosa muitos afirmaram (cerca de 10 %) que eram *médiuns* atuantes em diferentes grupos espiritualistas. Em função da ambiência de "cultura de paz" que o curso proporciona, vários participantes passaram

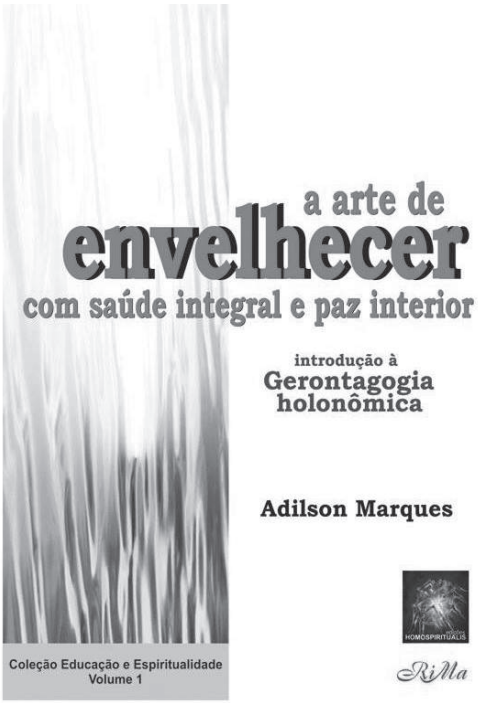
a se sentir encorajados para afirmar que eram umbandistas ou que frequentavam terreiros de umbanda, fato muitas vezes negado em outros contextos sociais devido ao preconceito e ao estigma que essa religião medianímica brasileira ainda carrega.

Com algumas mudanças de um ano para o outro, o curso "o poder da mente", enquanto um trabalho no campo da Gerontagogia Holonômica, era realizado através do seguinte plano de ensino: no primeiro módulo, buscava-se discutir alguns dos vários usos para a palavra espírito, deixando os participantes apresentarem suas opiniões. Frequentemente, a palavra espírito era utilizada pelos participantes como sinônimo de "ser incorpóreo", "fantasma de um morto" ou "desencarnado", o uso mais comum.

Após essa introdução, acontecia uma aula expositiva sobre o uso do termo em diferentes doutrinas e filosofias, entre elas, o espiritismo, a teosofia e o budismo, que não crê na sobrevivência de um Eu após a morte e que se constitui em uma filosofia espiritualista não-teísta, o que não significa que seja ateia. Além do conceito metafísico de espírito, também se apresentava o conceito metafórico da palavra, como nos casos em que aparece relacionada aos valores, cultura e a mentalidade de um período histórico quando se fala, por exemplo, em "espírito da época"; em seu sentido psicológico, representando "o conjunto das faculdades intelectuais" ou no político, quando se fala em "espírito da lei". Após identificar os diferentes usos para o termo espírito, discutiamos também como algumas interpretações religiosas e espiritualistas fazem a distinção entre espírito e alma, como, em grego, *pneuma/psyque* e, em latim, *spiritus/anima,* buscando compreender o que cada

termo representa, naquela doutrina.

O segundo módulo do programa era o mais extenso e também suscitava muitas discussões calorosas. O tema proposto era a relação matéria/consciência. Como no módulo anterior, os participantes podem se posicionar, apresentando suas concepções e, em seguida, apresentávamos a concepção cartesiana e a empirista, que fundamentou boa parte da ciência moderna, inclusive no século XX, e as concepções denominadas não-cartesianas ou pós-cartesianas, entre elas, a do "misticismo quântico", presente em boa parte das filosofias e práticas espiritualistas denominadas "Nova Era" e também a concepção metafísica da Animagogia, a educação espiritual transreligiosa e laica que orienta os trabalhos de anima-ação cultural na ONGCSF apresentada no capítulo anterior.



Capa do livro A Arte de Envelhecer com Saúde Integral

Neste módulo comparávamos a Animagogia com os ensinamentos de Edgar MORIN presentes no livro *O método 4 – as ideias* e também com as principais teses do movimento identificado como "misticismo quântico". Em linhas gerais, a Animagogia parte também do pressuposto que a vida na Terra só

foi possível após o Big Bang e que a sequência do processo evolutivo é aquele descrito por Jacques MONOD (2006) no livro "O acaso e a necessidade", tese praticamente aceita por toda a comunidade científica: vácuo quântico – reino das subpartículas – átomos e moléculas – reino inorgânico – vida orgânica – consciência. Porém, a Animagogia tem como *axioma* que o Bing Bang não marcou, necessariamente, o início da criação do Universo, mas a sua expansão ou seu desdobramento. Esta também é a teoria do físico David BOHM que formula a hipótese de que antes do Big Bang já existia um "universo de luz".

O pressuposto teórico da Animagogia, que já abordamos, é que, além da Biosfera, também existem a Psicosfera e a Noosfera, dimensões que se processam em uma velocidade superior a da luz, onde vibra a consciência que, para MORIN, no livro supracitado, também associa a Noosfera, mas como um epifenômeno do cérebro, uma vez que ela, em sua proposta, está imersa na Biosfera e se decompõe junto com a morte física.

A diferença entre as duas propostas são expostas para os alunos, sem defender, necessariamente, a Animagogia como sendo a correta. Como para esta concepção, é a Biosfera que está imersa na Psicosfera, que, por sua vez, esta imersa na Noosfera, o cérebro é compreendido de uma forma distinta: como um instrumento necessário para captar as vibrações mentais e espirituais provenientes daquelas outras dimensões. Portanto, não seria o cérebro o criador dos pensamentos, mas o organismo necessário para a manifestação das criações mentais no plano material. Ao contrário da proposta de MORIN, na perspectiva da Animagogia a consciência permanece

existindo em outra dimensão, mesmo com a morte física.

Porém, apesar dessa inversão paradigmática, reconhecendo a antecedência da consciência sobre a matéria, a Animagogia não se confunde com o "misticismo quântico", que ressuscita a filosofia idealista para a qual a realidade exterior não passa de uma projeção mental e que, através do pensamento e da intenção, seria possível manipular a matéria que forma o mundo exterior, pensamento explicito em filmes populares como "O segredo" e "quem somos nós?". A distinção da Animagogia com esta abordagem solipsista também é realizada neste módulo.

Outra perspectiva que é estudada é a proposta por Fritjof CAPRA (1983), que se não pode ser vinculada ao "misticismo quântico" solipsista, também pretende relacionar espiritualidade com Física Quântica, associando, por exemplo, o Tao dos taoistas, o Deus Brahman do hinduísmo ou a "realidade última" (a causa primária de todas as coisas) como sendo o "vácuo quântico". Nessa perspectiva, o *mundus imaginalis* se confunde com a chamada "energia cósmica" que constituiria o mundo material. Na ótica da Animagogia, semelhante à proposta da Psicologia Transpessoal de WILBER, o "vácuo quântico" seria, no máximo, o campo da criação do Prâna (hinduísmo) ou do Ki (taoismo). Como o Tao Te Ching (1988) afirma, o Tao é incognoscível e Brahman, em várias Upanishads (TINOCO, 1996), não pode ser atingido pelo pensamento. Nesse sentido, para a Animagogia, não seria possível associá-los ao campo quantizável da física atômica.

Compreendendo um *continuum* espírito/matéria, de forma homóloga ao fenômeno físico do som e da luz, a Animago-

gia parte do pressuposto que a diminuição da velocidade de ação no plano espiritual é que vai originar a energia presente no "vácuo quântico" e, consequentemente, a matéria. O processo inverso também ocorre, porém, enquanto a ciência acadêmica e o "misticismo quântico" aceitam que da desagregação atômica da matéria surge o vácuo quântico ou "realidade última", a Animagogia tem como pressuposto que a energia vai se "desagregar" para voltar a ser um elemento constituinte de um outro universo, onde se encontra a Psicosfera e a Noosfera, algo similar ao plano da "ordem implícita" proposto por David BOHM. Essa tese, de certa forma, é defendida no livro *A grande síntese*, um livro psicografado escrito pelo médium italiano Pietro UBALDI.

Como salientamos, este módulo é o mais complexo e o mais longo, mas que costumava ter uma participação intensa dos idosos que se inscreviam no curso. Em 2015, convidamos o professor da USP, Osvaldo Pessoa Junior, filósofo e físico para ministrar uma palestra sobre o tema "física quântica e misticismo" e cerca de 40 idosos participaram da mesma.

No terceiro módulo do curso, partindo do pressuposto que existiria vida após a morte ou seja, que o Espírito sobrevive à morte do corpo físico, abordávamos uma reflexão sobre a possível evolução do Espírito ou não. As filosofias e religiões como o espiritismo e a umbanda se fundamentam na crença de que o Espírito é criado simples e ignorante e que, ao longo das encarnações, vai evoluindo até se tornar um Espírito puro e perfeito. As abordagens orientalistas, porém, e de forma geral, distinguem o Espírito (Atman), considerado como um ser perfeito, e o ego, a "personalidade humana". Nesta concepção acredita-se que não have-

ria necessidade de evoluir, mas de despertar a consciência espiritual, que já é pura e perfeita. Esse processo de despertar também é chamado de "processo de iluminação". Ou seja, a "luz" interior é que se encontra apagada e precisaria apenas ser "acesa".

A Animagogia considera que os dois processos acontecem, tanto a "evolução" como a "iluminação". Por ter sido criado sem experiência e sem sabedoria, é através da vida, seja encarnada ou não, que elas são adquiridas, logo, há uma "evolução". Por outro lado, os atributos do Espírito (amor, paz interior, felicidade incondicional etc.) sempre estiveram dentro dele, são partes constituintes do Ser, portanto, precisam ser despertados durante a vida cotidiana.

Porém, o que se procura ressaltar nesta reflexão é que, independentemente de uma ou outra concepção espiritualista, a "evolução» ou a "iluminação» se processa através da compaixão e da solidariedade, que se intensificam com a metanoia, ou seja, com a mudança consciencial e de sentimentos chamada de "processo de individuação" ou "animagógico".

No quarto e último módulo abordávamos alguns eventos considerados anômalos, transpessoais ou parapsicológicos como a clarividência, a premonição, a experiência de quase morte etc. Os alunos que participaram do curso, em sua totalidade, já vivenciaram ou conhecem algum parente ou amigo que vivencia tais fenômenos e sempre tem uma história para contar. Para as pessoas que vivenciam tais fenômenos, raramente eles são acontecimentos, mas sim parte da rotina da vida cotidiana.

É neste módulo que as discussões são mais acaloradas e é possível ouvir histórias como a de um idoso católico que era muito crítico e não aceitava outras religiões até

que um de seus filhos passa a atuar como *médium* em algum centro espírita da cidade. Normalmente, o espiritismo e mesmo a umbanda passam a ser aceitos ou se quebra o preconceito quando algum familiar que sofria de "perturbações psíquicas" encontram apoio ou a cura nestas religiões. Esse processo cria uma faticidade eclética na vida cotidiana, de forma que é possível encontrar idosos afirmando que vão às missas católicas dominicais, mas não deixam de ir receber um "passe" em um centro espírita. Outros, além disso, afirmavam fazer aulas de yoga em algum centro esotérico e não tinham nenhum tipo de conflito por agirem assim.

O curso "o poder da mente" foi realizado através de 15 encontros semanais com uma hora de duração. Além do conteúdo acima, no final de cada encontro uma prática de Meditação Integrativa, de aproximadamente 15 minutos acontecia.

Um fato curioso que se repetiu com frequência, principalmente nos primeiros anos em que o curso foi ofertado, era um determinado participante dizer no início do curso que era católico quando se perguntava a sua religião, mas, com o desenrolar do mesmo, perder o medo e assumir sua religiosidade frente aos demais, dizendo que era umbandista, por exemplo. Com isso, verificou-se um fato muito positivo. Inicialmente, tal declaração espantava, e era comum ouvir alguém dizer: "você frequenta a Umbanda? Mas você é uma pessoa tão boa!"

Estes alunos que, em um primeiro momento, despertavam a "curiosidade" dos demais, passavam, em seguida, a ser aceitos com mais naturalidade. Porém, muitos deles ainda acreditavam que são vistos ou estigmatizados como alguém que possui algum "defeito moral contagioso"

e temem por seus filhos e netos. Ou seja, ainda manifestam o receio que sua religiosidade possa influenciar negativamente em seus descendentes. O principal medo é que estes sofram preconceito, *bullyng* ou outra forma de estigmatização por serem de uma família de umbandistas, por exemplo.

No caso dos alunos que diziam ser *médiuns*, ou que tinham amigos *médiuns* para indicar, eu os convidei para participar de uma pesquisa denominada "História oral e transcendentalismo: imagens e imaginário do invisível" apresentada, entre outros lugares, no III colóquio internacional sobre educação, utopia e imaginário, na UFF, na cidade de Niterói, em 2009. Alguns depoimentos podem ser acessados no youtube, como o da senhora Pompéia, que faz comentários muito instrutivos sobre a sua clarividência, fato que ela afirma vivenciar desde a infância. Os vídeos com o seu depoimento pode ser acessado através do seguinte link:

http://youtu.be/6uxYvjn_Rck?list=PL2E5F-9C933250E80C.

A Gerontagogia Holonômica tem como meta ajudar a fomentar uma "cultura de paz" ou de tolerância e de respeito com quem pensa de forma diferente. E, ao longo dos anos, esse processo foi se tornando mais evidente. É fácil viver em paz com quem tem os mesmos pensamentos e crenças. Mas o desafio é, justamente, aceitar o Outro plenamente. Respeitar a opção religiosa e construir a Alteridade na vida cotidiana não é uma tarefa fácil. Há muitas barreiras e desafios, mas o processo educativo é gratificante quando se nota que o aprendizado do respeito a quem tem crenças diferentes, acontece. A certeza que é possível existir uma abertura para a al-

teridade, para a aceitação incondicional do Outro, é motivadora. Gradativamente, muitos idosos aprenderam que ninguém precisa deixar suas crenças e nem precisa concordar com as crenças alheias, mas é de fundamental importância que aprenda a respeitar, sobretudo, quem professa uma religião não dominante e, inclusive, quem não professa nenhuma.

Após esta introdução à Gerontagogia Holonômica nos quais a prática da Meditação Integrativa acontece, vamos, finalmente, abordar o trabalho vivencial. A primeira atividade é realizada com o objetivo de visualizar os "glóbulos de vitalidade" ou prâna e compreender o poder da prece e sentir o magnetismo criado nas mãos.

Os participantes são convidados para olhar relaxadamente para o céu, ao ar livre, mas nunca diretamente para o sol. Depois de alguns segundos, ela começará a ver pequenos glóbulos prateados no ar. É importante que o participante consiga distinguir esses glóbulos de outros, mais escuros e que são próprios da retina. Isso é fácil, pois os de cor acinzentada se locomovem com o movimento do olho, ao contrário dos prateados que se parecem com pequenos átomos vibrando.

Enfim, quando o aluno conseguir ver os glóbulos de vitalidade, ainda com os olhos abertos, será convidado para fazer uma prece mentalmente, de acordo com sua fé religiosa, e observar o resultado. Em seguida, conversamos sobre a percepção de cada um e fazemos um exercício de Chi Kung, procurando sentir o magnetismo entre as mãos. Esse exercício é fundamental e ensinado no primeiro encontro.

Depois que o participante é capaz de ver os glóbulos pela primeira vez, será mais fácil fazer outras observações e exercícios.

Muitos relatam que passaram a ver os glóbulos em locais de peregrinação e de oração. E até mesmo no escuro.

Nos encontros seguintes, eles são convidados para "fluidificar" a água, irradiando os glóbulos de vitalidade com a força do pensamento. Esta técnica é muito simples de ser realizada. Quase todos já tomaram "água fluidificada", "água benta" ou qualquer outro nome que se queria dar. Algumas pessoas acreditam que apenas *médiuns*, padres, monges ou pastores são capazes de energizar a água. Porém, qualquer pessoa que consiga se concentrar por alguns minutos e faça a experiência com Vontade, Pensamento elevado, Fé e Amor é capaz de "energizar" a água. A técnica consiste em encher um copo com água e, durante aproximadamente 10 minutos, envolvê-lo com as mãos e imaginar a água se transformando no remédio que a pessoa precisa. Quem conhece as essências florais de Bach ou de outro sistema pode imaginar a essência desejada sendo colocada na água. O mesmo pode ser feito utilizando cores, por exemplo, se a pessoa é nervosa ou tem insônia, pode imaginar a

Pessoas observando o prâna em curso no CPIC de João Pessoa/PB

irradiação de cor azul para a água.

Também utilizando a mentalização de cores, há um exercício de Chi Kung, que não deixa de ser uma espécie de meditação em movimento. Ela também é feita somente após o participante ter visto os glóbulos de vitalidade e sentir o magnetismo nas mãos. Esse Chi Kung, em 2001, quando o criamos, era chamado de "mandala-reiki". Ele é realizado através de movimentos corporais, da respiração pausada e da mentalização de cores. O objetivo é que o participante faça uma "limpeza energética" e sinta um fluxo da energia percorrendo e vibrando em seu organismo. Três cores são básicas: a lilás, no inicio do processo, a dourada para energizar e, por fim, a azul, encerrando o trabalho. Outras podem ser utilizadas antes do encerramento, como a amarela para amenizar o estresse mental e aumentar a capacidade de concentração; a verde para harmonizar e tratar o corpo físico; a rosa para renovar as emoções e sentimentos e, por fim, a laranja para ajudar na recuperação de quem passa por momentos de convalescença.

Em outros encontros realizamos diferentes Meditações Integrativas. A partir de 2015, dependendo do grupo, são utilizadas as que estão presentes no CD Meditações Integrativas, já abordadas no capítulo anterior. Como salientado, elas visam a integração do *Self* com o ego (a consciência humanizada em estado de vigília) a partir da criação de um estado de hipoatividade psíquica no participante.

Todas as práticas acima induzem o participante a uma lenta e progressiva dessensibilização dos estímulos exteriores, conduzindo-o a um estado sereno e pacífico, em alguns casos se atinge estados extáticos conhecidos como *zazen* e *samadhi*,

relatados pelas filosofias orientais. Quando isto acontece, podemos dizer que a pessoa atingiu o reino de Deus ou o *nirvana,* um estado de plenitude e paz interior profunda, em uma espécie de fusão com todo o Universo.

Além de proporcionarem uma sensação de plenitude, as práticas de Chi Kung, as induções animagógicas das Meditações Integrativas ou a imposição das mãos podem enfraquecer no participante quase todas as estruturas cognitivas que formam o ego e que, para nós ocidentais, são "normais".

E tanto nas práticas de Chi Kung, como na de Meditação Integrativa, a potência simbólica da ecolinguagem corporal e as induções animagógicas, respectivamente, favorecem a comunicação/interação entre as energias da Biosfera, da Psicosfera, da Noosfera e da dimensão espiritual propriamente dita, de forma que o participante, com frequência, consegue vivenciar uma abertura lenta e gradual para estados de intro-versão e de intro–visão nos quais passa a narrar a visualização espontânea de cores, a sensação de muito calor nas mãos ou uma corrente de vibração agradável dirigindo-se para os pés ou se espalhando por todo o corpo, ou então, passam a bocejar, a lacrimejar ou a salivar, sintomas que, segundo médicos taoístas, seriam típicos de "transmutação de energia estagnada".

Após a prática, muitos narram que se sentem mais aberta e receptiva ao Outro, à natureza, tornando-se pessoas mais cooperativas e solidárias. De certa forma, é como se alcançassem a Unidade Inefável por trás das aparências, ou seja, o Absoluto por trás do contingente, a Eternidade por trás do tempo. Em suma, o *qualitum* por trás do *quantum*, permitindo que "padrões estag-

nados de energia" em seu corpo físico (Biosfera) e também no campo das emoções e dos pensamentos (Psicosfera) fossem desbloqueados e transformados. E junto com essa "limpeza", relatam a "expansão da consciência", o que identificamos com o processo de individuação (metanoia).

Água energizada através de técnicas de TVI

Uma das práticas coletivas e que permite ao participante entrar em contato com as "energias inefáveis", trazendo-lhe uma agradável sensação de bem-estar e equilíbrio, tanto físico, mental, emocional e espiritual é realizada colocando no centro a pessoa que vai receber energia, deitada em uma maca ou em colchonete, enquanto o grupo que enviará as vibrações forma um círculo em volta daquela.

Nas tradições místicas acredita-se que o centro de um círculo é o foco de onde parte o movimento da unidade para a multiplicidade, do interior para o exterior, do eterno para o temporal. Os processos de retorno ao centro são movimentos de busca da unidade perdida. Por isso o seu centro é considerado em várias culturas como o umbigo da Terra. O círculo, por sua vez, é o segundo símbolo fundamental, sendo considerado o centro

estendido.

Como o centro, o círculo também simboliza a perfeição, a homogeneidade, a ausência de distinção ou de divisão. Por isso, o movimento circular é considerado perfeito, imutável, sem começo ou fim. O círculo remete à simbólica do tempo e também do céu. Especificamente, ao mundo espiritual, invisível e transcendente. No centro do círculo todos os raios coexistem numa única unidade. Essa representação é encontrada, por exemplo, na simbologia do zodíaco e, na Psicologia Analítica, o círculo representa uma imagem arquetípica da totalidade da psique, constituindo-se no símbolo do *Self*.

Pessoas fazendo o chi kung, uma das técnicas da TVI

Para aprofundarmos e fecharmos essa primeira etapa, no capítulo seguinte apresentaremos o caminho recursivo entre o (re) envolvimento humano, apresentado anteriormente, e a Meditação Integrativa, visando compreender porque ela é uma das atividades utilizadas nos programas de anima-ação cultural que mais contribui para se realizar os objetivos da antropolítica do (re)envolvimento humano.

Capítulo 3 - A meditação integrativa como atividade de anima-ação cultural e o (re)envolvimento humano

A Meditação Integrativa, como já salientamos, é uma das principais atividades utilizadas nos mais diferentes projetos de *anima-ação cultural* promovidos pela e na ONGCSF, na cidade de São Carlos. E procuramos apresentar todo o arcabouço teórico e metodológico que fundamenta o trabalho sócio-educativo da ONGCSF para que possamos, a partir de agora, abordar, especificamente, a atividade denominada Meditação Integrativa, compreendendo-a como uma técnica que, em projetos de anima-ação cultural, podem ajudar na valorização do (re)envolvimento humano e facilitar, dentro da perspectiva da Animagogia, no despertar dos atributos do Espírito, facilitando o processo de individuação ou metanoico para que a vida humanizada possa ser vivenciada com habilidade espiritual.

A Meditação Integrativa foi criada entre os anos de 2001 e 2003, e é colocada em prática nos dois programas mantidos pela ONG Círculo de São Francisco, o *Homospiritualis* e o *Essência*. O primeiro realiza atividades socioculturais e educativas e, o segundo, um programa de saúde integral

através de práticas naturais, complementares, integrativas e populares. No primeiro caso, a Meditação Integrativa é considerada uma atividade para projetos de anima-ação cultural. No segundo, é tratada como uma Prática Integrativa e Complementar (PIC) que faz parte das técnicas que compõem a Terapia Vibracional Integrativa (TVI), criada e sistematizada na ONG Círculo de São Francisco, e que já capacitou quase 5 mil pessoas, gratuitamente, em todo o território nacional e em Portugal.

Entre os projetos realizados pelo Programa Homospiritualis nos quais a Meditação Integrativa sempre esteve presente, destacam-se "o nascimento da flor de ouro", com atividades voltadas para gestantes e bebês; "cultura de paz e mediunidade", valorizando a diversidade religiosa e o mediunismo afro-brasileiro; e o "rede da esperança", valorizando a questão ambiental, a cidadania e a participação popular. Desde 2013 a Meditação Integrativa vem sendo também difundida em vários eventos do Projeto MAPEPS, da UFSCar, sobretudo, no chamado Espaço de Cuidado.

Enquanto uma atividade em projetos de anima-ação cultural, pretende-se, com a Meditação Integrativa, facilitar o despertar do *Homo spiritualis* nos ambientes socioculturais (des)envolvidos, chamados, por James HILLMAN (1993), também de (des) almados. Estes ambientes são próprios das diferentes sociedades modernas pautadas por um modelo eurocêntrico e machista de civilização, supostamente universal, e que busca transformar o Outro no Mesmo, propondo um modelo único de percepção e vivência societal. Neles, predominam, conforme apresentamos em nossa tese de doutorado, em 2003, a (des)personalização e a (des)realização devido à correria (des)

confortável e insensata, sempre dirigida ao futuro e que, de forma geral, é a responsável em gerar em muitos cidadãos o (des) gosto pela vida, pois esta se torna (des)provida de cor, de temperatura, de sonoridade, de sabor e de cheiro. Em suma, é o (des) envolvimento, enquanto um ideologema da modernidade, o maior responsável pelo (des)encantamento do mundo.

Obviamente que a Meditação Integrativa sozinha não vai transformar o mundo. Mas ela não foi sistematizada para adaptar o seu praticante a esse mundo de (des) respeito e que se encontra na iminência de sofrer um (des)astre (MARQUES, 2003). Ao contrário, ela preconiza o (re)envolvimento humano e, consequentemente, a organização, a construção e a criação de um novo meio sociocultural e educativo onde o corpo, a alma, a natureza e os laços comunitários novamente sejam revalorizados de forma integral, despertando o *Homo spiritualis* que transcende o mundo do *quantum* (matéria) para vivenciar plenamente o *qualitum* (psiquismo) e as demais energias superiores da vida. Daí a necessidade da "mudança exterior", apontada por quase todos os autores que formam a estrutura teórica da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, ser complementada pela "mudança interior", a essência dos trabalhos dos autores inseridos no chamado Círculo de Éranos, um dos mais profícuos grupos de estudo sobre espiritualidade que já existiu.

E, apesar de vivermos sob os domínios de uma "civilização da imagem" no aspecto técnico-social, presente na vida de todos, do nascimento à morte (através da TV, do cinema e, atualmente, da internet); de forma oximorônica, ou seja, paradoxal, a cultura Ocidental, particularmente, na

modernidade, caracteriza-se por uma luta intensa para fundamentar e instituir filosófica e ideologicamente uma sociedade iconoclasta baseada em uma única verdade, e supostamente universal. Esse movimento que tem início no raciocínio socrático e se estende ao cientismo contemporâneo, foi debatido por vários autores, entre eles, Gilbert DURAND (1999).

Partindo das reflexões de Max WEBER, H. CORBIN e outros, DURAND encontra no monoteísmo judaico-cristão e na lógica binária socrática (O falso e o verdadeiro) a herança ancestral do Ocidente iconoclástico, no qual a imaginação é desvalorizada e associada ao erro e à falsidade.

E a razão, transformada no único meio de acesso à "verdade", levou à exclusão do imaginário dos processos intelectuais e do "método científico" no século XVII com GALILEU e DESCARTES, aprofundando-se no século seguinte com o empirismo factual de HUME e de NEWTON, quando, então, o imaginário passou a ser associado ao delírio, ao sonho e ao irracional. O iluminismo kantiano, no século XVIII, tratou de jogar no lixo toda "experiência mística", "viagem imaginária" ou "devaneios metafísicos" ao estudar a "loucura" em SWEDENBORG, o "vidente de espíritos".

E, no século XIX, o positivismo e o historicismo, filosofias às quais as principais correntes pedagógicas e educativas se encontram atreladas, desvalorizaram por completo o imaginário e, consequentemente, todo e qualquer pensamento simbólico ou baseado em metáforas, expulsando, assim, as divagações dos poetas, a sabedoria popular ou as visões dos místicos, sobretudo, do ambiente escolar.

É óbvio que todo esse processo não foi construído sem resistência no Ocidente.

O platonismo, com sua crença em um mundo ideal, o franciscanismo e toda sua ornamentação figurativa e representações teatrais dos «mistérios da fé» e, sobretudo, o romantismo, demarcam alguns dos pontos de resistência do imaginário aos ataques maciços do racionalismo iconoclasta predominante, propondo, sempre que possível, um «reencantamento do mundo».

E no caso da meditação, uma prática espiritualista cuja essência é contemplativa e está fortemente associada às psicosofias orientais, sendo praticada, ao longo dos séculos, a partir de várias perspectivas e métodos com o objetivo de despertar o *Self*, ou o "lado divino" de cada um, seu valor no Ocidente é recente, e está associado, principalmente, ao movimento "Nova Era" e suas diferentes vertentes, entre elas, o "misticismo quântico", que revaloriza o pensamento solipsista e justifica suas práticas em bases supostamente científicas, tratando a Física Quântica de forma similar ao que aconteceu com a Psicanálise, nas primeira década do século XX, quando esta estava na moda e era associada a quiromancia e outras práticas esotéricas.

A meditação também costuma ser valorizada, sobretudo na mídia, por seu caráter terapêutico, ou seja, como uma possível técnica capaz de combater o estresse e a ansiedade. Esta valorização costuma ser associada à pesquisas realizadas no meio acadêmico, sobretudo, no campo da neurociência, estudando o efeito da meditação sobre a estrutura neurológica do cérebro. Apesar de importantes, estas pesquisas normalmente não se atentam ao processo educativo ou animagógico (educação espiritual) que tais atividades propiciam. Em muitos casos, tais pesquisas se referem à espiritualidade como uma função biológi-

ca cerebral e é comum encontrar autores defendendo que não se deve praticar meditações que estejam relacionadas como religiões, sejam elas orientais ou ocidentais. Esse ponto de vista foi muitas vezes exposto e defendido em 3 eventos acadêmicos que participei em setembro de 2016, tanto no simpósio de práticas tradicionais e contemplativas, na UNIFESP; na jornada de Educação e Espiritualidade, organizada na UFSCar, e também na semana da ciência da religião, na UFJF, o que demonstra que a perspectiva de uma espiritualidade não-espiritualista, que nega a transcendência e o valor da religião, cresce assustadoramente, e transformando a "espiritualidade" em uma espécie de remédio que médicos e outros profissionais da saúde prescrevem aos seus pacientes.

Neste caso, porém, a meditação é desvinculada de todo o caráter sagrado ou de valorização do numinoso ou da hierofania para ser reduzida a uma atividade mental que pode ser realizada em empresas, escolas etc. visando, sobretudo, aumentar a produtividade e a eficiência da equipe profissional e a competitividade diante de empresas concorrentes.

Se não bastasse essa dessacralização iconoclasta da meditação no Ocidente, ainda encontramos, no campo religioso, iniciativas cristãs de combate a ela e também a outras práticas espiritualistas advindas do Oriente, reconhecendo nelas um "fator demoníaco", ou seja, "um poder sobre-humano que se encontra num relacionamento pervertido com Deus" e que tem "a aparência do bem, mas mesmo assim se apega firmemente ao mal" (FREYTAG, 1992) ou cujas consequências seriam o "egoísmo", conforme afirma MAHARAJ, um ex-hinduísta convertido ao cristianismo:

> *As religiões orientais ensinam, como já foi dito, que somos divinos. Mas enfatizam também que a maioria das pessoas ainda não se "conscientizou" disso, mas necessita justamente descobrir o mistério de seu ser divino. Para isto devemos nos voltar para dentro de nós e contemplar nosso eu. (...) Isto, porém, contribui para um crescente egoísmo em nosso mundo. Esta é uma das razões pelas quais me dá o que pensar o fato de tanta gente se voltar para o Oriente. Eu mesmo pude ver, em minha pátria, o que esta filosofia causou nos países orientais. (...) Há milênios as pessoas de minha terra natal tem praticado a meditação e a ioga. Tratam-se de práticas que pertencem às doutrinas centrais do hinduísmo. (...) Durante milhares de anos os hindus não se preocuparam com questões sociais e com solidariedade, pois no hinduísmo o que realmente conta é que a pessoa encontre o seu verdadeiro eu, o atmã, e isto significa Deus, nas profundezas do próprio ser.* (1992, p. 34-5)

Por sua vez Peter UNRUH (1992), vai analisar os tratamentos holísticos (terapias florais, acupuntura, homeopatia e, também, a meditação) como sendo os métodos adotados pelos "falsos cristos e falsos profetas", ou seja, os que "farão grandes sinais e milagres para enganar, se possível, os próprios eleitos". E, particularmente, no que se refere à meditação e outras técnicas de relaxamento, este pensador cristão afirma:

> *Esta prática está sendo introduzida nas escolas e até em fábricas. Os participantes são conduzidos numa viagem de fantasias ou*

> *visualização, onde estabelecem contato com "grandes almas ou personagens de ajuda" (demônios); ensina-se a eles que suas células estão sendo revitalizadas com a energia cósmica (energia dos demônios), que eles são potencialmente divinos e perfeitos (doutrina da divindade do homem, defendida pela Nova Era)... (...) A Bíblia nos ensina que devemos ser sóbrios e vigilantes, analisar tudo, provar os espíritos. No estado alfa esta possibilidade de análise é eliminada, e a pessoa assimila, sem resistência, a doutrina de espíritos enganadores.* (1992, p. 87-8)

Essa pregação cristã contra o yoga, a meditação e outras práticas espiritualistas orientais é mais enfática, no Brasil, no seio do movimento evangélico. De forma geral, o catolicismo tende a ser, hoje em dia, mais tolerante e aberto à alteridade. Porém, encontramos no livro *Nova era: um desafio para os cristãos* um discurso heroico de enfrentamento, enfatizando a necessidade de se recuperar o cristianismo como a "via" ou o "caminho", contrapondo-se, dessa maneira, ao movimento "Nova Era".

É importante salientar que há uma grande diferença entre a vivência do hinduísmo ou de outras psicosofias orientais autênticas, como o budismo e o taoismo, e o movimento denominado "Nova Era", objeto de crítica dos autores cristãos citados acima, e associado, frequentemente, à cultura "pós-moderna" vivida nas grandes cidades. Também Luciano ZAJDSZNAYDER (1992) em seu livro *Travessia do pós-moderno: nos tempos do vale tudo*, no item em que busca compreender a espiritualidade na "pós-modernidade" afirma que ela encontrou o seu momento final no pós-moderno. Enquanto

o *moderno* criticava a transcendência, oferecendo a ciência, a história e a tecnologia ao invés da espiritualidade, o *pós-moderno* se caracterizaria por uma "experiência não -espiritual inerte" e que se caracteriza "pela oferta quase sempre comercial de serviços e cursos" que ZAJDSZNAYDER identificará como "pseudo-espiritualidade" e como"anti -espiritualidade". O primeiro seria um movimento voltado para a "aquisição de poder". Este, podemos afirmar, revaloriza o pensamento solipsista que afirma existir apenas a consciência, sendo, todo o mundo exterior, uma simples ou mera projeção mental. Assim, dentro dessa perspectiva, o ser humano poderia ter e ser o que quisesse, bastando, para isso, apenas pensar ou desejar, uma vez que todo o mundo exterior não passaria de um reflexo de si mesmo.

Por outro lado, o segundo movimento, o que ele chama de "anti-espiritualidade", é o que estaria relacionado, sobretudo, com as diferentes formas de mercantilização do espiritual e do sagrado, movimentando o diversificado mercado "Nova era", feito por milhares de terapias psicossociais, amuletos, fórmulas mágicas etc.

Mas é importante, porém, assinalar que as psicosofias orientais, apesar da diversidade de interpretações e vivências do sagrado, apontam para uma forma de aceitação ativa da vida e de suas vicissitudes (que seriam fruto do *carma*) diferentemente, portanto, da ideologia capitalística presente na "Nova Era".

Assim, desvinculando-as do hinduísmo e de outras psicosofias do Oriente, ou seja, dessacralizando-as, esse viés profano e secular, atestando evidências de benefícios físicos, emocionais e mentais para o praticante e para empresas ajuda, obviamente, na popularização positiva das mesmas. Porém,

demonstram que a meditação e outras práticas espiritualistas do Oriente também foram absorvidas pelo pensamento racionalista e iconoclástico da modernidade, desvalorizando significativamente as atividades noéticas e espirituais próprias da imaginação simbólica e que possuem nas visualizações propostas nas práticas meditativas, uma dimensão educativa importante. É nossa intenção, com essa pesquisa, revalorizar o valor animagógico das imagens simbólicas e o *illud tempus* (tempo sagrado atemporal) no processo meditativo.

Como salientamos, estamos utilizando a referência da Animagogia que faz uma distinção entre a dimensão psíquica, a noética e a espiritual. Este procedimento metodológico é necessário para se compreender alguns fenômenos que ocorrem na prática da Meditação Integrativa. E vamos buscar orientar essa discussão hermenêutica estabelecendo um diálogo com autores associados ao famoso Círculo de Eranos, entre eles, C. G. JUNG, Mircea ELIADE e H. CORBIN.

A dimensão psíquica (Psicosfera) é considerada na Animagogia como sendo aquela que funciona à luz das percepções imediatas e do encadeamento racional das ideias, mas, também, incluindo o inconsciente pessoal freudiano, no qual se encontram os desejos recalcados, e as experiências paranormais (telepatia, mediunidade, clarividência etc.). Trata-se do campo de ação do ego. Este possui, na perspectiva da animagogia, cinco atributos: a capacidade de perceber as formas materiais em 3 dimensões, a criação das sensações provenientes do mundo exterior, a criação das emoções a partir das percepções e sensações, a criação de formações mentais e, por fim, a memória. Porém, também associa-se ao ego às percepções extrassensoriais, obtidas com uma leve redução das ondas

cerebrais, o que foi chamado de "captação psíquica".

Para além dessa dimensão, encontraremos o inconsciente ou o transconsciente que remete à boa saúde psíquica, estudada por JUNG e denominada "inconsciente coletivo". Este possui uma função criativa e salutar, não se constituindo em um "local" onde se sublima um recalcamento neurótico. Nesse sentido, as imagens que são produzidas nele ganham um novo *status*: não são os sintomas que remetem a um traumatismo afetivo, mas, ao contrário, são agentes terapêuticos quando essas imagens emergem para o consciente (ego). Dentro dessa perspectiva, a Animagogia denomina esse campo do inconsciente coletivo como sendo a dimensão noética (Noosfera), distinguindo-a, portanto, da dimensão psíquica, formada pelo consciente e pelo inconsciente pessoal, ou, em linguagem junguiana, pela "persona" e pela "sombra". A Noosfera é o campo de ação do *Self*.

Apesar de não vinculá-la ao espiritual propriamente dito, há a probabilidade da dimensão noética ser um nível, de fato, transcendental. Mas o que vamos compreender realmente como espiritual seria uma dimensão "superior" a ela, sem imagens ou pensamentos: o reino do "amor universal" e da "felicidade incondicional". Ou seja, o "reino de Deus" para os cristãos ou o "nirvana" dos budistas, também chamado de "samadhi" pelos hinduístas. Nesta dimensão, não há imagens, pensamentos ou emoções, apenas a vivência pura de um sentimento de gratidão, de bem-aventurança e de pertencimento ao divino, narram quem atingiu este estado de alma através de alguma técnica espiritualista.

No que se refere às imagens noéticas, os frutos do inconsciente coletivo e que não se relacionam com sintomas de traumas afe-

tivos (o inconsciente freudiano), elas podem emergir para a consciência de várias maneiras, inclusive, através da meditação, e podem ser encontradas na história humana, desde o alvorecer do *Homo religiosus*. E, entre os que se dedicaram ao estudo dessas manifestações hierofânicas, destacam-se, entre outros, Mircea ELIADE e Henry CORBIN.

O primeiro, ao estudar o *illud tempus*, ou seja, o tempo sagrado atemporal que substitui o tempo profano cronológico, nos permite compreender melhor um fato recorrente na prática meditativa e percebida por várias pessoas: a sensação de que o tempo não passou. Muitos meditadores relatam uma sensação de plenitude, como se o tempo cronológico não existisse. A sensação, segundo afirmam, é a de um eterno presente.

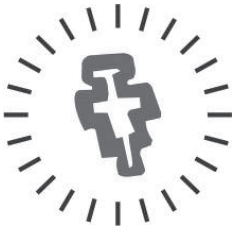
Por sua vez, CORBIN nos coloca diante do "imaginal", a nobreza da imaginação criadora que permite a algumas pessoas atingir um "universo espiritual", ou uma realidade divina. O fruto dessa *imaginatio vera* foi chamado de "narrativas visionárias" por Emmanuel KANT em seu estudo das visões espirituais do místico protestante Emmanuel Swedenborg, mas com um sentido negativo ou pejorativo.

Em nossa hipótese, baseada em evidências obtidas em 12 anos da prática da Meditação Integrativa com diferentes grupos, especificamente com idosos *médiuns*, em programas educativos como a Gerontagogia Holonômica, conseguir acessar o imaginal favorece, internamente, o equilíbrio psíquico e, externamente, o desabrochar de uma "cultura de paz", pois a pessoa se torna mais tolerante e compreensível com o Outro, ou seja, com o que pensa e age de forma diferente, e também consigo mesmo, aceitando e compreendendo os próprios defeitos e a finitude humana.

A "cultura de paz", portanto, é distinta da "cultura da guerra" que, em qualquer escala, não deixa de ser uma "cruzada heroica" e obsessiva, consciente ou inconscientemente, para construir uma identidade exclusivista cujo objetivo é desvalorizar, quando não eliminar (exterminar) o diferente, não aceitando a existência de um mundo plural, como encontramos no racionalismo cientificista Ocidental e na lógica religiosa de alguns grupos cristãos. A "cultura da guerra" é fruto de um imaginário heroico polarizado.

A meditação, qualquer que seja sua linha de trabalho, mas, particularmente, a Meditação Integrativa, tem como objetivo valorizar as imagens noturnas, sobretudo, as dramáticas, ou seja, religando os dois polos (heroico e místico) com a intenção de favorecer a "cultura de paz" e de "não-violência". E um dos processos educativos que permitem essa mudança de sensibilidade é, justamente, a possibilidade de experimentar "consciencialmente" um outro espaço e um outro tempo. Este fenômeno, muitas vezes, permite escapar de um processo de enantiodromia, no sentido junguiano, e, ao invés de um conflito psíquico, atormentado pela sombra que se tenta negar ou combater, vivencia-se, de forma alógica, um processo de gulliverização do ego (e junto com ele de suas verdades e problemas). É este "mecanismo psíquico" que facilita um processo de abertura para o Outro, ou seja, de valorização da alteridade e da diferença. Em suma, a Meditação Integrativa pode permitir a vivência da unidade na diversidade ou de ser total em um universo que se caracteriza pela fragmentação.

Rompendo ou transcendendo a lógica clássica e a identidade exclusivista, desvanece a desconfiança ou qualquer hostilidade violenta contra quem pensa de forma dife-



rente. Daí o valor das diferentes práticas de meditação como instrumento para a "cultura de paz", e, no caso da Meditação Integrativa, cujas induções possuem um caráter animagógico, valorizar a conivência dos contrários, do paradoxal, e facilitar o perdão, que, segundo Gandhi, seria a "arma dos fortes".

A flexibilidade mental e o relacionamento com os elementos contraditórios faz com que a prática da Meditação Integrativa valorize o chamado pensamento "dilemático", "oximorônico" ou "anfibológico", ou seja, que compartilham com o seu oposto uma qualidade comum. Em outras palavras, as induções que guiam as Meditações Integrativas valorizam o que LAO-TSÉ, no livro Tao Te Ching, identifica como sendo o *não-desejo*, uma das quatro virtudes apresentadas neste clássico do taoísmo. Para LAO-TSÉ, é o "ego" que deseja e vive atormentado. E quando se obtém o fruto do desejo, não há satisfação, mas a necessidade de satisfazer um outro desejo. É para se escapar desse sofrimento constante que o caminho (Tao) é apresentado como a atuação de acordo com a vontade do Tao e não a nossa.

O único desejo que restaria é o de cooperar com esta "vontade" maior. E isso se faz quando se reconhece que o mundo é guiado pelo Tao e que, cada criança, jovem, adulto ou velho segue para frente sob o impulso dessa "vontade". Para LAO-TSÉ, o discípulo que reconhece esse princípio procura apenas viver no e para a realização do plano do Tao sem hesitação e em paz, "sendo a mudança que deseja ver no mundo", nas palavras, por exemplo, de Gandhi.

Como salientamos, as diferentes Meditações Integrativas são parte integrante da TVI. Além delas, temos as práticas bioenergéticas de imposição das mãos e as de Chi Kung. As Meditações Integrativas utilizam

induções animagógicas e técnicas de relaxamento e também o uso de visualizações de cores, de imagens curativas etc. Desde 2003, vem sendo realizada, com resultados empíricos positivos, em diferentes grupos sociais: portadores de necessidades especiais, soropositivos, pessoas que se tratam com quimioterapia, professores, jovens que estão superando a crise de abstinência causada pelo vício das drogas, policiais e profissionais da saúde estressados, educadores vitimados pela síndrome de *burnout* e, também com o nosso sujeito de pesquisa, idosos que são *médiuns*.

Independentemente do grupo que participa dessa atividade em projetos de anima-ação cultural, todos são unanimes em afirmar que se sentem mais harmonizados e se aceitam melhor, sentindo-se também mais próximos de seus familiares ou mesmo de colegas de trabalho com quem costumam ter conflitos. Alguns afirmam que passaram a dar mais atenção às questões espirituais e, através dos relaxamentos, das induções animagógicas e das imagens hipnagógicas terapêuticas, afirmam que alguma enfermidade física foi curada, como dores, tensões, e até glaucoma uma senhora relatou ter curado com a prática da Meditação Integrativa. Porém, é mais comum a afirmação de que uma dor emocional ou pensamentos obsessivos foram dissolvidos com a prática, além do conforto espiritual que a prática propicia.

As Meditações Integrativas podem ser facilmente reproduzida por profissionais da área da saúde, da educação popular e de outros setores, como animadores culturais e líderes comunitários, ainda mais após a edição do CD Meditações Integrativas, em 2015.

Com profissionais da saúde e da educação, muitos afirmam que ao praticar as Meditações Integrativas sentem que diminui

o estresse, a ansiedade e também os sintomas da síndrome de *burnout*, que afasta muitos do emprego.

Há também aqueles que afirmam ter mais controle da mente e mais criatividade na hora de resolver problemas ou que se sentem mais otimistas e alegres diante da vida.

E, no caso dos idosos *médiuns*, mais sensíveis às energias espirituais, afirmam que a prática favorece o controle emocional e aumenta o poder da intuição, assim como a criatividade e capacidade para enfrentar as crises e as vicissitudes existenciais.

Todas as meditações começam com um relaxamento induzido e a pessoa pode fazer deitada em um colchonete ou sentada. Não é aconselhado fazer a prática em pé. O participante é convidado para fazer uma longa respiração e imaginar uma luz azul clara e brilhante se formando no topo da sua cabeça. Gradativamente, ela é convidada para imaginar a luz se espalhando e envolvendo todo o seu corpo, da cabeça aos pés. Em seguida, o participante é estimulado a relaxar todo o seu corpo, imaginando, primeiramente, a luz nos pés. Comandos para que sinta os pés ficando relaxados, sem tensões e sem dores são dados, lentamente e com a voz pausada e calma. Em seguida, o mesmo comando é dado para as pernas (incluindo os joelhos), órgãos internos (como estômago, fígado, intestino...), coração, pulmões, coluna, musculatura das costas, ombros, pescoço, braços e cabeça. Comandos para relaxar o cérebro e as ondas mentais também costumam ser dados. A mentalização/imaginação da cor azul é extremamente relaxante e anestésica. O único risco é o a pessoa dormir e não acompanhar o resto da indução. Porém, temos notado que o inconsciente acompanha a indução e a prática funciona mesmo com

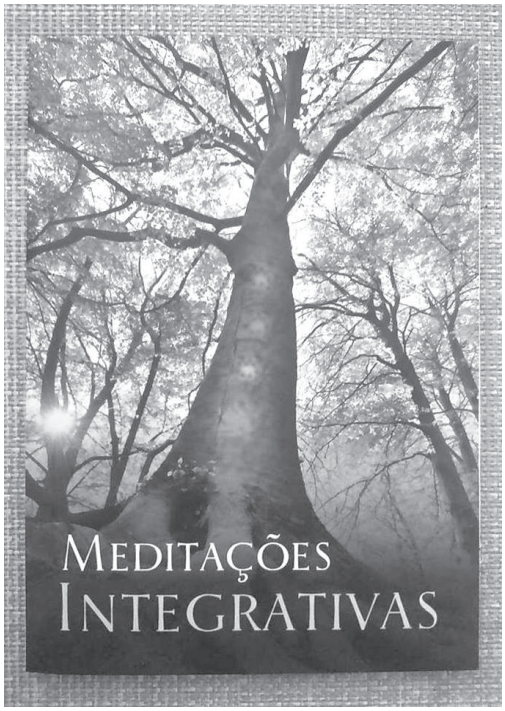
as pessoas que dormem.

O relaxamento é acompanhado, em seguida, de uma Meditação Integrativa. Ou seja, o relaxamento é uma atividade propedêutica para as meditações que duram, em média, 15 minutos.

No CD Meditações Integrativas, a mais popular é a destinada para se fazer uma "limpeza energética" no ambiente doméstico e de trabalho, utilizando a mentalização de cores. De forma geral, após o relaxamento, a pessoa será induzida a imaginar energias coloridas, incluindo a cor lilás, sempre em tonalidades claras e brilhantes, saindo das mãos de Jesus, Maria (ou de outros "seres de Luz" que o grupo venera e respeita). Em seguida, a pessoa será induzida a se dirigir mentalmente até a residência ou ao ambiente de trabalho, sempre na companhia desse "ser de Luz" e fazer as limpezas energéticas necessárias. Mentalmente, cada participante deverá passear por todos os cômodos de sua casa, permitindo que este "ser de Luz" limpe toda a energia negativa presente no ambiente. Alguns lugares, como embaixo de escadas, quartos onde dormem pessoas que consomem drogas e até mesmo banheiros costumam ser descritos como locais onde encontram "dificuldades para entrar". Mas é preciso insistir até conseguir. Uma variação da técnica, que costuma ser muito interessante, é o grupo, quando reúne pessoas conhecidas, ir à casa de apenas um dos participantes. A vibração é muito mais intensa e ganha em qualidade.

Outra meditação muito popular é a que trata mágoas, luto e ressentimentos. Esta meditação se encontra também no CD. Trata-se da faixa 4, do CD 1. Ela trabalha através da mentalização da cor rosa, cuja simbologia é associado ao amor universal. Após envolver todo o corpo, cada célula e, sobretudo,

o coração, o participante é induzido a usar mentalmente essa vibração para limpar toda energia negativa acumulada nela devido, sobretudo, aos sentimentos de mágoa. A indução consiste em imaginar entre as mãos pessoas que fizeram ou falaram algo que a ofendeu e, do fundo do coração, deverá perdoar a(s) pessoa(s). Deverá fazer o mesmo com aqueles que ela acredita que ofendeu e, em seguida, deve se perdoar, aceitando-se como é.



Capa do CD meditações integrativas

Com grupos humanos que manifestam interesse pela natureza, uma variação é a chamada Meditação dos 4 elementos. A técnica consiste em utilizar a visualização criativa dos quatro elementos - terra (montanha), água (cachoeira ou chuva), ar (vento) e fogo (chama de uma vela), para a realização de um exercício bioenergético que atua, respectivamente, no corpo físico, sobre as emoções, na mente e no Espírito. Através da visualização e das induções animagógicas, o participante costuma sentir resultados benéficos em si e na interação com o grupo. Esta meditação não deixa de ser um "exercício xamânico" sem o uso de elementos psicoativos. Apenas o poder da imaginação criativa é usado para

se atingir estados ampliados de consciência e a transmutação energética capaz de realizar inúmeras curas psicossomáticas.

Essa meditação costumo utilizar nas vivências e cursos onde abordo o poder curativo das imagens hipnagógicas, onde há pessoas de várias religiões e também ateus, pois só utiliza a mentalização de elementos da natureza. O trabalho começa com a pessoa se imaginando em uma paisagem serena subindo uma montanha. Ela procura sentir a relva e o aroma do lugar. E, no topo da montanha, ela deve ser induzida a sentir a energia da Terra entrando pelas plantas dos pés e envolvendo todo o seu ser, renovando suas energias e a fortalecendo fisicamente. Em seguida, imaginará um banho de cachoeira ou uma chuva suave caindo sobre a sua cabeça. E a água que desce do céu pura e cristalina entra por todos os seus poros e envolve todas as células de seu corpo físico e purificando também as energias emocionais negativas. Toda vibração negativa é transmutada por essa água benfazeja. A terceira etapa consiste em sentir o ar agradável de uma brisa, soprando sobre o corpo. Esse ar desmancha todas as formas-pensamento negativas e "sujeiras" mentais acumuladas no cotidiano. Por fim, a pessoa imaginará dentro de si, na altura do coração uma chama simbolizando a sua essência. Esta chama se expande infinitamente irradiando luz para todos os lados, permitindo uma agradável sensação de paz e felicidade indelével, e um amor indizível por toda a criação. Um exemplo de como conduzir essa meditação se encontra no CD 1, na sua faixa três. Este CD apresenta outras induções, valorizando o poder intuitivo do praticante e até para quem deseja fazer, com segurança, "vibrações para o planeta".

É importante salientar que a Meditação

Integrativa se distingue de outras, sobretudo da *mindfullness*, que vem ganhando o mundo empresarial e universitário. Esta, apesar de ter sido inspirada na meditação vipassana, que é budista, é difundida como uma meditação não-religiosa e sem vínculos com a metafísica budista (reencarnação, carma etc.). Ela visa a "atenção plena" e ajudar a pessoa a vencer o estresse e alcançar seus objetivos na vida material. Na perspectiva budista, que é vencer o sofrimento e atingir um estado de paz interior permanente ou de equanimidade, a meditação vipassana ajudaria o discípulo a disciplinar sua mente, vencendo o apego ou a aversão às vicissitudes da vida humana.

Muitos adeptos da meditação *mindfullness* são divulgadores do que chamamos de neurocientismo, ou seja, da filosofia que afirma não existir Deus, alma, realidade espiritual ou qualquer coisa que transcenda o mundo material. Entre eles se encontra o filósofo ateísta norte-americano Sam HARRIS (2015). Tudo que se refere à espiritualidade, como o sentimento de paz interior, plenitude ou nirvana, por exemplo, é explicado como sendo apenas uma função biológica do cérebro.

A Meditação Integrativa, como já salientamos, é uma técnica de meditação guiada, realizada com induções espiritualistas, e é também bioenergética, favorecendo a troca e o envio de energia pelos participantes. E isso porque, ao invés de acreditar que libertando-se do ego encontra-se o "vazio", na ótica da Animagogia que fundamenta a prática da Meditação Integrativa, quando o ego se integra ao Self, desperta-se os atributos do Espírito e sua energia curativa se espalha pelas demais dimensões (Noosfera, Psicosfera e Biosfera) proporcionando uma renovação energética que pode ser utilizada para ajudar quem necessita.

Com esse capítulo encerramos a primeira parte dessa pesquisa e vamos, a partir da seguinte, abordar como a mediunidade tem sido pouco compreendida na educação escolar, excluindo ou estigmatizando alunos que manifestam esse potencial psíquico e, finalmente, como a Meditação Integrativa vem auxiliando na diminuição de "perturbações psíquicas" em idosos que afirmam serem *médiuns*.

Pessoas vendo o prâna em curso de TVI realizado em um centro espírita de Belo Horizonte/MG

Parte 2

Compreendendo o fenômeno mediunidade como prática social e o conflito de interpretações

A condição de coerência, por força da qual se exige que as hipóteses novas se ajustem a teorias aceitas, é desarrazoada, pois preserva a teoria mais antiga e não a melhor. Hipóteses que contradizem teorias bem assentadas proporcionam-nos evidência impossível de obter por outra forma. A proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade lhe debilita o poder crítico. A uniformidade, além disso, ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo.

Paul FEYERABEND (contra o método)

Nesta segunda parte pretendemos fazer um estudo fenomenológico e existencial da mediunidade, compreendendo, sobretudo, a partir das pessoas que dizem vivenciar esse fenômeno psíquico em seu cotidiano, como ela se processa, tendo, como grupo-sujeito, idosos que participaram do curso "o poder da mente", descrito anteriormente, utilizando, para tanto, o referencial teórico da linha de pesquisa Práticas sociais e processos educativos.

Abordar a mediunidade, um assunto tão polêmico e complexo, de forma compreensiva e amorosa, ouvindo, sobretudo, os que vivenciam o fenômeno e buscando compreender sem pré-conceitos suas experiências cotidianas e sem a necessidade de fazer proselitismo religioso é a nossa intenção ao escolher o Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, na UFSCar.

Pintura mediúnica, realizada durante atendimentos de Apometria, na ONGCSF

Capítulo 4 - a mediunidade como prática social popular e seus diferentes significados

O "campo popular", como afirmam Maria Waldenez de OLIVEIRA e Fabiana Rodrigues de SOUSA (2014, p. 8), é o campo privilegiado das pesquisas realizadas na referida Linha de Pesquisa, do programa de pós-graduação em Educação, da UFSCar, cujo objetivo, de forma resumida, é a investigação de como as pessoas se educam, compreendendo a educação como formação humana que se dá nas mais diversas práticas sociais. Entre os autores que fundamentam o trabalho do Grupo de Pesquisa, encontramos Paulo FREIRE, Ernani Maria FIORI e Enrique DUSSEL que, de certa forma, compartilham a ideia sugerida por BRANDÃO de que

> *a ciência e a educação que desejamos praticar e através das quais aspiramos descobrir e ampliar* ***ad infinitum*** *sujeitos e campos sociais de diálogo criador e emancipatório devem partir desde o lugar social da comunidade humana concreta e cotidiana. E devem desaguar no território de vidas e histórias humanas reais.*

> *De um modo ou de outro, sempre um outro é o sujeito de minha pesquisa e o companheiro de meu saber.* (2014, p. 13)

E o primeiro elemento que nos levou a buscar esse grupo de pesquisa foi o fato de ser impossível excluir o Espírito da cultura popular ou desconsiderá-lo nos processos educativos populares. E não estamos aqui nos referindo ao "espírito", tomado frequentemente como um simples "nome", sem entidade ou substância. Não estamos nos referindo ao sentido usual de "espírito do tempo" análoga a uma abstrata "consciência popular". Por Espírito estamos nos referindo aos seres incorpóreos, invisíveis, cuja presença na história e na cultura de todos os povos, em qualquer parte do Globo, e sobretudo na cultura popular brasileira, estão sempre presentes.

O Espírito está na base dos principais sistemas religiosos mundiais e foi admitido como real por Platão, Zoroastro, Pitágoras, São Francisco de Assis, entre outros. E, apesar de invisíveis, há evidências que se manifestam e dialogam com os seres humanos desde longa data. Na Antiguidade, por exemplo, os gregos, os egípcios e os hindus faziam contato com tais seres através dos mistérios e dos oráculos. As comunidades judaicas foram proibidas por Moisés de continuar esse intercâmbio, conforme relatos bíblicos. Porém, tais proibições não foram suficientes para que durante a Idade Média esse contato com o lado oculto da vida permanecesse. Os adivinhos e feiticeiros, como as Walkirias dos Escandinavos, deram prosseguimento a essa prática. No oriente, o intercâmbio com os Espíritos é realizado e aceito por várias linhas taoistas. E nem sempre tais seres incorpóreos tem

formas humanas, podendo se manifestar como "gnomos", "fadas", "duendes" etc., classificados por algumas linhas esotéricas como "seres elementais da natureza".

E, na realidade brasileira, seja através de práticas populares e religiosas de origem indígena, africana, europeia e, mais recentemente, asiática, o Espírito sempre esteve presente. E ele é o centro das atenções nas práticas sociais medianímicas, sejam elas de base espiritista, umbandista, de apometria, esotérica (fraternidade branca, por exemplo) ou até mesmo laica, como é o caso da ONGCSF.

Porém, em um mundo racionalista e iconoclastico, como é o Ocidente moderno, podemos nos perguntar: o Espírito é uma criação da imaginação humana ou imaginar é um atributo do Espírito?

Segundo Gilbert DURAND (1997 e 1998), o imaginário está relacionado diretamente à consciência da finitude da vida, ou seja, ele seria uma resposta antropológica à morte, podendo se manifestar como forma de enfrentamento (imaginário diurno) ou como eufemização da morte (imaginário noturno).

Dentro dessa perspectiva, a crença na vida após a morte ou de existência do Espírito não seria mais do que o fruto de um imaginário "noturno" ou uma forma de eufemização da morte. E, corroborando com a ciência materialista, essa capacidade de imaginar não passaria de mais um epifenômeno do cérebro, nascido das articulações recursivas entre o domínio "bio-psíquico" e o "sociocultural". Essa é a ideia defendida, por exemplo, também por Edgar MORIN (1998), no livro *O método 4 - as ideias* em que defende a existência da "Noosfera", onde, em tese, afirma residir os espíritos, os orixás, os mitos etc., mas que se dissolve

junto com a morte física. Ou seja, MORIN (op. Cit.) acredita que o *médium*, de fato, pode incorporar um "exu", um ser habitante da "Noosfera", e esse conversar com os consulentes em uma gira de umbanda. Porém, com a morte do *médium*, o "exu" deixaria de existir.

Diferentemente é a postura adotada pelos adeptos das religiões como a Umbanda, o Espiritismo e outras que acreditam na existência de um "plano espiritual" e na continuidade da vida após a morte. E se partirmos de uma perspectiva fenomenológica, pautada na experiência vivida, ou se seguirmos os passos metodológicos sugeridos pelo Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos[4], não temos como ignorar a perspectiva dos grupos humanos que afirmam manter contato com os Espíritos e aceitar uma outra hipótese: que o ato de imaginar pode ser, ao contrário, um atributo do Espírito.

Ao se abrir a essa outra hipótese, uma outra relação com a morte se apresenta no horizonte. Para além do imaginário que nos leva a enfrentar ou eufemizar a mor-

[4] Entendemos que as pesquisas junto a pessoas e grupos, principalmente os socialmente 'marginalizados' devem ser realizadas após cuidadosa e paciente inserção dos pesquisadores na comunidade, na instituição, no espaço social, num conviver, realizado em interação e confiança. Essa inserção deve se dar na tentativa de assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquela prática social. Isto só é possível, quando somos acolhidos, nos dispomos a ser acolhidos e a acolher. Participar com a intenção de compreender, não para julgar. (OLIVEIRA et al, 2009, p. 10-11)

te, estaríamos, ao contrário, diante de uma importante tomada de consciência e talvez da maior forma de libertação e emancipação que a vida humanizada pode nos propiciar: a aceitação ativa da imortalidade da alma ou de sua infinitude. Essa tomada de consciência costuma promover, em muitas pessoas, e de forma profunda e irreversível, uma mudança de atitude e de sentimento diante da vida, ocasionando uma verdadeira metanoia. Esse processo educativo profundo é chamado de Animagogia, nos estudos promovidos pela ONG Círculo de São Francisco.

Assim, mais do que uma forma de eufemizar a morte, a famosa frase do jesuíta e paleontólogo francês Teilhard de CHARDIN é uma tomada de consciência libertadora e emancipadora para quem vivencia um processo metanoico, um profundo processo educativo de autoconhecimento: "não somos seres humanos vivendo experiências espirituais, mas seres espirituais vivendo uma experiência humana".

Porém, tal conscientização não representa cair em uma perspectiva solipsista e idealista, afirmando que o mundo material não exista, que se trata de uma mera projeção mental de uma suposta consciência pura. Como nos apresenta, com propriedade, o filósofo LÉVINAS (1988), que gostava de ser chamado de filósofo e judeu e não de "filósofo judeu" (como frequentemente era tratado, até de forma pejorativa), em seu clássico *Totalidade e Infinito,* ao contrário do que pensava HUSSERL, a impossibilidade do tempo vivido (individual) não reproduzir o tempo histórico (totalidade) era o que nos permitia nos abrir para a transcendência (que para ele não se alcançava negando o mundo, mas, justamente, quando a este nos abrimos e respeitamos

o Outro com suas perspectivas diferentes) era também o que nos permitia pensar na possibilidade da vida existir após a morte e, inclusive, dela existir antes do nascimento. É importante não nos esquecer que, para várias tendências do judaísmo, o termo "ressurreição" tem a conotação do termo moderno "reencarnação", ou seja, a possibilidade da alma voltar a vida material em um novo corpo.

Enquanto prática social a mediunidade é um fenômeno humano que manifesta uma existência que podemos classificar como perceptiva (MERLEAU-PONTY, 1999) e outra que podemos classificar como cognitiva. A primeira forma de existir revela a percepção, a representação e a apreensão do fenômeno de acordo com o ponto de vista das pessoas que vivenciam em seu cotidiano a mediunidade como uma experiência espiritual e também como uma prática social realizada em centros espíritas, terreiros de umbanda e outros locais. A existência perceptiva de um fenômeno manifesta a força do vivido, do afetual e do sensível.

Por sua vez, a existência cognitiva de um fenômeno caracteriza-se pela interpretação racional ou intelectiva do mesmo, ou seja, observando-o e o descrevendo "de fora", analisando-o, separando nitidamente sujeito e objeto. A existência cognitiva está mais próxima da razão instrumental ou positivista que costuma ser a perspectiva de quem estuda ou se manifesta sobre uma prática social como é o caso da mediunidade sem ter, necessariamente, a experiência sensível da mesma. É o caso, por exemplo, dos que simplesmente rotulam o fenômeno como "delírio" e "esquizofrenia". Mas, de outro lado, também se encontra nessa perspectiva o viés solipsista e idealista que,

ao negar a mediunidade, dizendo tratar-se de uma mera projeção mental ilusória, paradoxalmente, não nega a existencialidade cognitiva do fenômeno, apenas a trata como ilusória.

Vou exemplificar melhor essa diferença com uma experiência vivida alguns anos atrás, provavelmente, em 2005. Uma mestranda em Antropologia de uma Universidade pública estava fazendo uma pesquisa sobre o Reiki e queria entrevistar reikianos da cidade. Ela soube do meu trabalho na ONG e me procurou. Quando eu soube que ela nunca tinha participado de uma sessão, ofereci a ela essa oportunidade para que ela tivesse mais "informações" para sua pesquisa. E ela respondeu que não queria, pois estava fazendo uma "pesquisa científica" sobre a técnica. Ou seja, o vivido, o sentido, o experimentado não poderia, na ótica dela, fazer parte de uma "pesquisa científica". Essa perspectiva positivista, de distanciamento ou de "neutralidade" é o que estamos chamando de "existência cognitiva" de um determinado fenômeno. Trata-se de uma reflexão mental desvinculada do vivido, do experimentado.

Apesar dos estudos fenomenológicos optarem, na maioria das vezes, pelo primeiro sentido, respeitando e dando visibilidade para as pessoas expressarem sua vivência e compreensão da prática social em questão, o segundo sentido também é importante, pois dele podem emergir vários pré-conceitos que devem ser quebrados por um processo educativo democrático e que valoriza a diversidade, inclusive, a religiosa, uma vez que um estudo fenomenológico deve se atentar à gênese do fenômeno e articulações socioculturais de suas diversas manifestações, mas também não desmerecer sua dimensão teleológica,

ou seja, de pensar o futuro ou de contribuir para alguma transformação, permitindo o surgimento de novos rumos, a superação de problemas, entre outras possibilidades, mas também produzir conhecimento para superar situações de marginalização ou estigmatização, como acontece com muitos *médiuns*, sobretudo os da Umbanda.

E com o crescimento da intolerância com os adeptos das religiões afro-brasileiras, todo trabalho acadêmico que puder ajudar na promoção do respeito e da tolerância entre as religiões é sempre bem-vindo e necessário, manifestando um compromisso ético com a liberdade e com a alteridade, como é a perspectiva da Antropolítica do (re)envolvimento humano, sobretudo no que se refere à defesa da liberdade e da diversidade religiosa.

No caso da mediunidade, há evidências que o fenômeno é muito pouco compreendido, o que faz com que muitos *médiuns* sejam tratados como esquizofrênicos ou psicóticos, o que não significa que não haja *médiuns* que sejam esquizofrênicos, mas, muitos casos "diagnosticados", não passam de um desconhecimento dos mecanismos da mediunidade, gerando alguns "transtornos psíquicos" que se resolvem com a prática social dela em algum grupo organizado e experiente.

Tal diagnóstico pré-conceituoso é comum entre os que fazem uma interpretação «cognitiva» da mediunidade, desconsiderando a interpretação «perceptiva» ou como a faticidade mediúnica é vivenciada por quem manifesta esse potencial psíquico.

Para se evitar esta "exclusão", acreditamos que o sentido do fenômeno mediunidade deve ser aprendido em seus aspectos afetual e vivido (existência perceptiva),

mas sem ignorar as relações significativas que estabelece com o contexto sociocultural mais amplo, sejam elas antagônicas, concorrenciais ou complementares, compreendendo, inclusive, as interpretações muitas vezes carregadas de pré-conceitos e pseudo-céticas (existência cognitiva) para que seja possível a elaboração de um plano político-educacional (ou antropolítico, como acredita a ONGCSF) que favoreça as mudanças na sociedade, entre elas, o desabrochar de uma sociedade mais tolerante com a mediunidade e, sobretudo, com o *médium*, acabando com o preconceito, a estigmatização e a exclusão social dos que atuam na umbanda ou em outras práticas sociais espiritualistas afro-brasileiras, vítimas de toda sorte de violência física, psíquica e simbólica.

Enquanto fenômeno, as práticas sociais medianímicas, sejam elas kardecistas, umbandisticas, esotéricas, xamânicas ou outras, são sempre concretas e vividas para o grupo que as experiencia, logo, pensá-las como meras reações determinísticas da história, da ideologia, de crenças ou de outra fonte qualquer não nos possibilita captar com mais profundidade sua existencialidade perceptiva.

Porém, é impossível abarcar o fenômeno em toda a sua plenitude, uma vez que, a mediunidade, assim como qualquer prática social, comporta também uma dimensão de imprevisibilidade, por ser incompleta, e de inesgotabilidade, por ser uma atividade humana, cuja *práxis* é rica, complexa e polissêmica. Justamente por isso que se torna impossível abarcá-la em todas as suas nuances, sendo necessárias opções metodológicas ou axiomáticas que vão salientar uma ou outra perspectiva adotada pelo pesquisador, como é o caso

da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos[5].

Essa questão é similar a apontada por David BOHM (2008) ao se referir ao holomovimento do Universo. Ele é, por definição, indefinível e incomensurável. Porém, cada teoria procura abstrair um certo aspecto considerado relevante em algum contexto o que faz emergir uma certa ordem perceptível e a existência de componentes com grau relativo e limitado de autonomia. Porém, em certos contextos, uma descrição analítica deixa de ser adequada e precisa ser substituida pela holonomia, que não nega a relevância da análise, mas a relativiza, como aspectos relevados do holomovimento.

Apesar de acompanhar a prática de uma mediunidade laica na ONG Círculo de São Francisco, estudando o fenômeno encontrei cinco perspectivas diferentes em relação a prática mediúnica. E, mesmo entre os que acreditam nela, ou seja, que de fato a mediunidade corresponderia a intermediação entre o mundo espiritual e o material, ela exige uma interpretação (her-

5 "Esta inserção [na prática social] é insuficiente, se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo. Como participar? Apresentando-se às pessoas do grupo em que se insere, apresentando a pesquisa e as questões e dando-se a conhecer. Colocando-se disponível. Pedindo permissão para estar junto, participar. Poderá haver um certo incômodo, desconforto de lugar, mas a disposição em ser acolhido, junto com a disposição daquele grupo, vai dando início e forma à pesquisa. Esse processo exige paciência e tempo, pois não é uma visita, mas uma busca de convívio, seja circunscrito ao trabalho particular que está sendo desenvolvido seja em outros espaços e ocasiões, como por exemplo, atividades/eventos na comunidade, na instituição. Conviver não é apenas um desejo ou uma opção pessoal do pesquisador, que corre paralelamente à pesquisa, mas, sim, o cerne do 'fazer' da pesquisa, explicitado na metodologia, experimentado, avaliado. O convívio não é, tampouco, oportunista; por vezes colocado inicialmente na pesquisa para gerar um clima de confiança e empatia necessário à coleta de dados. (OLIVEIRA et al, 2009, p. 10-11)

menêutica), caso contrário não existiriam tantas formas e concepções desta prática social tão polêmica, estigmatizada e questionada, e ainda fortemente associada à patologia mental, mesmo aqui no Brasil onde ela, na segunda metade do século XX, deixou, pelo menos, de ser considerada crime. E isso acontece porque cada uma dessas perspectivas tende a relevar um aspecto da totalidade do fenômeno mediúnico.

Assim, ao propormos estudar a mediunidade como fenômeno, precisamos relativizar todas as opiniões e, ao mesmo tempo, respeitar todas para se aproximar, de alguma forma do todo. E os cinco pontos de vista que descobrimos são:

1 - a mediunidade é fraude ou charlatanismo - esta é a opinião de quem acredita que o *médium* está fingindo por alguma razão. Não resta dúvida que há muita fraude e charlatanismo, porém, generalizar todos os casos é uma visão muito reducionista;

2 - a mediunidade é uma patologia mental - esta é talvez a visão dominante no meio acadêmico e escolar. Sempre que um aluno manifesta qualquer traço de mediunidade e não tiver uma pessoa esclarecida na família ou na escola, será tratado como esquizofrênico ou como portador de outra doença mental. Não há evidência que a mediunidade possa causar loucura. Ao contrário, se a pessoa tem esse potencial e ela não é colocada em prática de forma religiosa ou laica, aí sim há o risco da pessoa adoecer mentalmente, uma vez que não saberá como lidar com o fenômeno.

3 - O médium transmite durante o transe informações do seu próprio inconsciente ou do chamado inconsciente coletivo - esta visão é comum entre aqueles que aceitam que o transe é uma

manifestação normal ou não-patológica, mas que não está relacionada com manifestações de espíritos. No caso, seria o próprio inconsciente que se manifesta. O fato é possível e é chamado de "animismo" no meio espiritista, distinguindo esse tipo de manifestação daquele que seria "mediúnico". Dentro dessa perspectiva há também uma reencarnacionista que afirmará que o médium manifesta suas antigas personalidades, vividas em existências passadas e não, necessariamente, um Espírito, um desencarnado.

4 - O médium é um ser tomado pelo demônio - esta é a visão mais corrente no meio religioso de fundo evangélico. Não interpretam que um suposto "morto" esteja se comunicando, mas que se trata do "demônio" tentando ludibriar as pessoas, se passando por um familiar ou amigo já falecido do consulente.

5 - o *médium* é um intermediário entre os mundos visível e invisível, ou espiritual. Esta é a interpretação dos espíritas, dos umbandistas e de alguns grupos esotéricos. E cada grupo se organiza de uma forma distinta para fazer esse intercâmbio mediúnico, o que a Animagogia chama de Psiconomia, ou seja, as formas organizadas de se fazer o intercâmbio mediúnico.

Podemos notar com esse conflito de interpretações que a mediunidade, enquanto uma prática social espiritualista, é um fenômeno complexo e que todas as cinco perspectivas acima são possíveis e devem ser levadas em consideração, porém, é preciso salientar que o *médium*, mesmo no Brasil, ainda sofre com o preconceito, com a intolerância e com a estigmatização. E, felizmente ou não, não há uma única família que não tenha ou conheça pelo menos um

médium ostensivo. E muitas dessas pessoas acabam sendo condenadas a tratamentos desumanos em hospitais psiquiátricos, devido a um diagnóstico nem sempre adequado da medicina oficial ou biomédica.

O estudo da mediunidade enquanto um fenômeno pressupõe, obviamente, a necessidade da descrição fenomenológica, capaz de apreendê-la em seu sentido perceptivo, primário ou estrutural. Porém, como afirma REZENDE (1990), em um estudo fenomenológico não interessa qualquer descrição, mas uma que seja significante, pertinente, relevante, referente, provocante e suficiente. E pretendemos, para aprofundar um pouco mais a investigação, inserir também a interpretação de seu aspecto simbólico, ou seja, na tentativa de captar seu sentido indireto e figurativo.

Para tanto, optamos pelo uso também da mitocrítica durandiana, procurando identificar os mitos e arquétipos por trás dessa prática social espiritualista, e, com base nas pesquisas até o momento realizadas na ONGCSF e já apresentado em eventos na cidade de Natal/RN e João Pessoa/PB, interpretamos que a modalidade kardecista/espiritista tende a manifestar em sua organização o mito de Apolo, deus heroico da razão e que luta contra toda forma de irracionalismo; por sua vez, a umbanda tende a manifestar um mito noturno do tipo dionisíaco, o deus do êxtase e da representação. E no caso da apometria, temos compreendido que a mesma costuma manifestar um mito mais hermesiano, portanto, alquímico e mentalista. Por fim, no caso da Animagogia, que se utiliza de um trabalho de mediunidade laica, conforme praticado na ONGCSF, nossa tendência é de interpretá-la como uma proposta que manifesta o mito de Orfeu. (MARQUES, 2014)

Para dar conta do objetivo apresentado acima, enquanto pesquisador teremos que nos valer de nossa consciência perceptiva e cognitiva, mas também da consciência imaginante/intuitiva e da consciência amorosa/espiritual para elaborar um discurso, ao mesmo tempo, compreensivo, crítico e respeitoso, que apreenda a relação entre a faticidade da experiência mediúnica e sua transcendência e ajude a interpretar o fenômeno mediúnico enquanto uma prática social polissêmica, estrutural, simbólica, não-determinada e ambígua, buscando compreender como ela é vivida (intencionalidade e experiência), pensada e "imaginada" (estruturas de imaginário e arquétipos manifestos), sabendo que a interpretação sempre reflete uma visão ideológica, um ponto de vista que não é neutro, próprio da mentalidade do pesquisador, que, neste caso, tem a pretensão de ajudar a constituir um caminho de resistência contra a massificação e a alienação, uma vez que a cultura popular de onde se origina a mediunidade não é sinônima de cultura de massa. E valorizar o *médium* como sujeito ativo da história e da cultura, como pretende as pesquisas realizadas na Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos[6], pois somente ele é capaz de vivenciar o fenômeno mediúnico de forma integral, ou seja, em suas dimensões corporais, psí-

6 "Comprometemo-nos pela realização de estudos e pesquisas com (e não sobre!) pessoas, grupos e comunidades 'marginalizados', 'desqualificados' e 'excluídos' pela sociedade, não compartilhamos da ideia de turvar a realidade ao gosto do pesquisador, mas sim de originar os estudos e pesquisas do encontro de subjetividades, de pessoas, grupos e comunidades - pois só estes podem falar sobre as experiências encarnadas de 'marginalização', 'desqualificação' e 'exclusão', bem como de suas resistências, lutas e reivindicações por uma sociedade mais justa. Envolver-se pelo

quicas, mas também morais e espirituais, nos transmitindo informações sobre a existencialidade perceptiva do fenômeno.

Em suma, podemos identificar três instâncias para uma interpretação fenomenológica das práticas sociais medianímicas:

1 - a descrição fenomenológica da prática social medianímica estudada;

2 - o tratamento interpretativo (que nesta pesquisa utiliza-se também da mitocrítica durandiana);

3 - a manifestação projetiva (teleológica) visando a libertação, a autonomia, a participação popular, a conscientização, e, no sentido mais profundo, a preocupação ética e de respeito ao Outro.

A abordagem fenomenológica se distingue, por exemplo, da behaviorista (adestramento), da racionalista (homem-máquina), e também da solipsista (consciência pura), mas dialoga com elas também, pois considera a existência de um único mundo, apreendido de forma distinta, justamente por ser construído a partir dos sistemas de valores que representam diferentes sistemas de cultura (FIORI, 1987, 1991 e 2014). Ela não pode ignorar a dinâmica do vivido, do afetual, do contexto sociocultural em que se insere a prática social e nem despre-

trabalho, a vontade de melhor conhecer, o saber e o sabor da convivência, nos remete a pensamentos e sentimentos, que de nosso ponto de vista, não são antagônicos à rigorosidade científica, ao contrário, atribuem ao fazer ciência, um especial rigor: amorosidade, acolhimento, indignação, esperança, simplicidade, colaboração. Um desejo de tornar-se mais humano, de humanizar-se no sentido de vida mais justa. Por essas razões, com essas posturas e por esses meios buscamos conhecer e compreender processos educativos próprios a práticas sociais. (OLIVEIRA et al, 2009, p. 14)

zar a dimensão do sujeito e do individual.

Acreditamos que essa tomada de decisão vem ao encontro da filosofia da libertação de DUSSEL (1982) que não pensa a religião como algo a ser superado, mas que pode ser um fator de libertação e de questionamento das estruturas sociais e cuja perspectiva teológica parte da necessidade de crer no outro, na epifania, na alteridade e na exterioridade, uma de suas categorias de análise e compreensão do outro mais importantes em sua filosofia.

No capítulo seguinte faremos uma reflexão sobre alguns problemas espirituais e religiosos na educação, a partir da perspectiva dos idosos que entrevistamos e que afirmam terem sofrido física e psiquicamente pelo fato de serem *médiuns* e não terem sido acolhidos ou compreendidos no ambiente escolar com o respeito que se fazia necessário.

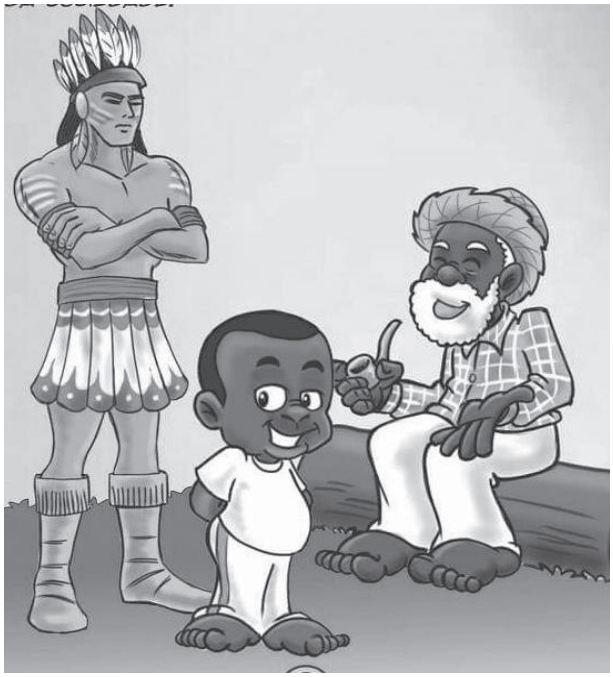


Ilustração do livreto umbanda, da coleção diversidade religiosa para crianças

Capítulo 5 - está a escola preparada para acolher um aluno médium?

Encontramos registros de fenômenos mediúnicos desde a Antiguidade, em todas as culturas populares e tradições religiosas. Em alguns contextos socioculturais a mediunidade é aceita com naturalidade e, em outros, como algo a ser combatido, como, por exemplo, no Antigo Testamento.

Apesar do DSM-4 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 4ª edição, da Associação Psiquiátrica Americana) ter incluído a categoria Problemas Espirituais e Religiosos para estudar melhor esse assunto, ainda predomina no discurso acadêmico a interpretação da mediunidade como fraude, charlatanismo, psicopatologia, delírio, alucinação, entre outros diagnósticos, o que dificulta uma melhor compreensão do fenômeno quando ele se manifesta, por exemplo, em alunos em idade escolar, uma vez que o caso é tratado, quase sempre, como esquizofrenia ou outros transtornos mentais. Quando a hipótese espiritual é aventada, com frequência é associada ao "satanismo", sobretudo por professores e diretores de escola evangélicos.

A mediunidade não é um fenômeno

que deve ser estimulado, ela deve eclodir naturalmente e, por acaso ou não, há vários relatos de pessoas que vivenciaram a eclosão dela justamente no ambiente escolar. E nossa hipótese, baseada em mais de 12 anos de estudo e prática da mediunidade laica, é que ela não é uma patologia, constituindo-se em um problema apenas quando acontece de forma descontrolada, quando o *médium* não tem nenhum controle sobre o fenômeno, o que costuma acontecer no inicio do processo ou em casos de "obsessão". Porém, quando o *médium* domina e compreende as leis que regem o fenômeno, consegue ter uma vida cotidiana normal e saudável.

Obviamente que não é o caso de uma criança em idade escolar. Esta não tem a maturidade suficiente para isso e, portanto, necessita de auxilio, tanto dos profissionais da saúde e da educação, como de grupos espiritualistas sérios e preparados para lidar com o problema se a eclosão de traços medianímicos acontecerem justamente dentro do ambiente escolar.

Essa problemática é pouco discutida no meio acadêmico, muito mais por preconceito do que por falta de necessidade, uma vez que o problema nunca deixou de acontecer. E os casos que aparecem no ambiente escolar, com frequência são tratados como casos de psiquiatria, ou seja, o problema é tratado como doença mental e não como um "problema religioso e espiritual". Talvez venha daí a falsa impressão que o problema não existe ou não interesse estudar na Educação.

As narrativas visionárias ou místicas são abominadas pelo racionalismo moderno. E talvez o clássico do racionalismo seja o livro *Sonhos de um visionário*, de Emmanuel KANT que visa combater o "misticismo obscuran-

tista", atacando Swedenborg, o "vidente de espírito". A intenção de KANT, com este livro, era acabar com os "devaneios metafísicos", com as "sociedades fictícias" e com as "viagens imaginárias". Para ele, nada do que narram os videntes seria verdade. E afirma:

> *Confesso que todos os contos sobre a aparição de almas defuntas ou sobre influxos espirituais e que todas as teorias de caráter conjectural sobre a natureza dos seres espirituais e da sua ligação conosco, pesam sensivelmente apenas no prato da esperança ao passo que, em contrapartida, no da especulação, parecem duma consistência absolutamente aérea.* (op.cit., 87)

A mediunidade, porém, é uma prática social milenar, como já salientamos. Todas as culturas possuem pessoas que servem de intermediárias com o chamado plano espiritual. Foram chamadas de pitonisas, oráculos, profetas etc. E é importante distinguir a mediunidade da doutrina espírita ou da Umbanda, religião medianímica brasileira. Elas se fundamentam na prática mediúnica, mas esta também está presente no taoismo e em outras religiões. Além disso, muitas pessoas exercem a mediunidade de forma laica, sem vínculos com religiões.

A questão fundamental é que a mediunidade não depende de classe social, grau de escolaridade, gênero etc. Além disso, ela pode eclodir na vida de uma pessoa em qualquer idade, seja em crianças e até mesmo em idosos.

E é interessante assinar que, no mesmo livro, KANT escreveu que talvez as experiências ocultistas com os Espíritos fossem falsas, mas não charlatanismo. Para Kant

o contato com o mundo dos Espíritos era o resultado de uma perturbação da inteligência, de alguma afecção patológica dos sentidos e da imaginação. Esse processo resultaria em representações simbólicas de um além impossível de ser atingido pelas mentes normais.

E, apesar de classificar as visões e audições descritas por SWEDENBORG como algo "patológico" apresentará uma hipótese bem "complexa" para um filósofo racionalista do século XVIII. Para ele, tais "patologias" poderiam, de fato, ter uma causa espiritual. Ou seja, KANT chega a admitir que os Espíritos (os mortos) poderiam influenciar ou perturbar as faculdades normais dos "vivos". Dessa forma, o filósofo prussiano chegou a admitir a possibilidade de haver uma relação entre o "mundo dos vivos" e o "mundo dos Espíritos", mesmo que isso produzisse um efeito patológico sobre as faculdades mentais dos primeiros. KANT reconheceu que essa sua hipótese transporia os limites da racionalidade de sua época.

Refletindo sobre as "alucinações" de SWEDENBORG, KANT elaborou uma teoria sobre os Espíritos que seria, aproximadamente, a seguinte:

1 - os Espíritos seriam seres que ocupam o espaço físico sem o preencherem (algo semelhante é dito para KARDEC por um suposto Espírito no livro O céu e o inferno).

2 - Eles habitariam um mundo suprasensível e formariam uma comunidade de seres racionais. Para se conhecer tal comunidade, no domínio da experiência, só haveria um caminho: através do "mundo moral". Para KANT, na medida em que nos sentimos descontentes em viver presos aos nossos desejos sensoriais e reconhecemos

que somos dependentes de uma Lei e de uma vontade que nos vem do exterior, somos atravessados por uma exigência que funda uma comunidade interdependente, à maneira de uma atração universal entre o mundo sensível dos homens e o supra-sensível dos Espíritos, ou seja, dos "mortos".

Mas a fascinação de KANT pela "intuição alucinada" de SWEDENBORG, que afirmava conversar cotidianamente com os "mortos", fez com que ele antecipasse algumas das premissas que o espiritismo de KARDEC revelaria no século seguinte. KANT afirmou que os Espíritos, apesar de não estarem efetivamente no espaço, utilizam-se dos pensamentos humanos e suas ideias são revestidas pela aparência do mundo sensível. Em suma, o mundo dos Espíritos, segundo KANT, continuaria sendo o mundo das representações humanas.

E KANT chegou também a escrever que SWEDENBORG seria, de fato, um "oráculo dos Espíritos" e que teria o seu "ser interior" aberto. Ou seja, ele podia ser "tomado" pelos Espíritos. Porém, a relutância de KANT em colocar do mesmo lado o idealismo dos metafísicos e o "delírio" dos ocultistas, particularmente, de SWEDENBORG, levou-o a tentar definir os limites entre a razão dos metafísicos e a "loucura" dos ocultistas

Reconhecendo ser pretensioso não acreditar em nada do que SWEDENBORG escrevia e, ao mesmo tempo, acreditar em tudo sem um exame mais rigoroso da razão, KANT afirma que seria capaz de sustentar os devaneios do ocultista se alguém contestasse sua possibilidade. E, como uma espécie de censor, recomenda para as mulheres, sobretudo, as grávidas, não entrar em contato com as informações referentes ao estado dos espíritos após a morte, uma

vez que a diversidade de formas espirituais presente nas visões de SWEDENBORG poderia assustá-las.

Talvez o erro de KANT tenha sido o de classificar como patológica essa relação com os Espíritos. KANT não descarta a possibilidade da vida existir após a morte, mas vai afirmar que esse contato com o "mundo dos Espíritos" pode desencadear "alucinações", como as descritas por SWEDENBORG.

No livro *Fenomenologia da atividade representativa*, o psiquiatra Isaias PAIM descreve os tipos de alucinações (auditivas, visuais, olfativas, gustativas, táteis, neurovestibulares, pseudo-alucinações etc.) e apresenta as diferentes teorias para se entender a patogenia delas. No que se refere a teoria fenomenológica, centra sua análise na perspectiva que SARTRE apresenta no livro *O imaginário*, concluindo que a interpretação deste é limitada por faltar-lhe a experiência da clínica e a convivência com os "enfermos alucinados".

Concordando com esta interpretação, mas considerando que muito do material psíquico produzido por *médiuns* não é alucinação, mas sim um contato real com a Psicosfera, em alguns casos com a Noosfera e com o plano espiritual propriamente dito, apresentarei alguns casos relatados por *médiuns*, hoje na terceira idade, e que relatam diferentes problemas enfrentados durante a infância e que, por falta de conhecimento e orientação dos pais, professores e profissionais da saúde, tiveram sua educação escolar profundamente prejudicada. Apresentarei também o caso de uma idosa cuja mediunidade eclodiu na terceira idade, causando alguns transtornos em sua vida, mas rapidamente superados quando aceitou a faticidade do fenômeno e se en-

gajou em uma prática social espiritualista, e outros casos que nos ajudam a entender melhor o fenômeno mediúnico.

Reflexões preliminares baseadas nestes depoimentos já expostos em trabalhos apresentados em alguns eventos, como o "XI Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior", em Recife, no ano de 2009; também no ciclo de debates "Cultura de paz, mediunidade e direitos humanos", em 2010, realizado no centro de cultura afro-brasileira Odette dos Santos, na cidade de São Carlos; e no "V seminário arte e imaginário na educação: imaginário, arte e educação da alma", na UFMA, em 2014, entre outros.

Começarei pelos depoimentos de idosos que desde a infância manifestam esse potencial psíquico em suas vidas e como a mediunidade foi interpretada de forma errônea, prejudicando profundamente sua educação escolar, pois tiveram que abandonar a escola em função desse "problema" de saúde.

O primeiro que vamos apresentar é do senhor CR. Ele narra que, na infância, sofreu por causa da mediunidade ostensiva e da "obsessão" que sofria, sendo diagnosticado, na juventude, como esquizofrênico, fato que o fez perder alguns anos de estudo. Ele só teve domínio de sua mediunidade de clarividência por volta dos 40 anos de idade. Hoje, ele afirma, não tem mais medo de nenhum tipo de Espírito e os vê e os ouve perfeitamente. Porém, na infância, por ignorância da família, dos professores e dos profissionais da saúde que o atenderam, sofreu muito. Ele afirma que o período mais difícil foi quando estava na sexta série. Naquela época, quase que diariamente, sofria com fortes dores de cabeça. Sua família

exigia que fosse para a escola assim mesmo, mas não conseguia prestar atenção às aulas.

Ao ser encaminhado pela escola para fazer alguns exames, nenhum problema físico foi constatado. Para os seus professores e para os profissionais da saúde que o atenderam, tudo não passava de fingimento. Desesperado, abandonou os estudos.

Por volta dos 18 anos de idade começou a ver e ouvir os espíritos com nitidez e procurou ajuda psiquiátrica. Ele foi rotulado como esquizofrênico e passou a tomar medicamentos que alteravam sua sensibilidade e o prejudicava no trabalho. Por volta dos 23 anos de idade parou de tomar os medicamentos por conta própria e foi procurar auxílio nas religiões. Frequentou igrejas evangélicas, terreiros de umbanda, centros espíritas etc., mas só conseguiu ter domínio sobre a mediunidade quando estava para completar 40 anos de idade. Atualmente, ele afirma que vê os espíritos em todos os lugares e a todo momento, mas isso não mais o incomoda. Enquanto eu coletava esse depoimento, por exemplo, ele disse que, atrás de mim, ele via três Espíritos: um "chinês", um "preto-velho" e um "exu".

Um outro idoso, com 72 anos de idade quando nos deu o seu depoimento, atualmente faz parte do corpo mediúnico de um centro espírita na Vila Prado, bairro de São Carlos. Ele narra que sua infância também não foi fácil. Segundo afirma, desde a infância vê os Espíritos. Porém, quando tinha cerca de sete anos de idade, quando alguns Espíritos que queriam o prejudicar se aproximavam, ele perdia o controle do corpo. Isso acontecia em casa e também na escola, por diversas vezes.

Após alguns exames, foi diagnosticado pela medicina como portador de "ataques epiléticos". Ele conta que sabia que os médicos estavam errados, mas não sabia explicar para as pessoas o que, de fato, acontecia com ele. Os ataques só acontecia com a aproximação de determinados Espíritos.

O seu problema se intensificou por volta dos nove anos de idade quando começou a ter "desdobramentos" espontâneos, ou seja, ele saia do corpo e enxergava nitidamente a "quarta dimensão". Quando isso acontecia, seu corpo ficava em estado de catalepsia, e ele via as pessoas em volta dele tentando o reanimar. Mesmo querendo, não conseguia falar e mexer o corpo para informar que ele estava bem.

Esse senhor narra ainda que, ao retornar do "desdobramento", falava de tudo o que tinha visto do "outro lado". Isso fez com que a família o levasse para um psiquiatra que o diagnosticou também como esquizofrênico e sofrendo de "alucinação autoscópica".

Ele afirma que não teve como prosseguir nos estudos devido às interpretações equivocadas e há várias décadas é médium em um centro espírita, onde encontrou equilíbrio para continuar vivendo.

Nestes dois casos, a mediunidade é uma constante na vida desses senhores desde a infância. Mas a mediunidade pode surgir na vida de uma pessoa na chamada fase madura ou mesmo na terceira idade. É o caso, por exemplo, de uma idosa que estudava em uma escola onde ministrei a disciplina *O poder da mente*. Em 2004, a ex-coordenadora da escola, que conhecia o trabalho realizado pela ONGCSF, chamou-me para atender uma aluna, que estava com 58 anos de idade e que, em sua opi-

nião, parecia ter problemas espirituais.

Fui até uma sala de aula com a aluna para conversarmos. Estávamos a sós na sala quando, de repente, ela entrou em transe mediúnico e deu "passagem" para um Espírito que se manifestava como se fosse uma "cigana". O transe durou cerca de 10 minutos. Quando ela voltou ao seu estado de vigília, perguntei à aluna o que tinha acontecido e ela não tinha percebido nada. Ou seja, segundo afirmou, ela não se deu conta de ter ficado "ausente" por quase 10 minutos e que, neste período, permaneceu inconsciente enquanto um outro ser falou através dela.

Quando eu falei que ela era "médium de incorporação", ela ficou assustada, pois tinha muito medo da mediunidade. Segundo narrou, outras pessoas já tinham falado isso para ela, mas nunca quis saber do assunto. Eu a convidei para acompanhar algumas reuniões do grupo de mediunidade laica que acontecia na ONGCSF. Inicialmente, ela recusou, mas, três meses depois, ela pediu para participar.

Cerca de dois meses após ter iniciado sua participação no grupo, ela começou a "incorporar" um preto-velho que se identificava como pai Jeremias. Logo em seguida, começou a psicografar mensagens de sua mãe e de seu ex-marido, ambos falecidos. Durante vários anos ela atuou como médium de incorporação nos atendimentos de Apometria realizados na ONGCSF e, em uma das sessões, o Espírito que se manifestava como pai Jeremias conversou com um casal sobre o mal de alzheimer. Como eu estava com um aparelho de MP3, consegui gravar essa fala que foi postada na internet, podendo ser acessada através do seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=x-fsfbAoG5-k.

Ao contrário dos outros senhores, esta aluna tem formação superior. Ela tem licenciatura em ciências biológicas e bacharelado em direito. Ela trabalhou como professora da rede pública de ensino e advogou até se aposentar. Ou seja, seu caso desconstrói o discurso de que a mediunidade é uma "coisa" que só dá em pessoas "ignorantes, analfabetas e sem cultura".

Os três casos acima, demonstram que o idoso pode vivenciar sua mediunidade enquanto uma prática social, espiritista, de umbanda, de apometria ou outra qualquer, sem que isso traga qualquer prejuízo ao seu cotidiano. Nos dois primeiros casos, esses idosos relatam que, o desconhecimento da família e dos profissionais de educação e saúde sobre os mecanismos da mediunidade, fez com que tivessem problemas na formação escolar. Ambos abandonaram a escola por causa disso. Já o terceiro caso mostra uma outra perspectiva, com a pessoa aprendendo rapidamente a lidar com o fenômeno.

Mas há idosos, como no caso de RG, que é médium, e não sofre mais com ela, mas também não quer participar de nenhum grupo e nem ajudar as pessoas com esse potencial psíquico. O depoimento dele foi tão rico em informações que resolvemos publicá-lo no livro *Gênero e Espiritualidade: introdução ao estudo das imagens e do imaginário do invisível*. Um dado interessante é que ele é negro, gay e *médium* e afirma que sofre mais preconceito em função da mediunidade do que pelo fato de ser negro ou gay. Daí só falar sobre sua mediunidade para algumas pessoas.

Ele diz ter acesso a informações de outras duas encarnações anteriores a essa e que, em ambas, teria sido mulher. Conta também que vê os Espíritos desde a infân-

cia. Quando tinha entre 5 ou 6 anos de idade, foi levado por sua madrasta a um terreiro de umbanda e, quando começou a "gira", começou a ver os Espíritos chegando para "incorporar" e correu para perto deles e ficou falando: "oi, oi, oi.." Sua madrasta queria tirá-lo de lá, mas o dirigente do centro disse que não tinha problema.

Capa do livro gênero e espiritualidade

E narra que nunca usou sua mediunidade, nem para o "bem" e nem para o "mal". Diz que existem três tipos de Espíritos: os de "luz", os das "trevas" e os "neutros". Segundo afirma, prefere a companhia destes últimos. Em sua narrativa, afirma que um dia foi a um centro espírita e tinha uma criança sendo tratada como "obsediada". Ele viu que não tinha nada de espiritual com ela e um Espírito se aproximou dele e falou: "diz para eles que o problema da criança é somente hiperatividade, que não é nada espiritual". E ele respondia em pensamento para o Espírito: "eu não!" E o Espírito ficava insistindo para ele ajudar, mas ele permanecia irredutível. Perguntei o motivo dele não querer usar esse potencial para ajudar as pessoas e ele respondeu que não gosta de lugar com muita gente, nem de se expor.

Aproveitei para convidá-lo para trabalhar na ONGCSF, auxiliando nos atendimentos de Apometria a distância, onde não teria o contato direto com nenhum consulente, mas também não manifestou interesse.

Este outro caso, que agora vou apresentar, é de uma idosa, evangélica, e que vê e ouve os Espíritos. Ela frequentava as minhas aulas em uma escola para a terceira idade porque nelas se sentia bem. Ela aparentava ter sérias "perturbações psíquicas", mas se negava a falar até que, um dia, em sala de aula, ao saber que eu "mexia com espíritos" me perguntou: "professor, por que eu vejo os Espíritos se a minha religião não permite?" E eu procurei explicar para ela que, independentemente da religião, ela, por ser "médium vidente", estava apta para ver estes seres e que, portanto, não dependia de religião.

Ela morava em uma casa, no centro de São Carlos, que, segundo ela, foi sede de uma antiga fazenda. Lá, ela costumava ver os antigos proprietários e até escravos andando pelo local e isso a incomodava.

Eu sugeri que fosse buscar ajuda no trabalho da ONGCSF ou de algum centro espírita ou de umbanda, mas ela não aceitava por ser evangélica. A igreja que ela frequentava se limitava a dizer que "era coisa do demônio", sem ajudar efetivamente na solução do sofrimento dessa idosa.

Na escola, durante as aulas, ela se sentia acolhida e calma. Gostava das meditações e de outras práticas que fazíamos (como o Chi Kung), mas o problema era em casa. E um dia, quando a situação estava se tornando insustentável, ela, sem saber como lidar com a vidência, achou melhor se mudar daquela casa. Porém, ela também abandonou a escola e perdi o contato, ficando sem saber como ela estava lidando

com o aquele problema.

No caso dessa ex-aluna, uma outra explicação possível para o que ela via em casa é o animismo, ou seja, ao invés de Espíritos, ela poderia ter sensibilidade para fazer "captação psíquica", um recurso que é muito utilizado nos atendimentos de Apometria. Nesse caso, ela entrava em contato com a energia dos ex-moradores da casa, impregnada no ambiente e via "cenas" do que lá acontecia. Ou seja, seria um fenômeno anímico e não necessariamente mediúnico. Mas este seria um outro tema que não é o nosso objetivo nesta pesquisa.

Continuando com os relatos, poderíamos pensar que hoje em dia não haveria mais crianças passando pelo que os dois primeiros idosos que apresentamos passaram na infância. Podemos pensar que hoje em dia há mais conhecimento e compreensão, que as pessoas estão mais informadas sobre "espiritismo". Porém, vou apresentar dois relatos que demonstram que o problema persiste e que problemas de emergência espiritual de cunho mediúnico ainda acontecem na educação fundamental, afetando crianças e jovens.

Alguns anos atrás, fui procurada por uma aluna de uma escola para idosos, localizada na Vila Prado, porque o seu neto de 8 anos não queria ir mais para a escola e nem ficar na casa dos pais. Era somente na casa da avó que ele se sentia bem, pois lá ele não via os Espíritos. Segundo esta aluna, que é católica, o neto via seres deformados que o ameaçavam de morte, tanto em sua casa, como também na escola. Aliás, é comum as crianças terem "amigos imaginários" até por volta dos sete anos de idade. Mas alguns não costumam ser tão amigáveis, como no caso dessa criança. Felizmente, a avó e a mãe da criança

aceitaram auxílio em um centro espírita do bairro que indiquei e um trabalho de "desobsessão" foi realizado. No centro, informaram a avó que a mediunidade da criança havia sido fechada temporariamente até que ele tivesse maturidade para lidar com a questão. Recentemente, conversando com a aluna, ela narrou que o menino está frequentando a escola normalmente e que o problema terminou.

Um outro caso, porém, foi muito mais grave. Uma idosa, médium umbandista, é mãe de uma professora de educação física em uma escola pública. Uma das alunas da filha sofria ataques "obsessivos" dentro da escola. Um dia, a professora encontrou a jovem desmaiada em um sofá, na sala dos professores. Segundo a coordenadora da escola, a menina sofria dores no estômago e por, causa disso, costumava desmaiar.

Depois de 40 minutos e nada da aluna acordar, a professora de educação física resolveu fazer uma oração. A menina, então, "incorporou" um "obsessor" que começou a rastejar pelo chão e ameaçava matar a menina, tentando colocando a cabeça dela no ventilador. Desesperada, pediu socorro à diretora e a outros professores. Com a presença de outras pessoas, o "obsessor" se afastou e a menina voltou ao normal e foi para casa. No dia seguinte, porém, durante a aula de educação física a menina disse para a professora: "ele vem vindo, o malvado vai me pegar..." e desmaiou novamente, desta vez na quadra da escola. Com a ajuda de outros alunos, que estavam assustados e com medo, a professora levou a aluna para uma sala de aula. No caminho, ela deu "passagem" novamente ao "obsessor" que começou a rosnar e a ameaçar todo mundo.

A professora, então, resolveu chamar a mãe, *médium* de umbanda, que foi até lá e

conseguiu "acalmar" o "obsessor". À noite, no centro em que a mãe dessa professora trabalha, o Espírito foi "doutrinado" e a aluna, depois dessa experiência, passou a frequentar também o mesmo local para disciplinar sua mediunidade.

***

Outros relatos poderiam ser aqui citados, mas acredito que estes são suficientes para demonstrar como o desconhecimento sobre os mecanismos da mediunidade ainda são grandes. Fala-se muito em escola inclusiva, mas o que acontece quando o aluno afirma que vê, ouve ou dá "passagem" para espíritos? Como esse aluno é tratado? como louco? como esquizofrênico? como um ser tomado pelo demônio?

É provável que todos nós sejamos *médiuns*, a maioria, porém, apenas intuitivos. E como sempre estamos recebendo intuições, sejam elas positivas ou negativas, e como não é comum vermos os Espíritos que as transmitem, achamos que são nossos próprios pensamentos. Porém, aquelas pessoas que possuem mediunidade ostensiva, seja a vidência, a audiência, a "incorporação", entre outras, são as que mais sofrem, pois costumam ser rotuladas como esquizofrênicas e são, com frequência, encaminhadas para tratamentos psiquiátricos com profissionais que ignoram os mecanismos básicos da mediunidade.

Outro fato, porém, é que mesmo sendo um *médium* equilibrado, muito idosos manifestam traços de estigmatização, sobretudo, quando atuam na Umbanda. Nos ambientes profissionais e mesmo na escola, enquanto as outras pessoas não descobrem que elas são umbandistas, estas costumam se mostrar inseguras ou desconfiadas, alguns dos traços apontados por Erving GOFFMAN (1988) sobre o estigma.

Com frequência, ouvem, em silêncio, os outros criticando ou falando pejorativamente de sua religião. Se perguntam qual a religião eles seguem, muitos dizem ser católicos ou espíritas, mas dificilmente se assumem como umbandistas.

No interior do grupo religioso, agem com mais naturalidade, mas não deixam de viver uma vida incompleta, sempre com receio de serem chamados de "macumbeiro" ou outro nomenclatura pejorativa e preconceituosa.

Apesar dessa intolerância com os *médiuns* e adeptos das religiões afro-brasileiras, existem alguns "transtornos psíquicos" que afetam vários *médiuns*, independentemente da linha doutrinária que seguem. Os mais comuns são enxaquecas que duram semanas, pesadelos, irritação sem motivo aparente, ideias suicidas e mudança repentina de humor, tonturas, entre outros sintomas, ao adentrar em certos locais, como hospitais, por exemplo. Esses transtornos costumam ser classificados como "anímicos" ou "obsessivos", por exemplo, pelos adeptos da Apometria, técnica de tratamento psíquico criada por um médico espiritista em meados do século XX. A solução, para a maioria deles, seria através do próprio exercício da mediunidade, uma vez que seriam consequência da "mediunidade reprimida". Essa teoria também foi compartilhada por vários *médiuns* com quem conversamos e afirmaram que, ao começar a estudar e a fazer parte de práticas sociais medianímicas estes transtornos se extinguiram ou diminuíram significativamente. No caso de terem causas "obsessivas", além da prática social da mediunidade se fez necessário um tratamento através da própria Apometria, em terreiros de umbanda ou centros espíritas.

A prática da meditação integrativa com idosos *médiuns*, ou seja, que não reprimiram a mediunidade e a utilizam em diferentes práticas sociais espiritualistas, demonstra que ela pode ser um procedimento eficiente complementar. Em outras palavras, não substitui a prática social da mediunidade, mas auxilia, e muito, no alívio destes "transtornos psíquicos". E isso ocorreria, dentro da perspectiva da Animagogia, pelo fato do *médium* ser capaz de captar de uma forma mais intensiva e também extensiva as energias psíquicas (*qualitum*) que vibram na Psicosfera.

Todos nós seriamos capazes de captar tais ondas, porém, as pessoas que se dizem *médiuns* parecem ter uma sensibilidade maior para conseguir fazer estas captações psíquicas. Tais captações acontecem de forma consciente e também inconsciente. A disciplina necessária para participar de uma prática social medianímica, não importando a doutrina, ajuda a evitar os "transtornos psíquicos" associados à "mediunidade reprimida". Porém, além dessa prática, se faz necessário autoconhecimento e controle mental. A prática da meditação, especificamente, da Meditação Integrativa, que é realizada através de induções animagógicas e bioenergéticas, favorece esse processo e, dessa forma, condições para que o *médium* consiga se "desligar" de uma forma consciente das energias desarmônicas e seja capaz de controlar as energias de seu pensamento e sentimento em seu cotidiano, inclusive nos momentos em que não está atuando em alguma prática social medianímica.

Capítulo 6 - A prática da Meditação Integrativa com idosos médiuns

Os relatos de experiência de vida apresentados acima foram socializados por idosos durante os cursos intitulados "o poder da mente", dentro de um programa de Gerontagogia Holonômica onde, nos quinze minutos finais das aulas, fazíamos uma Meditação Integrativa. Foi, portanto, durante as atividades que descobri que entre os idosos participantes alguns eram *médiuns*. Apesar de não ter sido a intenção original coletar estes depoimentos, essas informações foram sendo expostas durante as reflexões que fazíamos sobre o preconceito e o desconhecimento generalizado em relação à umbanda, religião de matriz afro-brasileira muito marginalizada e estigmatizada.

Posteriormente, para alguns dos participantes, sobretudo os que diziam ser *médiuns*, ou seja, que diziam ser capazes de ouvir ou ver Espíritos ou até mesmo dar "passagem" para um ser incorpóreo se manifestar através de seu corpo, pedi autorização para coletar seus depoimentos

Como salientamos ao longo deste estudo, já há grupos acadêmicos, sobretudo

no campo da saúde, realizando algumas pesquisas sobre os "problemas espirituais e religiosos". Porém, no campo da educação essa preocupação praticamente não existe, e acredito que seja necessário instituir programas de pesquisas sobre os problemas religiosos e espirituais na educação para que situações como as descritas no capítulo anterior sejam tratadas com mais conhecimento de causa e respeito, para que experiências como as vivenciadas por estes idosos não mais se repitam.

A Meditação Integrativa, conforme exposto, é, ao mesmo tempo, uma atividade psicossocial e espiritual, o que não significa que todos vão ter as mesmas experiências. Como salientamos, normalmente, as pessoas que possuem uma mediunidade mais ostensiva, demonstram uma facilidade maior para acessar o *mundus imaginalis* e descrevê-lo em suas "narrativas visionárias". São elas que, com mais frequência, relatam a visualização de imagens nítidas e intensas durante a prática.

Na perspectiva da Animagogia, estas pessoas teriam transcendido as barreiras do ego consciente e acessado aquela dimensão que Henry CORBIN chamou de *imaginal* e, em alguns casos, indo até a Noosfera e a Logosfera. Para a Animagogia, estas visões numinosas não são simples fantasias da mente consciente, pois, na medida em que se tenta dominar mentalmente tais imagens, elas simplesmente desaparecem. Certa vez, enquanto eu participava de uma sessão de Meditação Integrativa, vi cerca de cinco ou seis crianças carecas, com traços orientais, vestidas com hábitos laranjas, típicos dos budistas tibetanos, olhando e sorrindo para mim. Quando tomei consciência da imagem e quis focá-la com mais nitidez, voltei ao estado

de vigília e elas sumiram automaticamente. Em outras palavras, a mente racionalizadora que vibra na "Psicosfera inferior" não é capaz de retê-las.

Em suma, quando a prática meditativa favorece a produção dessas imagens, estamos diante de uma hierofania. Ou seja, algo de sagrado nos é revelado. Como nos diz ELIADE, tomamos conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. Como já salientou ELIADE: "Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania" (1996, p. 18).

Para este famoso historiador das religiões há duas modalidades de Ser no mundo: a profana e a sagrada. Esta última foi a predominante nas sociedades não-modernas. ELIADE, inclusive, classifica o ser humanizado dessas sociedades como constituindo o *Homo religiosus*. Porém, no ambiente cibernético-informacional contemporâneo, acreditamos que está desabrochando o *Homo spiritualis*, outra modalidade de Ser no mundo capaz de integrar a sacralidade primitiva com as descobertas e a cientificidade do mundo atual.

E os idosos que são *médiuns*, pelo menos os que tive a oportunidade de conviver e coletar seus depoimentos, afirmam ter a impressão de ficarem desorientados quando vão a determinados locais ou se encontram diante de certas pessoas, quando não ficam com dores de cabeça, no estômago ou em outras partes do corpo, mas que, após a prática da Meditação Integrativa voltam a ficar em paz consigo mesmo e com o mundo, afirmando reencontrar a "unidade e a harmonia", como se recebes-

sem um "bálsamo para o corpo e para a alma".

E a sensação de bem-estar costuma ser relatada com mais ênfase pelos idosos que manifestam sintomas mais ostensivos de mediunidade. Eles costumam dizer que são como "esponjas" e, por onde passam, vão captando as "vibrações das pessoas e lugares". Essas vibrações, quando "desarmônicas" causam perturbações físicas, mas também psíquicas que desaparecem após a prática meditativa.

A interpretação animagógica para esse "processo de cura" é a seguinte: a Meditação Integrativa ajudaria o participante a atingir um estado hipermetabólico oposto ao estado de vigília ou, em outras palavras, entrar em estado ampliado de consciência, acessando a dimensão que chamamos de Noosfera. Pessoas menos sensíveis, podem vivenciar apenas uma sensação agradável de descontração e tranquilidade. Porém, os *médiuns* teriam mais facilidade para se desligar do ego e, assim, chegar a um estado extático (a capacidade de colocar o organismo e todo o Ser a serviço de uma comunhão metacognitiva, despertando o *Self* e permitindo a contemplação do numinoso em seu esplendor). Esse processo seria o responsável pelo relato de imagens belíssimas ou pela sensação de plenitude. É preciso salientar que não se trata, como já salientamos, de meras fantasias da mente consciente. Ao contrário, por ser uma técnica que estimula o participante a se entregar às atividades metacognitivas, é possível que estejam, de fato, em contato com imagens arquetípicas curativas que se escondem no âmago do Ser, no *Self*. Nesse sentido, não se trata de um estado "alterado" de consciência, mas de um estado ampliado de consciência curador e regene-

rador do campo mental e emocional (que vibra na Psicosfera) e do físico (que vibra na Biosfera).

E o relato dos praticantes, sobretudo os idosos *médiuns* que participaram dos cursos de Gerontagogia Holonômica vem ao encontro das conclusões de Carl ROGERS (1983), cuja obra foram importantes para o surgimento das abordagens transpessoais na psicologia. Duramente criticado por valorizar as dimensões transcendentes ou espirituais que emergiam no contexto terapêutico, especialmente nas Terapias de Grupo, ROGERS (op. cit.) parece não ter se intimidado e deu prosseguimento ao seu transgressor, libertário e revolucionário trabalho. Em suas últimas obras, a formulação de uma temática transpessoal começou a se destacar após a observação de fenômenos que demonstravam a existência de estados sutis de consciência e concluiu que se tratava, de fato, de experiências "transcendentais e espirituais". O próprio ROGERS afirma que no passado não empregaria estas palavras (transcendência e espiritualidade), "*mas a estrema sabedoria do grupo, a presença de uma comunicação profunda quase telepática, a sensação de que existe 'algo mais', parecem exigir tais termos*" (1983: 62).

Após a sua morte, novas concepções foram realizadas por seus seguidores e admiradores, porém, em uma de suas últimas reflexões afirmou: *"tenho a certeza de que nossas experiências terapêuticas e grupais lidam com o transcendente, o indescritível, o espiritual. Sou levado a crer que eu, como muitos outros, tenho subestimado a importância da dimensão espiritual ou mística"* (1983: 53).

Atingir este estado ampliado de consciência também é possível com a prática do *Chi Kung* ensinado nos cursos de TVI.

Porém, aqui, o acesso a essa dimensão superior é um pouco mais demorado. Normalmente, a compreensão plena da técnica acontece em três etapas.

Na primeira a pessoa está muito preocupada em aprender os movimentos com a "cabeça". Nessa etapa, também, a maioria tem medo de errar, tem vergonha de estar sendo ridícula diante dos outros etc. Curiosamente, quanto mais tentamos dominar os movimentos mentalmente, mais nos confundimos e trocamos os movimentos. Essa primeira etapa é um importante momento de aprendizado e de consciência corporal. Em uma segunda etapa, não necessariamente no segundo encontro, os participantes começam a dominar os movimentos e a se encantar. De fato, passam a sentir o fluxo de energia e, independente da razão, o prazer alcançado se intensifica. Já não têm mais a sensação do ridículo e fazem os movimentos de forma mais espontânea. A terceira etapa, porém, é a mais importante. Ela acontece quando os movimentos vêm do fundo da alma. É nesse momento que a energia do Espírito (que chamamos de *divinum*) é percebida. Sente-se calor nas mãos, sente-se a energia fluindo pelo corpo, aparecem cores na mente, algumas pessoas começam a bocejar, lacrimejar, salivar etc. Todos esses sintomas seriam, segundo a Animagogia, formas de transmutar energias estagnadas nos diferentes campos energéticos em que vibramos simultaneamente (Biosfera, Psicosfera, Noosfera e plano espiritual).

Quando se atinge este estágio, os participantes experimentam mudanças e emoções purificadoras. Velhos pensamentos começam a se dissolver e as "energias negativas" são transmutadas de dentro para fora.

Vamos apresentar duas possíveis curas físicas que aconteceram com a prática da Meditação Integrativa. Como salientamos, seu objetivo é o autoconhecimento e ajudar a pessoa a vivenciar sua experiência humanizada com habilidade espiritual, porém, nada impede que não possa acontecer curas físicas como as que vamos descrever. Também não temos elementos para afirmar, categoricamente, que elas aconteceram pela prática da Meditação Integrativa, apesar das duas pessoas afirmarem que sim.

A primeira cura foi narrada por uma senhora residente na cidade de Dourado, perto de São Carlos. Ela começou a frequentar as atividades da ONGCSF e após quatro semanas praticando as técnicas da TVI, entre elas, a Meditação Integrativa, ela afirma ter sido curada do glaucoma. Segundo ela, a cada seis meses faz exames com o seu oftalmologista e o glaucoma desapareceu.

Como salientamos, não temos como avaliar essa informação. Porém, se levarmos em consideração que vários médicos que fazem diagnósticos psicossomáticos apontam causas emocionais para o glaucoma, se estiverem certos, pode ser que a prática da Meditação Integrativa trouxe mais equilíbrio para sua vida mental e, assim, a consequência foi a diminuição da pressão intraocular e de outros sintomas associados ao glaucoma.

A outra cura é um pouco mais difícil de ser explicada pelo modelo ou pela racionalidade biomédica. Uma senhora procurou a ONG devido ao fato de enxergar muita luz branca que dificultava o seu cotidiano. Segundo ela, foi em vários oftalmologistas em diferentes cidades e todos diziam que sua visão era perfeita. Depois de quatro semanas recebendo atendimen-

to de imposição das mãos em uma maca, ela nos mostrou emocionada dois ultrassons de seu fígado. No primeiro aparecia uma mancha que sumiu misteriosamente. Segundo afirma, seu médico ficou impressionado dizendo que aquilo não seria possível sem uma cirurgia.

Em nenhum momento ela nos informou sobre seu problema no fígado. Porém, as luzes brancas continuavam a lhe incomodar a visão. Assim, indicamos a ela um centro espírita onde ela poderia conversar com uma "entidade espiritual" e ela foi. Lá a mulher foi informada que tinha "merecimento" para curar sua enfermidade no fígado e isso aconteceu durante as sessões de TVI. Quanto ao olho, ela realmente não teria nenhum problema. As luzes seriam "espíritos" que ela via por ser vidente e teria que aprender a lidar com o fato. Após receber essa informação ela passou a frequentar o centro se tornando uma trabalhadora do mesmo.

Na ótica da Animagogia a cura seria explicada da seguinte forma. Ao conseguir captar as energia espirituais da Logosfera e também as anímicas da Noosfera, ela renovou sua energia psíquica e biológica. Dessa forma, as células do corpo vão se reestruturando favorecendo a cura. Mas o porquê de algumas pessoas conseguirem que isso aconteça e outras não, pode ser devido ao "merecimento", ao "acaso" ou outro fato qualquer. Mas, como salientamos, apesar dessa senhora afirmar que seu fígado foi curado pela prática da TVI, não temos como afirmar se ela está certa ou não. A Animagogia não visa a cura física, mas o autoconhecimento. Porém, não nega que, em alguns casos, isso venha a acontecer.

Em 2015, a ONGCSF alugou uma máquina fotográfica térmica para registrar a

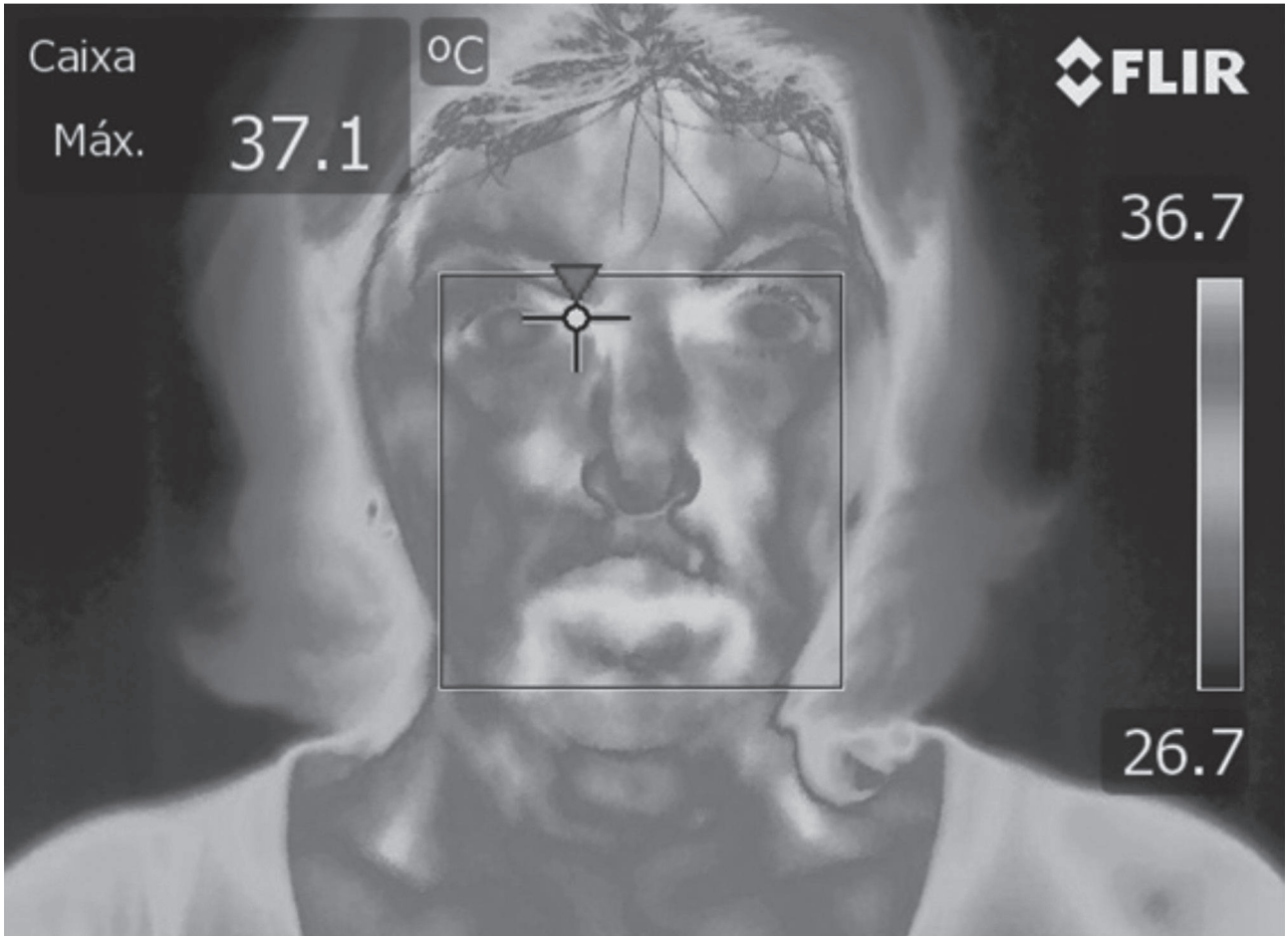


Foto 01 - antes do início da Meditação Integrativa

prática da Meditação Integrativa e alguns resultados foram surpreendentes, demonstrando o efeito dela no corpo físico, alterando de forma significativa o calor distribuído pelo corpo. Vamos começar com as fotos de uma senhora, com 55 anos, antes e depois de uma prática meditativa que durou apenas 15 minutos.

Nesta foto, antes do início da prática meditativa, podemos notar uma desarmonia entre as faces. Os pontos brancos são os mais quentes. Um dado importante a se considerar é no centro da testa, onde os orientais afirmam existir um *chakra*, chamado de "frontal". Ele estaria ligado, supostamente, a intuição, à vidência etc. Antes de ter início a prática podemos notar pela imagem que ele está quente (com tendência para o branco). Ela, antes de começar a atividade, afirmou estar com dor de cabeça, no lado direito (podemos notar uma manchinha branca perto da legenda que marca a temperatura máxima na imagem, próxima de seu olho direito).

Após a prática meditativa que durou 15 minutos podemos notar na foto 2 que a cabeça esfriou, diminuindo a área esbranquiçada, e a mancha branca praticamente desaparece. Além disso, as duas faces estão mais harmonizadas, com uma distribuição do calor pelo rosto de uma forma mais homogênea. Há uma simetria entre as duas faces após a prática da Meditação Integrativa.

Podemos notar pela imagem que a área mais quente passou a ser na altura da boca e centralizada, provavelmente devido a uma respiração mais harmoniosa.

Foto 02 - no encerramento da Meditação Integrativa

As próximas duas fotos vão demonstrar um outro fato fisiológico muito significativo: o aquecimento das mãos do animagogo durante uma imposição. Uma pessoa está no centro para receber energia e a fotografia registra uma mão imposta próxima da cabeça da pessoa durante a atividade que durou cerca de 12 minutos.

A foto número 3 foi tirada no início da atividade e podemos observar que a área mais quente é justamente no centro da palma, onde os orientais afirmam que também existe um *chakra* e seria de onde a energia irradiada sai com mais intensidade quando se faz imposição das mãos. A temperatura no início da prática era de 34,4 graus.

As fotos das mãos foram realizadas a cada dois minutos. Estamos disponibilizando apenas a primeira e a última, quando a prática estava sendo encerrada. É importante salientar que em nenhum momento as mãos são esfregadas ou se toca no corpo da pessoa que está deitada na maca. Em todo o processo, o animagogo permanece concentrado, com as mãos impostas e em estado meditativo ou em prece.

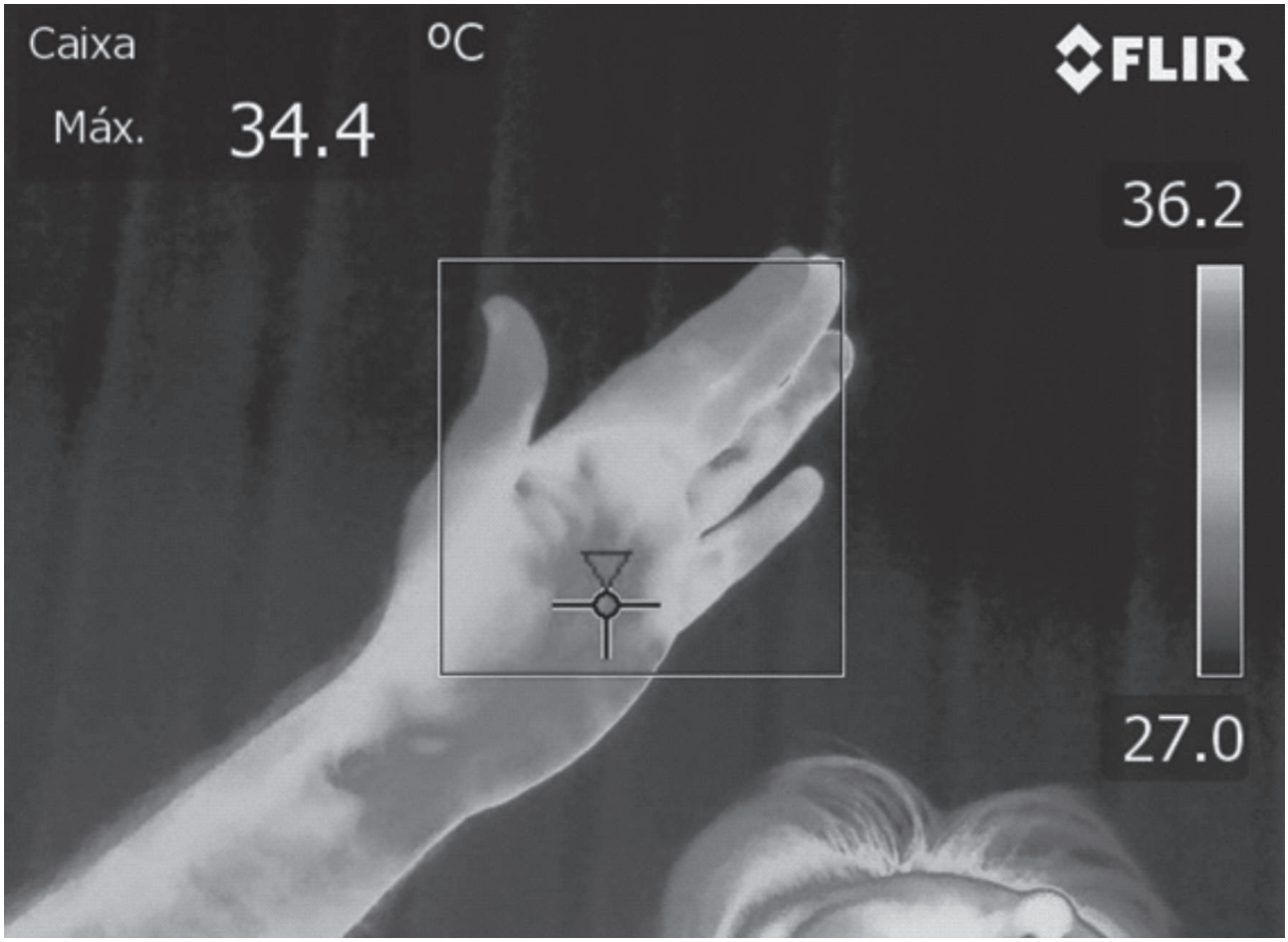


Foto 3 - imagem termográfica de uma imposição de mãos, no início da atividade

Entre a foto acima e a foto 4, registrada no encerramento da atividade, podemos observar que houve um aquecimento notável de 0.9 décimos, alcançando a temperatura de 35,3 graus. Como salientamos, em nenhum momento houve toque, fricção das mãos ou qualquer outro mecanismo que pudesse aquecê-las a não ser a própria concentração mental e a vontade de irradiar a suposta energia que sai pelas mãos.

Normalmente, as pessoas que participam de atividades similares relatam o aquecimento das mãos, porém, sempre se questionam se de fato a mão aquece ou se seria apenas uma "coisa da cabeça". Com o uso da máquina termográfica, foi possível constatar que o calor nas mãos é real. Obviamente que não é possível afirmar que alguma energia foi enviada para a pessoa deitada, mas que as mãos se aquecem isso é um fato que pode ser observado e registrado com o uso de uma câmera termográfica.

Como só havia uma câmera e essa ficou posicionada em direção à mão da pessoa que fazia a imposição, não foi possível acompanhar, nesse caso, a mudança de temperatura no rosto da pessoa que estava deitada na maca "recebendo a energia".

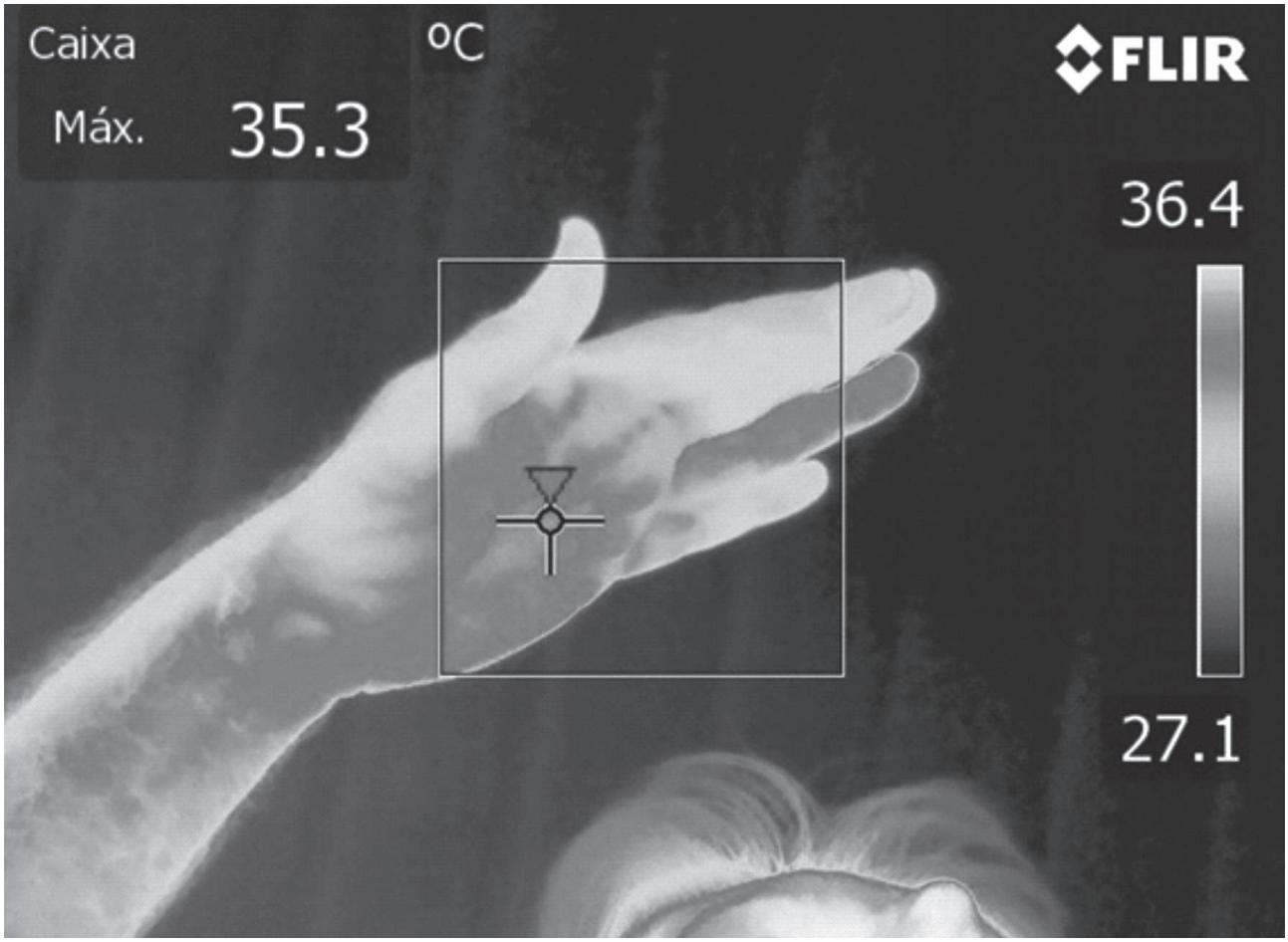


Foto 04 - imagem termográfica de uma imposição de mãos, no término da atividade

A seguir vamos apresentar o relato de uma idosa *médium*, que pratica a Meditação Integrativa, há cerca de sete anos e que frequentemente sofria "transtornos psíquicos", o que a fazia tomar forte medicação e também ser internada quatro vezes, tendo que ser amarrada em várias delas. Após iniciar a prática, os problemas diminuíram e não precisou, até o momento, ser novamente internada. Essa idosa ajuda desde 2015 nos atendimentos de TVI, na ONG-CSF. Esse depoimento foi coletado para um artigo enviado para o prêmio Victor Valla de Educação Popular e Saúde, mas vamos aqui o reproduzir na íntegra:

> *Eu sou uma pessoa que se magoa com facilidade, mas estou aprendendo a lidar com a situação, compreendendo que somos nós que nos magoamos, independentemente do que o outro faça. A prática da Meditação Integrativa tem me ajudado a me sentir mais "leve", sobretudo com a família. A prática da psicografia também ajuda a aliviar a "confusão mental" ou as "vozes que falam comigo". Mesmo assim, ainda tomo remédios para dormir. Nem sempre as "vozes" que escuto querem passar mensagens. Muitas vezes, pedem para eu "meditar", "ficar mais calma" e "se desligar das preocupações".*
>
> *As minhas "crises espirituais" começaram há 30 anos. Ficava muito agressiva e fui internada 4 vezes. Precisava ser amarrada e ficava dopada. No local onde era internada (acho que era em Araraquara) eu era colocada em*

um quartinho escuro, onde havia um buraco no chão para as necessidades fisiológicas. Não tinha cama. Eu ficava jogada no chão. A comida era passada por uma janelinha que abria na horizontal. Costumava ficar em torno de um mês internada e dopada.

Eu comecei a melhorar há 13 anos, quando comecei a frequentar o CAPS, apesar deles considerar que o meu problema era apenas mental. Hoje eu acredito que era também espiritual.

Na década de 80, mesmo sem o apoio da família, participei de um trabalho de desobsessão, mas não era em centro espírita. Um senhor católico e uma senhora, também católica, mas que incorporava, é que faziam o trabalho. Ela dava passagens para os espíritos e ele conversava e orava. Eu ficava apenas anotando o que acontecia. A família me proibiu de participar depois de um tempo, associando que as crises estariam relacionadas com este trabalho.

Nas quatro vezes em que fui internada em um hospital psiquiátrico, acho que era na cidade de Araraquara, eu estava muito agressiva e por isso minha família chamava o "resgate". Vários homens fortes amarravam minhas mãos e pés, enquanto *eu gritava. Não tomei choque, mas sabia de* várias histórias de pessoas que tomavam. Há 13 anos encontr*ei o CAPS onde tive apoio para sair da crise. Lá*

eu escrevia muito. Hoje acho que já eram psicografias. Algumas mensagens vinham com orientações e outras eram desabafos. Alguns funcionários do CAPS diziam para eu parar de escrever e fazer uma terapia, sem compreender que o ato de escrever era a terapia que necessitava. Durante 10 anos escrevi muito, mas ouvia das "vozes" que não era para mostrar para a família, que não estava preparada para entender.

Hoje eu reconheço que foi graças a esse sofrimento que cresci, me tornei mais forte. Consigo ajudar com amor. Se antes ia ajudar "pesada", com a paz e a alegria que venho sentido, agora vou "leve" e volto bem.

Fazendo um balanço da vida, notei um fato interessante. Sempre que algo mudava dentro de mim, sentia necessidade de mudar, seja de casa ou mesmo a disposição dos móveis. Como se a mudança externa refletisse a minha mudança interna.

Uma das primeiras crises foi há cerca de 28 anos atrás. Uma vidente católica, chamada Geralda, foi em minha casa para rezar com as crianças (filhas e outras). Durante o terço, eu dei um grito e desmaiei. Um senhor passou algodão com água na minha boca, mas eu sentia gosto de vinagre. E uma amiga vidente disse ter visto uma nuvem negra sobre a minha casa, naquele dia.

Alguns dias depois, fui levada

para um trabalho de desobsessão em um centro espírita. Lá, eu fiquei no centro da roda e ouvia uma voz dizendo: "acaba com todos eles". Eu foquei minha atenção em Maria e fiquei rezando. Ao terminar o trabalho, o coordenador me ironizou e disse que eu estava limpa, mas eu ainda sentia que as vozes que me incomodavam ainda estavam comigo, mas não sabia como dizer. Não voltei mais lá.

*Em uma outra ocasi*ão, tom*ei a famosa injeção do "Kamamura", era como as pessoas chamavam o "sossega leão, um remédio fortíssimo para a pessoa apagar. Meu corpo relaxou e senti algo percorrendo o meu corpo. Mas a minha mente permanecia desperta. Eu ouvia tudo que as pessoas falavam, mas não conseguia responder ou movimentar o corpo.*

O meu marido me abandonou por causa das crises. Mas não tenho nenhuma mágoa ou rancor. Eu tinha, mas passou quando fiz a seguinte experiência. Eu rezava muito para São Rafael e um dia, senti como se água percorresse todo o meu corpo por dentro. Quando a sensação passou, a mágoa tinha passado também. Eu acredito que tenha sido uma limpeza espiritual, uma vez que São Rafael é considerado um "bálsamo para as almas".

Quanto às psicografias, elas acontecem mais a noite. Eu costumo acordar no meio da noite e

vem muito informação na minha cabeça. Eu preciso me sentar e escrever. São coisas boas e ruins. Mas depois que passo para o papel, consigo descansar e voltar a dormir.

No CAPS fui tratada como tendo problemas mentais, em nenhum momento meu caso foi pensado como espiritual. E todo o material que escrevi foi jogado fora.

Muitas vezes ouço uma voz que me passa ordens. Por exemplo, às vezes quero *sair de casa, mas quando vou para a rua, vem a voz e diz: "volta!" "não saia hoje"...*

Teve um dia que meu pai chegou em casa e a voz me fez falar: "pai, vai pedir perdão à Madalena e vai se confessar ao padre". Não sei porque falei aquilo, mas depois descobri o que tinha acontecido. E a voz tinha razão.

Não me recordo quando foi a primeira incorporação. Não sei precisar, lembro que fiquei com o corpo todo arcado. Tinha consciência, mas não conseguia endireitar o corpo. A família tentava ajudar, sem conseguir. Uma senhora vidente que estava por perto diz que ao meu lado havia uma "senhora" que me protegia. Seria uma "preta-velha" e a energia dela se refletia no meu corpo.

Essa idosa que tem uma mediunidade ostensiva afirma que as sensações são muito diferentes em cada prática meditativa, mas, de forma geral, sente muita leveza da cintura para cima e as dores que sente no joelho devido a um desgaste nas articula-

ções diminuem quando medita. Afirma que costuma "sair do ar" e ver luzes coloridas em sua mente. Em uma das ocasiões, afirma ter visto um "furação" de cor lilás claro que descia em direção à Terra, e um roxo escuro em frente ao rosto. Disse que, neste dia, relaxou muito e quase dormiu. Afirmou que se sente bem e mais disposta nos dias em que vê muita luz branca e dourada na sala de meditação e quando suas mãos ficam quentes.

Em suma, podemos dizer que a Meditação Integrativa e as demais técnicas da TVI são importantes ferramentas para os projetos de anima-ação cultural que se preocupam com a autorrealização no mundo contemporâneo, caracterizado pela esquizofrenia e pelo excesso de estímulos.

Neste estudo optamos em realizar uma "analética"[7] junto aos idosos *médiuns* utilizando a perspectiva da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos e concordando com OLIVEIRA, quando afirma:

> *envolver-se pelo trabalho, a vontade de melhor conhecer, o saber e o sabor da convivência, nos remete a pensamentos e sentimentos, que do nosso ponto de vista não são antagônicos à rigorosidade científica, ao contrário, atribuem ao fazer ciência um especial rigor: amorosidade, aco-*

7 Enrique DUSSEL (1982) entende por método analético o movimento de aceitação ética da alteridade, do rosto do outro em um compromisso libertário a partir da real história vivida, sendo capaz de ouvir a voz daquele que clama de forma aflita, oprimida e excluída, construindo um diálogo entre iguais.

> *lhimento, indignação, esperança, simplicidade, colaboração. Um desejo de tornar-se mais humano, de humanizar-se no sentido de vida mais justa. Por essas razões, com essas posturas e por esses meios, buscamos conhecer e compreender processos educativos próprios a práticas sociais.* (2014, p. 43)

Mas é importante sempre ressaltar que não somente os *médiuns* podem se beneficiar com a técnica. Professores e outros profissionais que lidam com o público e sofrem um tipo agudo de estresse classificado pelos profissionais da saúde como *Burnout* também se sentem aliviados após cada sessão. Mas é importante ressaltar sempre o objetivo animagógico que motivou sua criação e sua prática: mais do que a cura, o que se busca com a prática da Meditação Integrativa é o desabrochar do *Homo spiritualis*, uma nova maneira de Ser no palco da vida humanizada e encarnada, um ser humanizado liberto de dogmas religiosos, mas liberto também do neurocientismo contemporâneo e que se torna capaz de vivenciar com habilidade espiritual a vida cotidiana.

Considerações finais

Ficou conhecido como a "Década do Cérebro" o período que foi de 1990 ao ano 2000. Nunca se investiu tanto em pesquisas para decifrar o funcionamento desse órgão que muitos cientistas acreditam ser capaz de criar todas as percepções, emoções e pensamentos que vivenciamos em nossa existência humana. O avanço alcançado no período fez com que alguns estudiosos mais afoitos proclamassem a "comprovação" da não existência de Deus e muito menos da chamada "realidade espiritual". Outros passaram a trabalhar com um conceito de espiritualidade não-espiritualista, partindo do pressuposto que há uma área no cérebro capaz de criar os fenômenos chamados de devoção, paz interior e outros associados com a espiritualidade, mas que não passariam de funções biológicas sem relação com transcendentalismo. Essas ilações filosóficas inspiradas por pesquisas no âmbito da neurociência resolvemos chamar de neurocientismo.

Porém, tais pesquisas científicas sobre o cérebro não estariam demonstrando apenas o que muitos mestres espiritualistas

orientais e ocidentais sempre afirmaram? Em outras palavras, que as percepções, as emoções e os pensamentos são "ilusórios" e não o Real? Para estes mestres, o Real só poderia ser atingido quando se transcende os atributos do ego (percepções, sensações, emoções, formações mentais etc.) que seriam criações conscienciais que dependem do cérebro e dos estímulos que nos chegam do exterior.

Algumas abordagens científicas não-ortodoxas com a de David BOHM (2008) propõe pensar a relação consciência/realidade, propondo que o Universo é uma totalidade indivisível e que a parte por nós percebida pertence a "ordem explícita" que, por sua vez, é um desdobramento de uma "ordem implícita". Ele não afirma necessariamente que esta última é o plano espiritual, porém, é possível fazer tais ilações a partir de seus pressupostos.

Assim, e se aceitarmos que vivemos imersos em uma vasta rede de vibrações e oscilações energéticas e o que vivenciamos e chamamos de realidade ou de mundo é uma pequena parte dela, criada com o auxílio do cérebro, a partir das ondas que ele é capaz de transformar em percepções, sensações, formações mentais e emoções, talvez existam outras que não são capazes de sensibilizá-lo, mas que fazem parte da "ordem implícita" a ser ainda descoberta.

Essencialmente, o que identificamos como sendo o mundo material é apenas um tecido ou campo onde bilhões de partículas/ondas em movimento (*elétrons*) arrastam turbilhões de ondas eletromagnéticas das mais variadas frequências, sem se misturarem, como acontece com as ondas de rádio e de TV captadas por antenas receptoras e aparelhos específicos capazes de fazer a decodificação dessas vibrações

e transformá-las em imagens ou em sons. Comparando de forma grosseira, os órgãos do sentido e o cérebro parecem funcionar de maneira similar para que possamos enxergar mesa, cadeiras, corpos físicos, ruas, árvores, Sol, Lua etc. Porém, nada impede que não possam existir outras ondas ou vibrações no ambiente que não são capazes de serem transformados em "realidade" para a maioria das pessoas e, por isso, dizemos que estão alucinando os que enxergam ou ouvem muito mais do que os que se consideram "normais". E esta hipótese em nada se assemelha ao pensamento solipsista que afirma ser a matéria uma projeção mental e que a matéria só surge quando olhamos para ela.

Do ponto de vista fenomenológico, o mundo é um só, mas apreendido de forma distinta por cada um. A percepção não é algo meramente biológico, mas relacionada diretamente com a representação que é construída cultural e socialmente.

Apesar de estar na moda relacionar física quântica com espiritualidade, este ramo da ciência, como bem salientou BACHELARD, instaura o materialismo racional, rompendo com o materialismo empírico. É por isso que a maioria dos cientistas que atuam nesse campo do conhecimento acredita no acaso e no "indeterminismo quântico", não aceitando a hipótese de existir uma finalidade providencial ou divina por trás de todo esse processo de produção da vida.

E é o cientismo, ideologia criticada por Paul FEYERABEND (1977), um dos motivos que nos faz acreditar cegamente na palavra de um psiquiatra ao afirmar que tudo aquilo que vai além da percepção "normal" é "alucinação", considerando como uma patologia mental todo o potencial percep-

tível dos videntes e dos clarividentes, e não darmos nenhuma atenção àquele que fala, tratando-o como esquizofrênico.

Porém, se pensarmos que, dentro de uma sala iluminada, somos capazes de perceber paredes, poltronas e outras pessoas dentro delas graças aos *fótons* que após refletirem nesses corpos sensibilizam a retina dos nossos olhos para, em seguida, serem transformados em pulsos elétricos que serão levados até o cérebro onde a imagem dessa parede será criada (e não só a imagem, também a sensação de que a parede é lisa e não rugosa) por que não podemos aceitar que possam existir outras ondas ou vibrações que não sensibilizam e por isso não são transformadas em realidade pelo cérebro?

Em outras palavras, se o cérebro da maioria das pessoas só é capaz de criar essa decodificação do ambiente, por que afirmar que está "alucinando" a pessoa que, além da parede, diz que vê, encostados nela, um índio nu, um médico e um hindu com turbante? E por que será classificado como "delírio" o fato de alguém ouvir o que dizem os seres citados acima?

Não existe diferença entre o "delírio" da psiquiatria e a clariaudiência estudada pela parapsicologia, pelo espiritismo ou pelos ocultistas. Apenas a interpretação é diferente. E por que uma é considerada verdadeira e a outra não? Se a diferença está apenas na interpretação, FEYERABEND (1977) está correto ao criticar o cientismo e dizer que a educação não deve ser vinculada à religião, mas também não deve ser vinculada à ciência. Um verdadeiro cético é aquele que questiona as duas posições e não o que aceita uma e afirma que a outra é errada. Esse não passa de um pseudo-cético já que as duas interpretações são

metafísicas, tanto a que considera a consciência um epifenômeno da matéria como a que considera a consciência independente dela.

No exemplo acima, pela perspectiva da psiquiatria, considerada cientifica, e por isso mais "verdadeira", seria impossível existir encostados na parede o índio nu, o médico e o hindu de turbante. Porém, para a pessoa que diz vê-los e ouvi-los, eles existem. Ou seja, do ponto de vista fenomenológico, ou da existência perceptiva de quem afirma vê-los, eles são reais.

E dentro deste contexto podemos formular uma hipótese: a de que o cérebro, por mais maravilhoso e complexo que seja, talvez não tenha sido programado para transformar em realidade todas as vibrações visuais, olfativas, sonoras etc. que existem no Universo, na Biosfera ou em outras dimensões. Pode ser que apenas parte das ondas que vibrarem dentro de determinados limites serão decodificadas pelo nosso cérebro. Em outras palavras, o que chamamos de realidade pode ser apenas uma ponta de um imenso *iceberg*, apenas a decodificação de uma parte ínfima das vibrações e energias que existem ao nosso redor, que derivam ou são desdobramentos de outras, e que o nosso cérebro ou o da maioria das pessoas consegue transformar em percepções, sensações, formas materiais etc.

Talvez David BOHM esteja correto e, na totalidade do Universo, para além da ordem explícita, há uma implícita ainda desconhecida da ciência. E o cérebro não seria necessariamente um criador de realidades, mas um redutor da Realidade. Por exemplo, ao nosso lado, nesse momento, pode existir vários seres incorpóreos e uma infinidade de objetos que não consegui-

mos ver ou tocar, mas que vibram em uma outra dimensão. Um *médium* vidente poderia, usando seus poderes psíquicos ou mediúnicos, nos descrever vários fatos que estão acontecendo dentro de um ambiente, mas que escapam da nossa percepção dita normal, criada pelo ego, a "consciência humanizada da personalidade".

Os *médiuns* videntes seriam pessoas que, por alguma razão ainda desconhecida, conseguiriam transcender a barreira da "normalidade" e, assim, conseguiriam decodificar outras ondas energéticas, não necessariamente através do cérebro, de forma que conseguiriam realmente estabelecer comunicação visual ou auditiva com seres incorpóreos, decodificando ondas visuais e sonoras que o cérebro da maioria das pessoas não está programado para fazer.

E como a observação está diretamente relacionada ao "instrumento da observação" aquilo que é chamado de "delírio" pode ser um fato psíquico natural chamado pelos ocultistas de "clariaudiência". E muito do que é classificado como "alucinação" pode ser, dentro de um outro ponto de vista, "clarividência". Tudo dependerá, portanto, da interpretação ou do "instrumento de observação".

Acredito que há inúmeras evidências para se acreditar que a vida pode não terminar com a morte física, o que nos levaria a pressupor que há uma distinção fundamental entre a vida e a existência. Do ponto de vista da Animagogia, a vida seria a do Espírito que, provavelmente, possui uma única vida, mesmo que se processe ao longo de várias existências. E a consciência do Espírito ao se humanizar seria o *Self*, capaz de "arquivar" as experiências vividas em cada existência humanizada do Espírito, enquanto uma "individualidade humanizada".

Esta, por sua vez, a cada nova encarnação, criaria um novo ego, uma nova consciência humanizada da personalidade. Em outras palavras, para cada existência, para cada ciclo de nascimento e morte, seria necessário velar a consciência da individualidade (*Self*) que vibra em uma outra dimensão (Noosfera) para que possamos acreditar nos valores e percepções próprias da nova existência, ou seja, que "somos" homens ou mulheres, brancos ou pretos, brasileiros ou argentinos, torcedores do Corinthians ou do Palmeiras, entre outras particularidades que desaparecem quando se atinge estados ampliados de consciência, como são, por exemplo, os estados espirituais como o *samadhi*.

O ego, portanto, passaria a ser o responsável pela criação de uma realidade, mas não do Real. Ele é importante para vivenciamos as formas materiais em três dimensões e as percepções captadas pelos sentidos. E não estamos aqui defendendo o ponto de vista solipsista que afirma que a matéria é uma projeção mental ou que a matéria só passa a existir quando olhamos para ela ou que, pelo pensamento, podemos mudar o passado. Mas o ego parece agir como se estivéssemos sob um "estado hipnótico" que nos impede de pensar e agir como Espíritos que possuem atributos inerentes, como a capacidade de amar, ser feliz ou viver em paz qualquer vicissitude. E quanto mais identificação com as verdades que o ego nos apresenta, mais sofrimento com as percepções, emoções e representações mentais que ele cria a partir dos cinco sentidos.

Ao mesmo tempo, quanto mais o ego se integra ao *Self*, a consciência da individualidade ou das percepções interiores, maior a capacidade de resiliência e de paz

interior diante das vicissitudes da vida humanizada e encarnada.

E por que tememos tanto a morte? Por ela marcar a finitude da vida? Ou será que é por acreditamos nas verdades impostas pelo ego e não nos lembramos de que somos Espíritos eternos vivenciando mais uma experiência humanizada? O medo da morte costuma desaparecer quando os atributos do Espírito são despertados e se vivencia a experiência humanizada com habilidade espiritual, desabrochando o *Homo spiritualis* na vida cotidiana, defende a Animagogia.

Dentro dessa mesma linha de raciocínio, podemos nos perguntar: existe diferença significativa entre o que chamamos de estado de vigília e o que chamamos de sonho? Quando sonhamos, raramente temos consciência de que estamos dentro de um sonho. Dele participamos ativamente como se fosse realidade. Por isso, nos sonhos também sentimos os objetos, enxergamos e conversamos com outras pessoas, muitas delas desconhecidas ou que nunca vimos durante o estado de vigília e ainda é possível se praticar o ato sexual ou levar um choque. As sensações costumam ser tão reais que só ao acordarmos vamos nos aperceber que estávamos sobre a cama o tempo todo e que tudo não passou de um sonho.

Assim, quando despertamos, nossa tendência natural é a de acreditar que voltamos para o "mundo real" e que todas as percepções, sensações e emoções vivenciadas durante o sonho foram "ilusórias", criadas por algum mecanismo do cérebro. Porém, não poderia estar acontecendo o mesmo no que chamamos de "mundo real"? Ou seja, quem sabe um dia iremos acordar do "mundo real" da mesma forma

como acordamos diariamente do mundo dos sonhos, e vamos perceber que tudo aquilo que acreditávamos ser real era apenas uma parte de um mundo muito maior, onde existem outras cidades e reencontramos parentes e pessoas amigas já falecidas?

Caso isso aconteça, vamos tomar consciência que a vida não termina com a morte física e que existe um Universo implícito do qual acreditávamos estar afastados e que as descrições ou as narrativas visionárias dos *médiuns* ou dos sensitivos não eram tão alucinadas assim.

Esse despertar, portanto, seria uma forma de "ressurreição". Porém, talvez não seja o melhor para nós nos libertar desse outro tipo de sonho criado pelo ego somente após o nosso desencarne, ou seja, quando, em tese, nos tornaríamos um Ser humanizado incorpóreo. Se fizermos nossa "ressurreição" agora, despertando os atributos do Espírito, talvez deixemos de sofrer com as vicissitudes, deixemos de emanar energias que não sejam amorosas para o Universo e para quem pensa diferente.

A Animagogia postula que antes de encarnar escolhemos um gênero de existência. Assim, nossa existência não aconteceria por acaso. Ela teria uma finalidade providencial. E as enfermidades, físicas ou psíquicas, excluindo as *cármicas*, aconteceriam como um sinal de que a nossa existência estaria em conflito com o propósito anteriormente escolhido. E o despertar dos atributos do Espírito seria uma forma de parar com a emanação e a captação de energias e sentimentos que nos deixariam doentes, com câncer, úlcera e tantas outras enfermidades físicas, emocionais e mentais.

Ao "ressuscitarmos", ainda no corpo físico, ainda enquanto um Ser humanizado encarnado, tornaríamo-nos menos ambiciosos e venceríamos também a tentação de julgar o mundo em que estamos momentaneamente inseridos em termos de padrões ilusórios: "certo" e "errado", "bem" e "mal", "superior" e "inferior", entre outras dicotomias que nosso ego é capaz de criar. Em suma, enquanto acreditarmos nas percepções, emoções ou pensamentos gerados pelo ego com o auxílio do cérebro, o mais provável é deixarmos escapar a felicidade, o estado natural do Espírito, e vamos ser seduzidos para sentir alegria ou tristeza, euforia ou desespero de acordo com as vicissitudes da existência humanizada encarnada, segundo a Animagogia.

Esse "ressuscitar" é o objetivo do processo de individuação, da metanoia e da Animagogia. E talvez seja este o sentido da existência humanizada e encarnada para o Espírito. Este para "evoluir" e se "iluminar" talvez precise passar por experiências humanizadas com a sua consciência verdadeira velada para provar, a si mesmo, que é capaz de ser feliz sem condicionar sua felicidade na conquista de "riquezas ilusórias": bens materiais, bens sentimentais e bens culturais. Talvez seja por isso que o Espírito precise ser "hipnotizado" ao encarnar para acreditar que é "pai", "mãe", "irmão", "avô" ou "filho" e sofrer quando alguém por quem sente apreço desencarna.

O papel do ego parece ser o de fazer o ser humanizado lamentar a morte e não fazê-lo ter a esperança que o mundo espiritual é Real, pois teríamos vindo de lá e para lá retornaríamos. Essa "ressurreição" que acontece quando o ego é integrado ao *Self* e se desperta os atributos do Espírito é uma forma de compreender que somos Es-

píritos eternos passando por mais uma experiência humanizada. Alcançar essa consciência ainda preso a um corpo físico torna o fardo da existência muito mais leve e ajuda a superar a morte, afirma a Animagogia. Talvez essa seja a maior e a mais importante libertação que se possa alcançar durante a existência histórica, talvez até mais significativa que a libertação da opressão socioeconômica e da sociocultural, o que não significa dizer que estas não são também importantes.

Podemos agora voltar àquela pergunta que fiz no inicio das considerações finais. Será que as pesquisas sobre o cérebro demonstram realmente que a realidade espiritual não existe ou elas vão ao encontro dos ensinamentos de mestres cristãos, budistas, hinduístas e taoistas? Estes, por exemplo, nos ensinam a se libertar de todos os tipos de apegos e de aversões, pois só podemos manifestar apego ou aversão às formas materiais perceptíveis. E se todas elas são apenas uma parte da realidade significa que são "ilusórias", ou parte de uma realidade maior, pois não nos permite perceber tudo o que, de fato, acontece ao nosso redor.

Em nenhum momento afirmamos que tais pesquisas estão erradas, apenas as conclusões é que parecem precipitadas. Por exemplo, quando um psiquiatra constata que o seu paciente está "delirando" quando ouve vozes acusadoras ou pedem que façam coisas que socialmente não são aconselháveis, por que imediatamente tratar essas vozes como algo irreal? Por que não considerar que pode haver sim seres incorpóreos que nutrem o desejo de vingança por aquele que consideram rival, inimigo ou como alguém que os prejudicou nos negócios ou em outro ramo qualquer

da sua existência humanizada? Por que desprezar os fenômenos que o espiritismo, a umbanda ou a apometria chamam de "obsessão" e outros ramos espiritualistas de "assédio extrafísico"?

Um outro fato interessante é aquele classificado como zoopsia, ou seja, as "alucinações" do alcoólatra que vê animais peçonhentos como cobras e aranhas por todos os lugares ou envolvendo seu corpo. E se essa "alucinação" não for tão alucinada assim? E se tais formas existirem em uma outra dimensão, invisível para nós. Esses mesmos bichos que o alcoólatra enxerga embriagado, muitos sensitivos com vidência afirmam enxergar sem o uso de drogas ou qualquer produto alucinógeno. Em trabalhos mediúnicos como a apometria, os sensitivos costumam relatar a presença de vários seres deformados ou com formas animalescas ao lado de alcoólatras, sugando suas energias e outras coisas que nem imaginamos que possa estar acontecendo.

A Animagogia, enquanto um processo educativo voltado para despertar os atributos do Espírito, afirma que o cérebro é um redutor da realidade e uma experiência que ajuda muitas pessoas a aceitarem a existência de outras dimensões a psiquiatria classifica como "alucinações autoscópicas": a capacidade que muitos sensitivos possuem de sair do corpo conscientemente, ou seja, o que o espiritismo chama de "desdobramento" e outras linhas espiritualistas de "viagem astral".

Essa capacidade do ser humanizado, fundamental para tomarmos consciência de que a vida material é uma redução da realidade, é classificada pelos especialistas em cérebro como um outro tipo de "alucinação". Porém, se o cérebro físico só é capaz de transformar em realidade parte das vibra-

ções que estão ao nosso redor, o "cérebro" do desencarnado ou daquele que consegue "sair do corpo" conscientemente percebe e interage com outras realidades imperceptíveis para nós. Não discordamos quando um psiquiatra conclui que todas as percepções, sensações, emoções e pensamentos são produzidos pelo cérebro, inclusive a noção de tempo e de espaço. Mas podemos ir além e dizer que o cérebro, pelo menos o da maioria das pessoas, não é capaz de processar todas as vibrações que existem ao nosso redor, daí ser muito pueril acreditar que somente aquilo que o nosso cérebro consegue transformar em realidade é Real.

Assim, se o *médium*, por alguma razão ainda desconhecida, é capaz de criar outras percepções é de uma grande superficialidade já rotular tais percepções como alucinação, delírio ou outra classificação patológica qualquer e não como parte da realidade, pelo menos daquela pessoa. No depoimento de RG, apresentado acima, que pode ser acessado na *internet* e que foi publicado também no livro *Gênero e Espiritualidade: introdução ao estudo das imagens e do imaginário do invisível*, ele narra que descobriu que era vidente quando foi a um determinado centro e, vendo tudo o que acontecia na "quarta dimensão" foi surpreendido por um representante do centro que descreveu o mesmo cenário. Até aquele momento, ele acreditava que era esquizofrênico e estava alucinando, já que tudo aquilo que via era coisa da "cabeça dele".

Enfim, com exceção da abordagem *transpessoal*, as experiências místicas ou os estados ampliados de consciência ainda são classificados predominantemente como neurose, regressão a estágios intra-uterinos etc. A Psicologia Transpessoal é uma das raras abordagens que pressupõe a existência

do Ser espiritual e também que este se aprimora ao longo de várias encarnações. Mesmo assim, ela ainda não adquiriu cidadania acadêmica. Nem JUNG é estudado na maioria dos cursos de Psicologia no Brasil.

Em nossa opinião, a fenomenologia mediúnica poderia contribuir e muito para o avanço da Psicologia Transpessoal no Brasil que, em outros países, concentra suas pesquisas em outras experiências espiritualistas mais associadas às culturas orientais. A pessoa que experimenta estados ampliados de consciência seja através de contatos com seres incorpóreos, abertura para vidas passadas ou de outros fenômenos anômalos, não encontra as melhores palavras para explicar o fato para aquele que nunca viveu tais experiências, porém, o importante é que para absorver a nova informação e a energia que contém tais experiências toda a personalidade necessita se reestruturar, superando velhos hábitos, velhos paradigmas, bloqueios psicológicos e religiosos etc. E aqui entra o trabalho central da Animagogia.

Essa mudança reflete no âmbito da saúde, pois o enfoque deixa de ser a doença para se centrar no pensamento, nos sentimentos e nas atitudes que estão por trás das enfermidades e, no educativo, no despertar dos atributos do Espírito através do auxílio de diferentes técnicas psicossociais, corporais e meditativas, realizadas, por exemplo, através de projetos de anima-ação cultural.

Com o desabrochar do *Homo spiritualis,* um novo modo de Ser no mundo técnico-informacional contemporâneo, uma diferente modalidade de Ser que possui uma mente universalista e livre de amarras doutrinárias, apesar de sua abertura neg-entrópica para as contribuições da psicosofia espiritista, budista, umbandista, hinduísta, taoista, teosófica, católica etc., aceita-se, com naturalidade

o fato de que somos seres espirituais que retornará para o "verdadeiro lar" ao fim de mais uma jornada sociocultural e educativa destinada ao aprimoramento (aquisição de experiência e sabedoria) do nosso Ser eterno.

O termo anima-ação cultural é utilizado na ONGCSF para representar toda e qualquer projeto sociocultural e educativo que tenha como objetivo o despertar dos atributos do Espírito durante a experiência humanizada, sem preocupação doutrinária, de forma que seja possível vivenciar com habilidade espiritual toda e qualquer vicissitude.

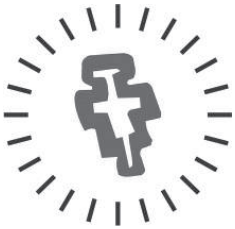
O que poderíamos indicar como característica central da anima-ação cultural é o seu "modo de pensar" residual, ou seja, "impuro". Ela se formula na trajetoriedade entre o conhecimento produzido pela ciência contemporânea e as psicosofias (sabedorias espirituais) das diferentes religiões e filosofias reencarnacionistas. Porém, seu campo de ação não é o religioso, mas o cultural. É nesse âmbito que sua função simbólica se concretiza e que possamos contribuir, modestamente, para a realização do ser humanizado como "neótono neg-entrópico", ou seja, como um ser aberto para o mundo, lúdico-explorador, permanentemente incompleto e inacabado.

A inter(in)venção sócio-educativa e cultural promovida pelo animagogo (o agente da anima-ação cultural) poderá ser realizada com diferentes grupos sociais, envolvendo crianças, adolescentes, adultos e idosos (e até desencarnados, dependendo do caso). Não há dúvidas que se trata aqui de um tipo peculiar de educador. De certa forma sua ação ocorre no tempo livre do grupo e não é o ambiente escolar o seu principal *locus* de atuação, a não ser com grupos de idosos que frequentam programas de educação

não-formal em instituições como são as Universidades Abertas da Terceira Idade.

O trabalho do animagogo visa o (re) envolvimento humano, em outras palavras, construir pontes entre a "luz e a sombra" ou entre a "vigília e o repouso", ou seja, re-ligar os dois polos do imaginário, o "diurno e o noturno". Talvez por essa característica transicional, a anima-ação cultural busca favorecer a amizade e a cooperação. As atividades culturais relacionadas com "saúde holística", "meio ambiente", "espiritualidade", entre outras, são as que mais se relacionam com a anima-ação cultural. São frequentemente as atividades de introversão ou que apresentam forte homologia com a Alquimia que nos ajuda a reconhecer que é através de nós, mas não a partir de nós (ou seja, de dentro da personalidade, mas não a partir do ego) que encontramos muito do que necessitamos, mas que, por não termos consciência desse fato, procuramos, desesperadamente, do "lado de fora". As atividades que compõe um projeto de anima-ação cultural têm como função fazer brilhar dentro de nós, ainda que tenuamente, a vida e a luz que não emana de nós (em outras palavras, do ego), mas que, no entanto, está dentro de nós. Em suma, o processo de (re)envolvimento humano pressupõe trazer um pouco da alma oriental para o ocidente, pois como bem salientou JUNG:

> *... o homem ocidental procura sempre a exaltação, e o oriental, a imersão ou o aprofundamento. Parece que a realidade exterior, com sua corporeidade e peso, domina o espírito europeu com muito mais força e maior intensidade do que o faz com o hindu. Por isso o primeiro procura elevar-se acima do mundo, enquanto o segundo retorna, de prefe-*



> *rência, às profundezas da mãe natureza*.... (o homem ocidental parece) *que não descansará enquanto não tiver contaminado o mundo inteiro com sua agitação febril e sua cobiça desenfreada*" (1990:107-125).

A anima-ação cultural tende a valorizar a neg-entropia e, do ponto de vista hermenêutico, a dimensão simbólica de cada grupo. O processo de criação tende também a promover a dimensão "fática" da vida humanizada, de forma que o processo educativo não se prenda tanto ao conteúdo, seja este "crítico", "civilizador", "revolucionário" etc., para valorizar o afetual, o simbólico e a interação social. Assim, pode-se dizer que a anima-ação cultural é, sobretudo, uma inter(in)venção cultural, em suma, um programa elaborado *junto* com o grupo e não *para* o grupo.

E nesta modesta pesquisa procuramos realizar uma breve reflexão e uma tentativa de sistematização da prática da Meditação Integrativa, uma atividade que é realizada nos vários projetos de anima-ação cultural da ONGCSF e no contexto da Gerontagogia Holonômica, apresentando, descrevendo e compreendendo fenomenologicamente alguns processos educativos que a mesma possibilita, e a prática da Meditação Integrativa com um grupo-sujeito formado por idosos que afirmam serem *médiuns*, ou seja, que dizem ter a capacidade de enxergar, ouvir Espíritos e, em alguns casos, "incorporar" ou "dar passagem" para que seres incorpóreos se manifestem através de seus corpos.

Um sintoma comum apresentado por estas pessoas são as "perturbações psíquicas" vivenciadas no cotidiano, fruto do contato com as "vibrações desarmônicas"

de pessoas e de lugares frequentados. A prática da Meditação Integrativa, segundo elas, traz harmonia e equilíbrio. Porém, acreditamos que mais do que esse resultado imediato de bem-estar, elas favorecem a "mudança interior", ou seja, a metanoia, a individuação ou o processo animagógico necessário para o *médium* vivenciar esse potencial psíquico de forma sadia, sem afetar o seu cotidiano.

Empiricamente, os participantes costumam relatar que, ao praticar, sentem que a "tristeza" diminui ou que ela ajuda a ter mais "energia" e "força de vontade" para viver ou para enfrentar as dificuldades da vida e, inclusive, aceitar a morte de um ente querido e a própria morte. Vários alunos já relataram que após a prática meditativa sonharam com parentes já falecidos e que, após o sonho, superaram o luto, a tristeza ou, até mesmo, a depressão.

Do ponto de vista das estruturas antropológicas do imaginário, na linha proposta por Gilbert DURAND, identificamos na Meditação Integrativa um sistema imaginário complexo e paradoxal que, com frequência, opõe-se ao pensamento heroico predominante no modelo biomédico oficial e na educação escolar brasileira, fundamentalmente, materialistas. A prática da Meditação Integrativa nos remete aos esquemas verbais, mitemas e elementos simbólicos associados ao imaginário "noturno", seja ele do tipo "místico" ou "dramático", segundo a terminologia própria de Gilbert DURAND (1997).

E como já salientamos, a produção simbólica e imaginária que ocorre em uma sessão de Meditação Integrativa pode ser interpretada como um mero relaxamento mental, sem nenhuma consequência "mística", mas pode também ser que estejamos,

de fato, diante de fenômenos associados ao *mundus imaginalis* e em contato com uma dimensão transcendental, invisível para a maioria das pessoas, mas que influencia no cotidiano de muitos cidadãos, dando sentido e até mesmo segurança e equilíbrio físico, mental e emocional, promovendo a metanoia e, portanto, facilitando o processo de individuação e de autorrealização daquela pessoa, despertando os atributos do Espírito e ajudando-a a viver com habilidade espiritual sua vida humanizada.

E entre as pessoas que afirmam se beneficiar com a técnica está a população idosa que possui mediunidade. E foi, sobretudo, pelos relatos destas pessoas que convivem com a prática da Meditação Integrativa, desde 2004, que nasceu o interesse em realizar essa pesquisa de pós-doutorado que acreditamos possibilitar, de alguma forma, uma pequena e modesta contribuição para melhor compreender e buscar soluções para os "problemas religiosos e espirituais" na educação, como já acontece de forma incipiente no campo da saúde. Obviamente que o estado laico não deve se vincular a uma religião, porém, para a consolidação de uma sociedade livre, ou seja, onde todas as tradições possam ter iguais direitos e igual acesso aos centros de poder e decisão, se torna cada vez mais necessário se defender do cientismo, ou seja, a ideologia criticada por FEYERABEND (1977) e que nega e ataca através de um pseudo-ceticismo, muita vezes de forma violenta, tudo o que possa ser vinculado com religião, "pseudo-ciência", esoterismo etc.

O ceticismo é uma atitude saudável e necessária para as pesquisas científicas, mas nota-se no cientismo muito mais uma manifestação de pseudo-ceticismo, uma

atitude violenta de negar ou criticar como superstição qualquer coisa que transcenda o racionalismo instrumental ou positivista. E, no caso da educação, seja ela escolar ou não, sobretudo quando se atua com idosos, quase sempre já desimpedidos das imposições, responsabilidades e obrigações do mundo do trabalho, colocar em prática as ideias de FEYERABEND (op. cit.) é permitir também aos alunos decidir sobre o processo educativo que desejam vivenciar, elegendo, inclusive, as disciplinas que desejam cursar ou atividades das quais querem participar ou temas que desejam discutir e como os discutir.

Quando o processo educativo passa a respeitar e valorizar o cotidiano, a história de vida, os valores pessoais e a singularidade de cada aluno, sobretudo dos idosos, o tema espiritualidade costuma aparecer com destaque. Reflexões sobre transcendentalismo, vida após a morte e outros assuntos espiritualistas costumam ser do interesse da pessoa idosa. Obviamente que não estamos aqui defendendo a reintrodução no processo educativo de um ensino voltado para doutrinação ou para proselitismo religioso, mas compreendendo que a espiritualidade é um dos assuntos que mais intrigam a humanidade, pois lida diretamente com questões básicas: *Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?* não há motivo para negligenciar essa dimensão da vida humanizada.

Apesar do preconceito e estigma que o tema ainda enfrenta no meio acadêmico brasileiro, fortemente ideologizado, alguns passos já foram dados para que se possa instituir uma outra forma de pensar ou de criação de um outro paradigma mais humano, fratriarcal e compreensivo.

Este estudo foi conduzido tentando

aproximar os referenciais da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, voltados, sobretudo, para a transformação social através da *práxis* histórica, em confluência com as contribuições fenomenológicas do chamado "círculo de Éranos", grupo criado em 1933, na Suíça, e que reuniu por décadas diferentes pesquisadores que se dedicaram ao estudo do tema espiritualidade, como Carl Gustav JUNG, Gilbert DURAND, Mircea ELIADE, James HILLMAN, Rudolf OTTO e Henry CORBIN, entre tantos outros.

Também procuramos enfatizar a importância do referencial quântico de David BOHM, com sua teoria sobre o holomovimento, e o trabalho realizado pela ONGCSF, de 2003 aos dias atuais, no qual o pensamento de LÉVINAS e de Paulo FREIRE sustentam o caráter libertário, de respeito ao Outro e de construção da alteridade presentes em seus projetos de anima-ação cultural.

A tentativa da ONGCSF de colocar em prática uma proposta de educação integral dentro da perspectiva da Antropolítica do (re)envolvimento humano, após séculos de (des)envolvimento, ou seja, de destruição de vínculos comunitários e de uma relação insustentável com o meio ambiente, entre outras características de um processo tipicamente *prometeico* e heroico, não é fácil. Propor um caminho diferente, não necessariamente de retorno ao passado através de uma resistência conservadora das tradições (*saturniana*) ou fazer um culto ao irracionalismo, fugindo da realidade através das drogas (*panfílica*), mas propondo um diálogo entre o mundo não-moderno e o moderno, valorizando uma relação que poderíamos denominar de *hermesiana*, sustentando uma outra ideia-força pautada

em trocas, diálogos e compartilhamentos, valorizando e construindo a alteridade e o respeito integral ao Outro, sem querer convertê-lo ao Mesmo é a perspectiva do (re) envolvimento proposto e que possui quatro vetores: o *(re)envolvimento com a natureza*, seus ciclos e leis; o *(re)envolvimento com a comunidade*, restabelecendo laços afetuais/topofílicos e valorizando a noção de pertencimento; o *(re)envolvimento com o corpo* e suas necessidades básicas, inserindo o parto humanizado, a alimentação natural e orgânica na vida cotidiana, e, por fim, o *(re)envolvimento com a própria alma*, nossa essência espiritual, noética e sagrada.

Para refletir sobre a dimensão psíquica e noética e entender um pouco mais sobre os mecanismos da mediunidade, partimos das teorias de KANT (1994 e 2005), que interpretou como patológicas as "narrativas visionárias de Swedenborg, o "vidente de espíritos", até chegar à proposta de Gilbert DURAND (1992, 1995 e 1996) de uma arquetipologia do imaginário, na qual o espírito parece ser fruto de um imaginário noturno voltado para eufemizar a morte, ideia que, de alguma forma, é compartilhada por MORIN que, no livro *O método 4 - as ideias*, vai afirmar que a mediunidade existe e que o *médium* realmente dá passagem para espíritos, mas estes morrem junto com o *médium* como se fossem um epifenômeno do cérebro para, finalmente, chegarmos na ideia de Espírito conforme a cultura popular o define: ou seja, como um ser incorpóreo, como a alma de um morto, um fantasma que seria capaz de se comunicar e interagir com os vivos.

Essa concepção é aceita pela Gerontagogia Holonômica, um programa de anima-ação cultural que visa auxiliar no

processo de individuação da pessoa idosa, trabalhando com o seu imaginário e sua relação com o sagrado e o transcendental, inserindo assim, a dimensão simbólica do envelhecimento no processo antropolítico denominado de (re)envolvimento humano.

Apesar de ainda predominar a ignorância sobre a importância da dimensão espiritual e religiosa no processo de envelhecimento, pelo menos no cenário "pós-moderno" em que nos encontramos, caracterizado por velozes mudanças tecnológicas e por processos de secularização e profanação da vida, a consciência da (in) finitude e a busca espiritual autêntica que vários idosos manifestam não podem ser pensadas como "ópio" ou fuga da realidade para velhos indefesos. Ao contrário, tais buscas demonstram que a metanoia, ou o processo de individuação que chamamos também de Animagogia se mostra cada vez mais importante e necessário na educação de idosos.

E a importância do referencial trazido pela Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos se mostrou fundamental em nossa perspectiva hermenêutica, uma vez que a Gerontagogia Holonômica só se processa quando somos acolhidos e temos também a disposição para ser acolhido e a acolher, aceitando o paradoxo (ou seja, o *oxímoron* dos pré-socráticos) e, por conseguinte, a relatividade de todo conhecimento científico, religioso etc. mostrando-se tolerante e respeitoso com o Outro.

Esse processo raramente acontece de uma hora para outra. Um laço afetual, simbólico e de respeito à alteridade exige tempo para ser construído. A convivência, em uma perspectiva hermenêutica, constitui-se no cerne do "saber-fazer" acadêmico ou educativo, pois a experiência vivida nos

habilita para compreender a prática social "de dentro", sem a necessidade de abalar o alicerce mítico ou simbólico do pesquisador ou do grupo a ser pesquisado.

Assim, para o estudo de assunto tão instigante e insólito, é necessário pensar em termos de uma ciência e de uma educação "pós-moderna", no sentido sugerido por LYOTARD (1993), ou seja, capaz de acolher o pensamento "dilemático" ou "anfibólico", em outras palavras, valorizar a ambiguidade que compartilha com o seu oposto uma qualidade comum ou no sentido "analético" de DUSSEL (1982), propondo uma relação entre iguais.

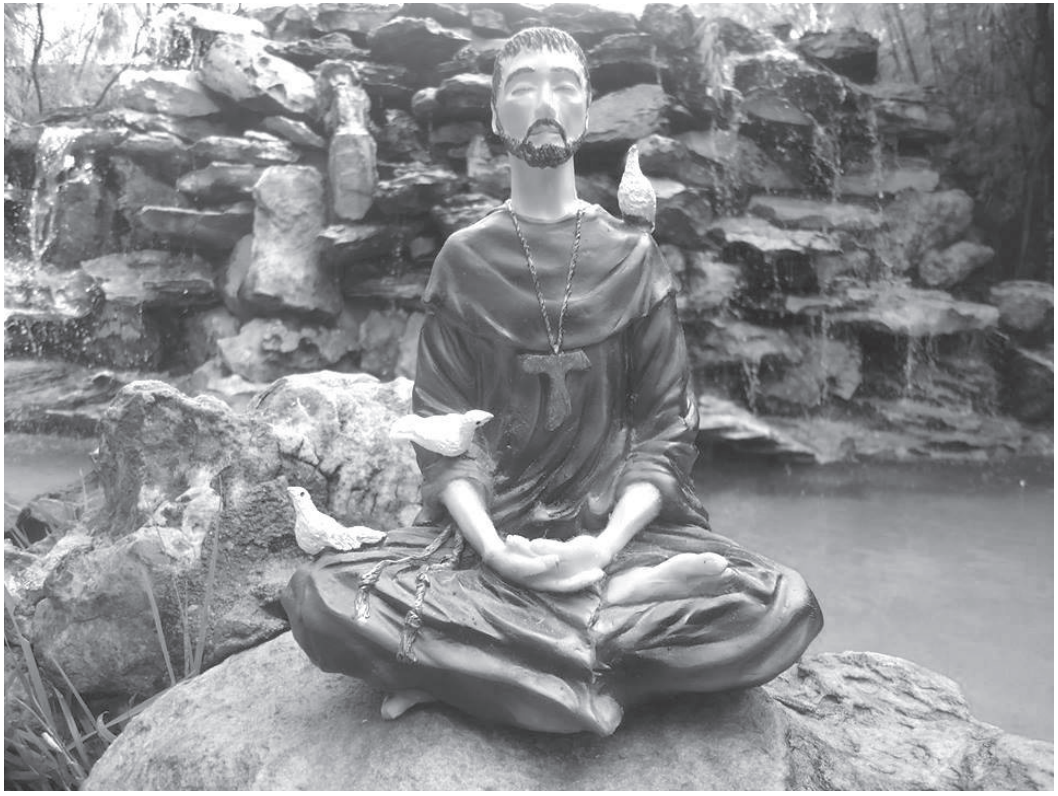
Obviamente, se pautássemos nossa pesquisa apenas em métodos positivistas o resultado seria previsível: a Meditação Integrativa apenas estimularia nos *médiuns* "narrativas visionárias" que não passariam de alucinação. E talvez seja mesmo, mas é importante também acolher um referencial teórico mais receptivo. E como escreveu LYOTARD, a perspectiva da "pós-modernidade" não representa uma condenação às teses da Ciência Moderna, mas a relativização das suas doutrinas absolutas (metanarrativas). O que ele classifica como "ciência pós-moderna" é aquela que assume um papel mais modesto e menos pretensioso, relativizando o saber científico e abrindo-se para outras formas de aquisição de conhecimento (arte, religião, senso comum etc.).

Esta forma de se fazer ciência também se reflete na educação, com o fortalecimento da interdisciplinaridade e a consequente necessidade de contextualização do meio sociocultural em que a prática social a ser estudada está inserida. É neste contexto que podemos compreender o surgimento e o aperfeiçoamento de referenciais teóricos que permitem uma abertura científica

para o estudo dos processos educativos em práticas sociais, trabalhando de forma complementar com diferentes autores que contribuem para se criar teorias e métodos para compreender o sensível e o cotidiano, contribuindo para se consolidar o que atualmente vem sendo chamado de Pesquisa Qualitativa em Educação.

E se as "narrativas visionárias" de quem participa de uma prática de Meditação Integrativa são desconcertantes para a nossa imaginação positivista, antes de descartá-las, podemos aceitar, pelo menos no campo da hipótese, que elas nos colocam em contato com a consciência da (in)finitude, no qual a morte não passa de uma mudança de dimensão. E compreender tais fenômenos exige um tipo especial de imaginação, receptivo ao *mundus imaginalis* das narrativas ali presentes. Em suma, exige uma abertura e uma flexibilidade mental ainda raras no mundo contemporâneo, principalmente nos meios acadêmicos.

E se o que os participantes descrevem ou discutem é "real", só teremos como saber após a nossa própria morte. No momento, são imagens que valem pelas flores que cultivam, enriquecendo sobremaneira a imaginação de quem acessa tais narrativas mitopoiéticas e que compõem o imaginário do invisível com suas narrativas visionárias.



Bibliografia consultada

AUGÈ, M. (org.) *A construção do mundo*. Lisboa: edições 70, 1978.

AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão.* Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar***.** São Paulo: Difel, 1986.

_____. *O novo espírito científico*. São Paulo: Nova cultural,1988.

_____. *Dialética da duração.* São Paulo: Ática, 1988b.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega* (volume II).Petrópolis: Vozes,1989.

BOHM, David. Sobre a criatividade. São Paulo: Edunesp, 2011.

_____. *Totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Madras, 2008.

_____. *O pensamento como sistema*. São Paulo: Madras, 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: EDUSP, 1987.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CAPRA, Fritjof. *O tao da física* . São Paulo: Cultrix, 1983.

CASSIRER, Ernst**.** *Linguagem, mito e religião***.** Porto: rés editora, s/d.

CARVALHO, J. C. P. *Eficácia simbólica como eficácia "imaginal" dos fenômenos "nu-*

minosos": do paradigma holográfico ao imaginário mágico-religioso. Revista Reflexão. Campinas: PUCCAMP, n. 36, 1986, pp.126-154.

_____. *Antropologia das organizações e educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, s/d.

COELHO, Teixeira. *O que é ação cultural?* São Paulo: Brasiliense, 1989.

CORBIN, Henry. *Creative Imagination in the Sufism of Ibn 'Arabi*. Princeton: Princeton University Press, 1969.

DAVID-MÉNARD, Monique. *A loucura na razão pura: Kant leitor de Swedenborg*. São Paulo: editora 34, 1996.

DURAND, Gilbert. *Mito e Sociedade. A mitanálise e a sociologia das profundezas*. Lisboa: A regra do jogo, 1983.

_____. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. *Campos do Imaginário*. Porto: Instituto Piaget, 1996.

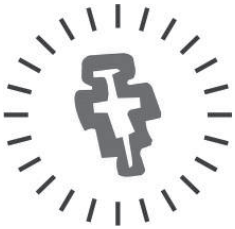
_____. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: M. Fontes, 1997.

_____. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DUSSEL, E. *Para una ética de la liberación latinoamericana I*. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 1973.

_____. *Filosofía Etica Latinoamericana: de la erótica a la pedagógica de la liberación*. Vol. 6/III. México: Ed. Edicol, 1977.

_____. *Filosofia da libertação*. São Paulo: Loyola, 1982.



_____. *Método para uma Filosofia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. *1492: o encobrimento do outro*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Europa, modernidade e eurocentrismo*. In: **LANDER**, Edgardo (org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ELIADE, Mircea. *Imagens e mitos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

_____. *Mito e realidade***.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

FIORI, Ernani Maria. Textos escolhidos volume 1 (metafísica e história). Porto Alegre: LP&M, 1987.

_____. Textos escolhidos volume 2 (Educação e Política). Porto Alegre: LP&M, 1991.

_____. *Conscientização e Educação* in **II caderno de educação popular em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYTAG, Walter. *O fator demoníaco das religiões*. In **SAUTTER**, Gerhard (org.). **New Age: a nova era à luz do evangelho**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1992.

GROF, Stanislav, *Além do Cérebro*. São Paulo: MGraw-Hill, 1986.
_____. *A Mente Holotrópica*. Rio de janeiro, Rocco, 1994.
HARRIS, Sam. *Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
HILLMAN, James. *Encarando os deuses***.** São Paulo: Cultrix/Pensamento,1989.
JUNG, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões***.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
_____. *A Vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1986.
_____. *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
_____. *Fundamentos de psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes, 1991.
_____. *A energia psíquica*. Petrópolis: Vozes, 1994.
_____. *Psicologia e religião oriental.* São Paulo: Círculo do livro, s/d.
KANT, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Kulbenkian, 1994.
_____. *Rêves d'un visionnaire*. Paris: libraire philosophique, 2013.
KNELLER, Jane. *Kant e o poder da imaginação* . São Paulo: Madras, 2010.
LAO-TZU. *Tao te ching* . São Paulo: Attar, 1988.
LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Porto: Edições 70, 1988
_____. ***Ética e Infinito*****.** Porto: Edições 70, s/d
LUIJPEN, Wilhelmus. *Introdução à fenomenologia existencial***.** São Paulo: Edusp, 1973.
LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
MAHARAJ, Rabindranath R. *A invasão espiritual da Ásia no ocidente* In **SAUTTER**, Gerhard (org.). **New Age: a nova era à luz do evangelho**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1992.

MASLOW, Abraham. *El hombre Autorealizado*. Editora Kairós: Barcelona, 1990.
MARQUES, Adilson. *Nossas lembranças mais pessoais podem vir morar aqui: sociagogia do (re)envolvimento e anima-ação cultural*. São Paulo: FEUSP, 2003 (tese de doutorado).
_____**.** *A dimensão quântica do cotidiano: do desenvolvimento de realidades imaginárias ao envolvimento humano através do amor*. XVsimpósio internacional sobre imaginário. Recife: UFPE, 2008
_____. *História oral e transcendentalismo: imagens e imaginário do invisível*. III Colóquio Internacional sobre Educação, Utopia e Imaginário. Niterói: UFF, 2009.
_____. *Educação após a morte: princípios de animagogia com seres incorpóreos*. São Carlos, RIMA, 2011.
_____. *Gênero e espiritualidade: uma introdução ao estudo das imagens e do imaginário do invisível*. São Carlos: RIMA, 2011b.
_____. *História Oral, Imaginário e Transcendentalismo: mitocrítica dosensinamentos do espírito pai Joaquim de Aruanda*. São Carlos: RIMA, 2011c.
_____.*Apometria: a mediunidade e o poder mental a serviço da regeneração da Terra*. SãoCarlos: RIMA, 2011d.
_____.*Envelhecimento e individuação*. In: **SOUZA**, Betulino; **CÂMARA**, Helder(Org.). **Imaginário: novos desafios, novas epistemologias.** Coimbra: CIEDA, 2012. P.59-84
_____. *Programa Homospiritualis: Diversidade religiosa, expressão do espírito e (re) envolvimento humano*. In: V colóquio internacional educação, imaginário,mitanálise e utopia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

_____. *Educação, Espiritualidade e Envelhecimento*. Maringá: Revista de Educação e Complexidade, n.2, jan.2014. Disponível na internet em: http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/KOAN_02/Artigo_EDUCACAO_ESPIRITUALIDADE.pdf

_____. *A animagogia e a valorização do (re)envolvimento humano através da diversidade religiosa*. Belo Horizonte: SOTER, 2014b.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

_____. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *II Caderno de educação popular em saúde*. Brasilia: 2014.

MONOD, Jacques. *Le hasard e la necessite: Essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne* . Édditions du Seuil. Paris: 1970.

MORIN, Edgard. *Ciência com Consciência.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. *O método 4 - as ideias*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____. *O método 5 - a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. *Introdução à política do homem*. Rio de Janeiro: Forense, s/d.

OLIVEIRA, Maria Waldenez/ **SOUSA**, Fabiana Rodrigues (org.) *Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação*. São Carlos: Edufscar, 2014.

OLIVEIRA, Maria Waldenez et al. *Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais.* IN: **OLIVEIRA**, Maria Waldenez/ **SOUSA**, **Fabiana Rodrigues (org.) Processos educativos em prá-**

ticas sociais: pesquisas em educação. São Carlos: Edufscar, 2014.
OLIVEIRA , Maria W. e al. *Processos educativos em práticas sociais: reflexões te[oricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais.* 32ª reunião da ANPED. Disponível na internet em: http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf

REZENDE, Antonio Muniz. *Concepção fenomenológica da Educação*. São Paulo: Corez, 1990.

ROGERS, Carl R. *Um Jeito de Ser*. Editora EPU: São Paulo, 1983.

SILVA, Petronilha B.G. *Práticas sociais e processos educativos: da vida e do estudo até o grupo de pesquisa* In **OLIVEIRA**, Maria Waldenez/ **SOUSA**, Fabiana Rodrigues (org.) **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: Edufscar, 2014.

TINOCO, Carlos Alberto. *As upanishads*. São Paulo: IBRASA, 1996.

UNRUH, Peter. *A nova era no Brasil* In **SAUTTER**, Gerhard (org.). **New Age: a nova era à luz do evangelho**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1992.

WILBER, Ken. *Rumo a uma teoria completa de energias sutis*. Disponível na internet em: http://www.integralworld.net/pt/subtleenergy-02-pt.html

ZAJDSZNAYDER, Luciano. *Travessia do pós-moderno: nos tempos do vale-tudo. Rio de Janeiro*: Gryphus, 1992.

Adilson Marques graduou-se em Geografia (1987-1992), fez mestrado em Educação Comunitária e Multicultural (1993-1996) e doutorado em Antropologia das Organizações e Educação (1999-2003), na USP. Participou das reuniões mediúnicas que deram origem à ONG Círculo de São Francisco, entre os anos de 2001 e 2003, e foi coordenador geral desta organização do terceiro setor entre os anos de 2005-2006 e 2013-2014. É autor de 35 livros e já ministrou cursos de Terapia Vibracional Integrativa (TVI) para mais de cinco mil pessoas, no território brasileiro e também em Portugal. Este livro é o resultado do estágio de pós-doutoramento realizado na UFSCar, junto ao grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos.